



TECA MACHADO

I ♥ NY

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Teca Machado

I Love New York

COLEÇÃO NOVOS TALENTOS DA LITERATURA BRASILEIRA



Copyright © 2013 Teca Machado

Coordenação Editorial: *Nair Ferraz*

Capa: *Monalisa Morato*

Projeto Gráfico e Diagramação: *Project Nine*

Arquivo Eletrônico ePub: [Sergio Gzeschnik](#)

Preparação: *Fernanda Guerriero Antunes*

Revisão: *Patrícia Murari e Novo Século*

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Machado, Marcela

I love New York / Marcela Machado, SP: Novo Século Editora, 2013.

EISBN: xx

1. Ficção brasileira I. Título.

13-09450

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

2013 Edição Digital

Facebook: <https://www.facebook.com/NovoSeculoEditora>

Twitter: <https://twitter.com/NovoSeculo>

Youtube: <http://www.youtube.com/user/EditoraNovoSeculo>

Skoob: <http://www.skoob.com.br/editora/12-novo-seculo>

Blog da Novo Século: <http://www.novoseculo.com.br/blog/>

Para Aninha e Lelê, as sobrinhas
mais lindas que eu poderia ter
neste mundo.

Sumário

Agradecimentos

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Epílogo

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, Rogério e Claudia, por sempre me darem exemplo no mundo da leitura, por me contarem histórias quando ainda não sabia ler, por comprarem milhares de gibis da Turma da Mônica, por me darem livros de presente, por me incentivarem a ler um livro atrás do outro, por me mostrarem filmes antigos maravilhosos e por criarem em mim a cultura literária e cinematográfica.

Agradeço também à minha irmã Marina, que, quando eu estava sem criatividade sobre o que escrever, me deu ideias absurdas as quais nunca poderia usar, mas que me divertiram muito. E até quero agradecer por ela aprontar comigo quando éramos crianças, o que me deu milhões de histórias engraçadas para contar hoje em dia.

Obrigada à Daya e ao Kenderson, meus amigos, que sonharam junto comigo a concepção do *I Love New York*. E também ao Bruno e ao Gabriel, que tornaram o caminho da publicação muito mais breve.

Aos amigos e aos desconhecidos que visitam meu blog *Casos, Acasos e Livros* desde o primeiro dia. Vocês não imaginam a diferença que fizeram em minha vida. As visualizações me incentivaram a escrever e me fizeram perceber que havia gente por aí interessada no que eu tinha para falar.

Obrigada à equipe da Novos Talentos, da Editora Novo Século, por ter acreditado em mim e tornado o meu sonho realidade em tão pouco tempo.

E, é claro, um grande e lindo obrigada para o Caio, que desde o início acreditou em meu potencial, que me incentivou a correr atrás do desejo de ser escritora e que, enquanto eu escrevia, dava uma de editor dizendo: "Final do mês quero ele pronto!". Sem o seu apoio, duvido que eu conseguiria. Você é o meu porto seguro.

Por último, mas não menos importante, obrigada, Deus! Do fundo do meu coração, obrigada.

Teca Machado

“I’m in a New York state of
mind...”

Barbara Streisand

Prólogo

Dezembro, 2013

– Como deixei tudo chegar a esse ponto? Burra, burra, burra! – resmunguei em português, para mim mesma, enquanto estava sentada naquele banco frio, com resquícios de neve, no meio do Central Park.

O senhor que estava ao meu lado lendo jornal olhou em minha direção e disse em inglês, num lindo sotaque britânico:

– Desculpe-me, senhorita. Falou comigo?

– Não, estava falando sozinha. – Arrisquei sorrir, mas, pelo meu estado de espírito nada feliz, deve ter saído uma careta.

Ele voltou a ler seu jornal. Tentei me acalmar, mas um desespero tão grande me acometeu que comecei a chorar ali mesmo. O frio que fazia provavelmente congelaria as minhas lágrimas no meio da minha bochecha. Eu nem me importei.

Primeiro foi baixinho, lágrimas silenciosas. Logo depois veio o soluço e, em seguida, a fungada de nariz, até que aquele choro alto igual ao de criança começou a sair involuntariamente da minha garganta.

– Você está bem? – ele me perguntou, dessa vez com ar preocupado.

Para que negar? Era óbvio que eu não estava bem.

– Não, nem um pouco bem! Minha vida, que era tão linda, está um caos!

– Posso ajudar de algum modo?

– Só se você tiver uma máquina do tempo – falei de brincadeira, mas a ideia até que não seria de todo ruim.

– Não, infelizmente não tenho. Mas sei de algo que pode te ajudar.

O senhor se levantou e foi até uma barraquinha de bebidas próximo de onde estávamos. Dois minutos depois, voltou com um chá bem quente.

– Toma, isso vai te acalmar. E se não acalmar, pelo menos vai te esquentar. De qualquer maneira, você vai se sentir melhor, tendo resolvido a situação ou não. Chorar no frio ao lado de um estranho não deve ser muito agradável.

– Obrigada. – Comecei a beber lentamente o líquido quase fervendo. Ele tinha razão, era revigorante. – O senhor é muito gentil!

– De nada. Eu também já tive dias ruins.

Ele ficou em silêncio olhando fixamente para o meu rosto. Ai, Deus, por favor, não deixe que ele me reconheça! Eu não aguento

mais isso!

– Desculpe-me se isso parecer uma cantada, mas eu já não te vi em algum lugar?

Droga! Bom, pelo menos ele não sabia onde já tinha me visto.

– Não, não – falei num tom quase desesperado tentando parecer casual. – Sou apenas mais uma anônima perdida em Nova York, chorando no Central Park. Supernormal!

– Mas eu tenho certeza que já te vi.

– Bem, já me disseram que eu pareço a Megan Fox – revelei, despistando com esta frase um tanto absurda. Não que eu me achasse linda o suficiente para ser comparada a ela, mas o nome da atriz foi o primeiro que veio à minha mente, porque um cara já tinha me dito isso (o que obviamente mostrava que suas intenções não eram das mais puras). Tudo bem que faltava muito para ser parecida com ela, mas muito para mim. Meus olhos não eram azuis como o dela, e sim castanho-esverdeados, daqueles que no sol ficavam bem verdes. Meu cabelo não era preto nem tão longo, era castanho ondulado bem abaixo dos ombros. Além disso, eu tinha quase 10 centímetros a mais que ela (toma isso, Megan Fox! Ganhei de você – pelo menos em um quesito!).

– Você é linda feito ela, mas não é isso...

– Obrigada! Eu tenho um rosto bem comum, para falar a verdade. – Com medo de que ele descobrisse, peguei a minha bolsa, meu chá, minha câmera filmadora e me levantei. – Bom, o papo está ótimo e o chá divino, mas tenho que ir. Muito obrigada, senhor!

– De nada, menina. Espero que você resolva o problema que te levou às lágrimas.

Quando acenei um tchau, a esposa dele apareceu por trás e sentou-se no banco. Comecei a me afastar. Era mais provável que uma mulher me reconhecesse do que aquele senhor que parecia avesso à revistas de fofocas.

– Querido – escutei-a falando com o marido –, aquela ali não é a moça que apareceu na Revista *Hello*? E que está saindo em todos os jornais?

– Bem que eu achei o rosto dela conhecido, mas ela disse que não era famosa.

– Bom, com uma fama daquelas, eu também não queria ser reconhecida na rua... – acrescentou a mulher.

Antes que eu escutasse algo mais, me pus quase a correr. Eu não queria saber que as pessoas falavam coisas assim a meu respeito, por mais que fossem mentiras e mal-entendidos.

Capítulo 1

Quando a gente é criança, o mundo é um lugar grande e desconhecido. Mas, mesmo assim, acha que ele se resume aos lugares em que você vive. No meu caso, eu sabia que tinha muito espaço por aí. Meu pai já havia me mostrado o globo terrestre e apontado que a minha cidade, Cuiabá, em Mato Grosso, era apenas um pontinho naquela coisa redonda com mais azul do que marrom e verde que representava o mundo. Ainda assim, para mim a vida era onde eu morava, a cidade dos meus avós no interior de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, uma ou outra praia do Nordeste e a Disney. Claro, toda menina que se preze e seja criada como uma princesa ama a Disney desde o útero da mãe. Que bobinha! Nesse momento, eu mal sabia que “ela” existia.

Logo depois de completar cinco anos de idade, meus pais viajaram para os Estados Unidos e passaram 45 dias por lá. Claro, fiquei triste porque eles não levaram a mim e a minha irmã, mas a promessa de dezenas de presentes e de passar as férias na casa dos meus avós não me pareceu nada mau. Depois de terem visitado

cerca de oito cidades nos mais variados estados americanos, voltaram com sete malas – três delas de presentes, muitos deles da Disney. Ok, estavam perdoados.

Meu pai sempre foi um amante da fotografia, desde jovem. Acredito que a minha paixão pelo assunto veio da influência dele. Por isso, uma das bolsas estava lotada com rolos de filmes fotográficos. Hoje isso mal existe. Mas em 1993 eles ainda estavam presentes. Foram 33 rolos, cada um com 36 fotos. Para os padrões de hoje, quando você bate a foto distraidamente sem se preocupar com a quantidade, isso talvez não seja muito em uma viagem tão longa; mas, naquela época, foi um número absurdo de fotografias. E, mesmo assim, eu vi todas, uma por uma.

Vi fotos de Miami, Los Angeles, São Francisco, Orlando e outras. As da Disney me deixaram louca! Como meus pais tiveram a coragem de ir a um lugar tão mágico e cheio de princesas e não me levar? Quando achei que nada poderia superar a beleza dos parques temáticos, vi aquelas fotos. As que me marcaram pelo resto da vida e moldaram parte da minha personalidade e dos meus desejos. E eis que surgiu diante dos meus olhos a Estátua da Liberdade, o Central Park, a Quinta Avenida e suas lojas de luxo, a Times Square, os teatros da Broadway, o touro de Wall Street, o World Trade Center. Enfim, lá estava “ela”: Nova York. Tão linda, tão urbana, tão moderna, tão descolada. Mesmo com cinco anos, sabia que aquele lugar era cheio de emoção, pessoas loucas e muita cultura. Um dia eu ia conhecer aquela cidade! Um dia eu ia morar naquela cidade!

A partir daquele momento, o que era encantamento virou paixão (para não dizer obsessão). Meus filmes preferidos eram ambientados em Nova York e também aqueles inspirados em musicais da Broadway. Assisti a todos os episódios do seriado *Gossip*

Girl quando era adolescente e, quando cresci um pouco mais (e meus pais deixaram), viciiei-me em *Sex and the City*. Mas nenhum deles era melhor do que *Friends*.

Meu sonho era sair dançando pela Big Apple cantando os famosos versos eternizados por Frank Sinatra:

New York, New York
I want to wake up in a city
That never sleeps
And find I'm 'A' number one,
Top of the list
King of the hill, 'A' number one...

Se iam me achar louca fazendo isso? Pouco me importava. A diversidade cultural é tão grande em Nova York que os seus habitantes nem reparam em pessoas um pouco fora do comum. Afinal, aquela cidade parecia fora do comum.

Por circunstâncias da vida, passei o resto de minha infância e adolescência sem conhecê-la. Às vezes era por causa da situação financeira e a alta do dólar; depois, porque nas férias eu tinha que visitar meus avós; em outra situação, era uma viagem em família pelo Nordeste.

Na segunda quinzena de setembro de 2001, quando eu tinha treze anos, a minha família estava com passagem marcada para Nova York. Eu fazia milhões de planos e sonhava com aquela preciosa semana que passaríamos no meu "País das Maravilhas". Preciso contar que o ataque às Torres Gêmeas e a confusão em que os Estados Unidos ficaram depois disso estragaram os nossos

planos, cancelando as nossas férias? Pois é, chorei por uma semana. Ao invés de Nova York, fomos passar uns dias em São Paulo. Grande troca.

Até que, para comemorar os trinta anos de casados, meus pais resolveram fazer uma terceira lua de mel em Nova York. A segunda foi em 1993 e a primeira, quando casaram. Iam apenas os dois. Eu queria muito ir, mas não para ficar de vela e estragar a viagem romântica do casal. Até aí tudo bem. O problema foi que, de repente, cerca de um mês antes da viagem, minha irmã e seu marido resolveram que seria divertido irem também. Viagem só com casais e eu, solteira, não fui convidada. Já estava ficando com raiva. Então, a sogra da minha irmã, que é divorciada, anunciou que iria com eles para ajudar a cuidar da Bianca, minha sobrinha. Epa! Espera aí, todo mundo ia, menos eu? Até minha sobrinha de dois anos. E eu ia ficar? De jeito nenhum!

Com medo de ser deixada de lado, fui falar com meu pai – calmamente e elogiando, porque precisava convencê-lo a me levar junto.

– Pai! Como você está bonito hoje. Cortou o cabelo? Ah, já sei! Emagreceu, né? Acho que você perdeu uns três quilos. – Sou bem sutil quando quero.

– Alice, minha filha, nem precisa puxar saco. O que você quer? Aliás, quanto você quer? – Realmente, meu pai me conhece muito bem.

– Ah, papazinho lindo, eu não quero dinheiro. Acabei de receber meu salário. – Eu, recém-formada em Jornalismo, já estava trabalhando em uma revista de Cuiabá. – Eu só queria fazer uma pergunta...

– Posso tentar adivinhar? – ele disse, já segurando um sorriso e levantando apenas uma sobrancelha.

– E você acha que me conhece tão bem assim?

– Tenho certeza que te conheço muito bem há 24 anos. Fora que nós dois somos muito parecidos, então eu consigo imaginar o que você veio me falar. Você quer saber se vou te convidar para ir com a gente para Nova York. Acertei?

– É... Afinal, eu sou parte da família também, né? – Comecei a falar muito rápido, nervosa, com a possibilidade de ser deixada para trás. – Por que só eu não posso ir? Afinal, não é uma viagem só sua e da mamãe. Perdeu todo o romantismo a partir do momento em que a Bel disse que ia com o Felipe e com a Bianca (minha irmã, meu cunhado e minha sobrinha). Além disso, a sogra dela vai. Acabou todo o encanto! Posso ir? Por favor, posso?

– Alice, eu sabia que você ia acabar me perguntando isso. Me perdoe, eu sei o quanto você quer conhecer Nova York, mas não vai ter como você ir. Todo mundo já comprou as passagens, e agora ou elas estão muito caras ou estão esgotadas. Sinto muito, vai ter que ficar para outra oportunidade.

– Ah... Tudo bem, então. – Eu já estava com os olhos cheios de lágrimas. Eu sei, 24 anos, formada, jornalista, chorando por causa de algo bobo assim, mas não consegui segurar o choro. – Bom, eu tenho que ir ali no... Ah, bem ali fazer uma coisa e já volto, pai. – Eu precisava sair dali para chorar em paz. Traidores!

– Filha, antes disso, você me faz um favor?

Fiquei com vontade de gritar um não bem alto. Afinal, ele me excluiu e não quis me levar à viagem dos meus sonhos. Mas tentei ser uma boa pessoa e respondi:

- Faço. O quê?
- Vá até a porta pegar a correspondência que chegou?
- Claro.

Quando cheguei à caixa de correio, retirei os envelopes. Não esperava algo para mim (nunca tem mesmo. Sou da geração do e-mail, não das cartas). Mas, entre propagandas, contas e algumas revistas, tinha um envelope cor-de-rosa com o meu nome e a letra do meu pai endereçado à “maior amante de Nova York que conheço”. Só podia ser eu. Ali mesmo eu abri.

Dentro havia um bilhete:

Alice,

Te peguei! Aposto que eu te assustei com o papo que a gente acabou de ter (eu tinha certeza que você ia me perguntar se podia viajar com a gente).

Sei que você se formou há dois meses, mas seu presente de formatura veio só agora.

Pode preparar sua voz e decorar a letra de New York, do Frank Sinatra, para cantar pelas ruas da 'Big Apple'.

Sua boba, nunca te deixaríamos para trás! É claro que você vem com a gente para Nova York. Aqui está a sua passagem.

*Te amamos,
Papai e Mamãe*

Chorei. De emoção, não de tristeza. Tinha os pais mais lindos do Universo. Comecei a gritar, a pular e a ficar enlouquecida.

– Ai, meu Deus! Eu vou para Nova Yooooooooooooooooork!

Acho que todo mundo num raio de cinco quilômetros escutou.

Olhei para a porta de casa e vi meus pais sorrindo de orelha a orelha. Saí correndo para abraçá-los, beijá-los e pular junto com eles.

– Obrigada! Obrigada! Obrigada! Eu não acredito. Vou realizar um sonho.

– Filha, a gente não teria coragem de ir e não te levar, sabendo que isso é uma das coisas que você mais quer na vida – disse a minha mãe.

Preciso dizer que eu fiquei insuportável nos dias que seguiram essa surpresa e a viagem? Não sabia falar de outro assunto que não fosse a viagem e sobre Nova York. Acho que meus amigos não me aguentavam mais. Só continuavam a conversar comigo porque sabiam que eu traria presentes e porque sempre fui fascinada pela Big Apple.

Fiz roteiros do que queria fazer, do que queria conhecer, do que queria comprar. Minha família nem precisou se preocupar, eu já tinha resolvido tudo.

Enfim, depois de anos sonhando com isso e longas semanas de preparação, o grande dia chegou. Pegamos um avião de Cuiabá para São Paulo, onde faríamos conexão para a minha linda e amada Nova York. A viagem transcorreu sem problemas (tirando o fato de que a minha sobrinha resolveu decorar a minha blusa com todo o conteúdo que tinha comido no almoço servido no avião).

Apesar de nos Estados Unidos ainda ser verão, o tempo estava nublado e só consegui ver a cidade do alto quando o avião já voava bem baixo. Ao ver Manhattan, em toda a sua majestade, logo abaixo de mim, tive uma pequena taquicardia. Parece exagero, eu sei, mas foi o que eu senti.

Descemos no JFK, aquele aeroporto lindo e gigante. Mesmo não tendo indo para os Estados Unidos antes, nunca havia visto tantas pessoas de nacionalidades diferentes em um só local. Um ano antes fui para Miami, na Flórida, e lá só tinha latinos e brasileiros. Os únicos momentos em que escutei gente falando em inglês foram no meu cursinho de 40 dias numa escola para brasileiros. Mas no aeroporto de Nova York vi árabes, japoneses, suecos, australianos, britânicos e gente de países que eu nem sabia onde ficavam ou não soube reconhecer a língua.

Passamos pela imigração sem problemas e nos dirigimos ao hotel, que ficava na Rua 45, entre a Quinta e a Sexta avenida. A cada quilômetro que passávamos rumo ao nosso destino, eu ficava mais maravilhada. Era aquilo tudo o que eu tinha imaginado! Os táxis guiando loucamente com motoristas árabes ou indianos, ônibus escolares amarelos como os dos filmes, ruas arborizadas, mas extremamente urbanas ao mesmo tempo. Passamos em um dos lados do Central Park e vi pessoas fazendo cooper, adolescentes com uniformes escolares deitados na grama ou jogando futebol e executivos de terno falando desesperadamente ao celular, tudo isso acontecendo ao mesmo tempo. Tinha menos de uma hora que eu havia chegado à cidade e já estava perdidamente apaixonada pelo lugar.

Chegamos ao hotel, nos instalamos e logo saímos para explorar Nova York. Ao sairmos, se andássemos 50 metros para a direita,

estávamos em plena Quinta avenida. Se andássemos 150 metros para a esquerda, estávamos no coração pulsante de Nova York, mais conhecido como Times Square. Eu já imaginava que ela era linda, mas não tinha noção do quanto. Já estava anoitecendo e as luzes destacavam-se ainda mais contra o céu negro da noite. Diversos cartazes anunciavam peças da Broadway, como *O Rei Leão*, *Wicked*, *Chigado* e *Billy Elliott*. A loja Forever 21 tinha um grande painel com 10 metros de altura que transmitia, em tempo real, imagens das pessoas na calçada. O famoso Naked Cowboy tocava violão apenas de cueca. Um cartaz estava grudado em alguns postes informando que na terça-feira seguinte haveria a gravação de *Gossip Girl* naquela região e uma parte da Times Square estaria fechada para o público. Um flash mob com pessoas dançando *A Little Less Conversation*, do Elvis Presley, acontecia perto da escadaria onde se compram ingressos para os teatros. E muitas outras coisas aconteciam ao mesmo tempo. Enfim, se eu pudesse, morava ali mesmo.

Logo que descemos do avião, percebi que meu pai estava um pouco quieto, o que não era normal. Geralmente em viagens temos que pedir que ande devagar, já que ele quer conhecer tudo em pouco tempo. E temos que falar para dormir um pouco mais, pois ele é do tipo que sai do hotel às sete da manhã e volta só meia-noite, depois de um dia intenso de turismo. Mas isso não estava acontecendo. Ele andava devagar, queria dormir cedo e falava pouco. Na verdade, achei que meu pai mostrava com uma coloração um pouco esverdeada.

Comentei com minha irmã, que concordou que ele parecia estranho, abatido. Fomos conversar com minha mãe, que partilhava da mesma preocupação. Quando perguntamos ao meu pai o que estava acontecendo, ele, teimoso como uma mula, disse que não era

nada, só *jet lag*. Foi a maior mentira que ouvi na vida. Primeiro, o fuso horário de Nova York era apenas uma hora de diferença do de Cuiabá. Segundo, ele está acostumado a viajar para Cingapura, Havaí e Tailândia a trabalho, o que dava uma diferença de fuso de cerca de dez horas, e nunca reclamara.

Enquanto minha irmã e eu debatíamos o assunto, preocupadas de verdade com o meu pai, fomos distraídas por uma gritaria de mulheres e meninas. Olhamos para o lado e vimos o gostoso Gerard Butler tentando passar entre a multidão para assistir a um musical na Broadway. Eu já disse que amo essa cidade? Acabamos esquecendo o caso, pegamos as máquinas fotográficas e saímos correndo atrás dele, para horror do meu cunhado.

Como estávamos muito cansados da viagem (e o meu pai verde), resolvemos que jantaríamos por ali mesmo e depois voltaríamos cedo ao hotel para descansar. No dia seguinte, o turismo começaria de verdade.

No meio da noite, minha mãe bateu desesperadamente na porta do meu quarto, berrando e acordando quase o hotel todo. Abri a porta com a cara toda amassada, tentando me situar (quando acordo no meio da madrugada, em um lugar que não é a minha casa, fico desesperada achando que alguém me sequestrou ou que fui abduzida por alienígenas no melhor estilo *Alien – O Oitavo Passageiro*). Minha mãe já seguia apressada pelo corredor, batendo na porta do quarto da minha irmã e do meu cunhado, gritando que meu pai estava morrendo. Eu sabia que aquela cor verde não era natural!

Fomos, os seis, inclusive minha sobrinha, para o quarto e encontramos meu pai suando frio, falando que a gente não precisava se preocupar porque ele estava se sentindo bem, o que

era uma mentira descarada. Fui de camisola (ainda bem que nesse dia escolhi uma bem bonitinha, com uma ovelhinha desenhada e a inscrição "Sleep tight and don't let the bedbugs bite") correndo para a recepção, gritando que a gente precisava de uma ambulância urgente porque o meu pai estava morrendo. Esqueci que estava em outro país e falei tudo em português. O gerente me olhava como se eu fosse louca e perguntou em inglês:

– Me desculpe, mas você está acordada mesmo ou isso é uma crise de sonambulismo?

Já totalmente impaciente, gritei que estava muito bem acordada e traduzi para o inglês tudo o que eu tinha dito antes.

Quando a gente vê em filmes americanos a polícia e a ambulância chegando ao local da confusão em menos de cinco minutos e acha que é exagero, está completamente enganada. Realmente é desse jeito nos Estados Unidos. (Bom, quando o trânsito da caótica Nova York deixa, o que foi o caso, já que eram umas três horas da manhã.)

Graças ao seguro-saúde-viagem, fomos direto ao Lenox Hill Hospital, um dos mais sofisticados e caros da cidade, localizado no Upper East Side (lembro-me de ler nos livros da *Gossip Girl* que a mãe da Blair Waldorf teve neném lá. Que emoção!).

Ficamos na sala de espera cerca de quatro horas antes de saber tudo o que estava acontecendo. Já amanhecia quando um médico veio nos avisar que podíamos ir à enfermaria ver meu pai. O médico não queria deixar que entrássemos todos no quarto, mas insistimos muito, falando alto e rápido em português, e ele acabou cedendo.

Estávamos espremidos no quarto que meu pai dividia com um coreano que tossia tanto que tive medo de pegar tuberculose. Apesar de meu inglês ser muito bom, quase fluente, eu tinha dificuldade de entender o que o Dr. Simmons falava, pois usava muitos termos técnicos. Mas acabei entendendo o veredicto: meu pai estava com pedra na vesícula. Teoricamente, não era muito grave, mas precisava operar e teria que ser naquele momento. Meu pai disse em seu inglês perfeito:

– Ah! Só uma pedrinha de nada? Sempre tenho algumas no rim e ainda estou vivo. Vamos fazer o seguinte. Me dá um remédio só para passar a dor, eu termino de curtir as férias e opero no Brasil. Pode ser?

– Bom – respondeu o Dr. Simmons –, podemos fazer isso, mas com uma condição: de que o senhor assine os papéis dizendo que não responsabiliza o hospital se morrer a qualquer momento depois que deixar o estabelecimento. Porque, senhor Polleto, é isso o que vai acontecer.

– Morrer? – eu gritei. – Mas não é só uma pedrinha de nada?

– Temos dois cenários possíveis – explicou o médico. – Ou a pedra, que está em movimento, vai para o seu pâncreas, o que o mataria em questão de minutos, ou a infecção que a pedra começou vai se alastrar na corrente sanguínea, levando a uma infecção generalizada. O resultado disso o senhor sabe qual é, certo?

Meu pai, sempre muito engraçado, não perdeu o humor nem quando estava praticamente em seu leito de morte e disse:

– E aí? Vai me operar na sala de emergência junto com o George Clooney, de *ER*?

Apesar do risco de morte, a operação de retirada de pedra na vesícula era muito simples. Durou menos de dez minutos. Dr. Simmons falou que nunca viu uma vesícula tão podre na sua vida e meu pai disse que ama tanto Nova York que até deixou um pedacinho seu na cidade para que ela não tenha saudade dele.

Graças ao seguro de viagens, a internação e a operação foram cobertas e não tivemos que pagar nada, mas meu pai precisaria fazer mais exames e de cuidados médicos pós-operatórios que o cartão não cobria. Segundo os cálculos dos médicos, a despesa médica ficaria em torno de 20 mil dólares, mais o período de internação necessário.

Embora minha família tenha uma boa condição financeira, não havia motivo para gastar tudo isso nos Estados Unidos se tínhamos plano de saúde no Brasil que cobria tudo. Resultado: após a alta médica, meu pai voltaria ao Brasil. E como somos uma família muito unida, fomos juntos e voltamos juntos – para minha tristeza, é claro. Óbvio que fiquei superfeliz que meu pai estivesse se recuperando, só que é impossível não ficar triste de ir embora de Nova York depois de menos de horas na cidade. Ok, pensamento bastante egoísta, já que meu pai precisava de apoio. Mas eu queria taaanto ficar em Nova York... Nem deu tempo de cantar *New York, New York* pelas ruas! Sabia que deveria ter feito isso na Times Square assim que cheguei.

Enfim, quase chorei quando vi o aeroporto de novo, mas dessa vez de frustração. Reprimi as lágrimas, engoli os soluços e entrei no avião. Brasil, voltei!

Meu pai ficou péssimo de estragar a viagem de todo mundo. Explicamos mil vezes que a saúde e a vida dele eram muito mais importantes do que umas férias quaisquer. Além disso, se o mundo

não acabasse ou caísse uma bomba atômica na cidade, Nova York estaria lá esperando pela gente durante muito tempo.

Meu pai se recuperou bem e a vida voltou ao normal. Retornei para meu trabalho, a redação da Revista *Centro Geodésico*, e tentei não pensar em como foi a segunda vez em que Nova York não quis me receber. Será que a cidade tinha algo contra mim?

Capítulo 2

Tentei esquecer um pouco minha obsessão por Nova York e continuei com a rotina. Arrumei um namorado, o Leandro. Um economista lindo, loiro e alto que se dizia loucamente apaixonado por mim desde o dia em que colocou seus olhos castanhos em meus olhos verdes e na minha alta, magra e morena pessoa.

Estava apaixonadinha, claro. Não arrebatadoramente, mas estava. Já tive outros namorados (seis, para falar a verdade. Ai, como sou namoradeira!), só que nenhum nunca me fez sentir como se eu estivesse num livro do Nicholas Sparks. Mas, enfim, aquilo era ficção; na vida real, não acontecia desse modo. E eu estava gostando muito dele, de sua companhia e da atenção que me dispensava.

Depois de cinco meses de namoro e seis meses desde o incidente da pedra-na-vesícula-em-Nova-York, num sábado haveria uma grande festa na cidade com um DJ alemão chamado Rocco. Por trabalhar na imprensa, ganhei dois ingressos.

Como eu precisava cobrir um evento de uma nova linha de maquiagem da Belle Peau um pouco antes da festa, dei um ingresso para o Leandro e pedi que ele me encontrasse lá mais tarde, pois me atrasaria um pouco.

O problema é que o lançamento dos produtos atrasou mais de duas horas e eu não tinha nem previsão da hora em que ia sair de lá. Assim, liguei para o Leandro avisando o ocorrido.

– Lê, vou me atrasar para a festa. Aqui está enrolado e nem sei quando vão me liberar. Vou chegar bem tarde, mas chego, prometo.

– Ah – disse ele com a voz entediada –, nem precisa vir, Alice. A festa está tão chata. O DJ não é muito bom, as pessoas estão desanimadas e a comida está ruim. Eu, se fosse você, nem perdia tempo vindo. Daqui a pouco vou embora. Só vou conversar um pouco mais com o Jota, aquele meu amigo com o qual eu fazia faculdade, que encontrei por acaso aqui, e já volto para casa.

– Então, tudo bem. Quando chegar em casa, te ligo.

– Você vai voltar tarde e eu estou com sono. Não vou demorar a ir embora e dormir. Nem precisa me ligar, já vou sonhar com você. Afinal, todos os dias eu sonho com a minha princesa – disse ele com a voz mais galanteadora do mundo, deixando-me toda boba e com um sorriso idiota.

– Está certo. Amanhã a gente se fala. Boa noite, meu amor.

– Boa noite, meu amor.

Achei estranho o fato de a festa estar ruim. A promoter que estava organizando o evento, a Ana, nunca errava, era extremamente competente e as suas festas geralmente eram de

arromba. O DJ era muito famoso, os convidados eram só a nata da sociedade, a comida era do melhor bufê da cidade. Como seria possível que não fosse minimamente bom? Enfim, não gastei muito tempo pensando nisso e voltei ao trabalho.

Consegui terminar as entrevistas já era mais de uma hora da manhã. Estava em meu carro, voltando para casa, extremamente cansada, pois o local do lançamento da maquiagem não havia colocado cadeiras para os jornalistas. Fiquei mais de quatro horas em pé de salto alto. De repente, o meu celular tocou. Pensei que fosse o Leandro, mas era o meu editor.

– Para tudo o que você estiver fazendo e vem para cá a-go-ra. Por falar nisso, onde você está?

– Oi para você também, Allan – disse cheia de sarcasmo, ao mesmo tempo rindo, já que ele nem ao menos me cumprimentou. – Estou voltando para casa depois de um exaustivo dia de trabalho. – Como nós tínhamos uma relação muito boa um com o outro, conversávamos como amigos, não como chefe e subordinada.

– Ah, claro. Oi, Alicezinha linda do meu coração! Cuti-cuti do editor mais maravilhoso da cidade! Assim está melhor? – Ele estava morrendo de rir do outro lado da linha.

– Menos, Allan, menos... Mas, e aí, o que você está fazendo acordado a essa hora? Não dorme?

– Então, aconteceu um imprevisto. Estou aqui na festa que a senhorita deveria estar, pois foi convidada. Por falar nisso, cadê você? Como você deixa o seu namorado assim, todo livre? Essa festa está cheia de mulheres lindas e com pouca roupa! Tudo bem que você é a mais linda, mas não pode deixar seu homem dando sopa assim. Sabe como é difícil arrumar um namorado hoje em dia? Sabe

como as mulheres estão cada vez mais atiradas e pegando homem na rua? – Preciso dizer que ele é gay?

– Obrigada pelo elogio. Eu sei como é difícil arrumar um namorado e sei também que as mulheres estão ficando mais ousadas do que nunca. O problema é que o evento da maquiagem Belle Peau atrasou e só agora consegui sair de lá. Eu ia para a festa, mas o Leandro disse que estava chato e que já ia embora, então resolvi nem ir. Você o viu?

– Vi, tem uns dez minutos. E ele é doido? Disse para você que a festa está ruim? Nunca! A festa está bom-ban-do! Nem acredito que vou ter que ir embora.

– Dez minutos? Estranho, falei com ele tem mais de duas horas e ele disse que já ia embora. Aliás, por que você já vai?

– Minha querida mãezinha me ligou dizendo que não está se sentindo muito bem e precisa que eu a leve para o hospital. Foi por isso mesmo que eu te liguei. Eu ia entrevistar o DJ Rocco, mas a minha mãe é mais importante para mim do que qualquer matéria. Então, como pensei que você estivesse aqui, ia pedir para que quebrasse esse galho. Tem como vir até aqui me fazer esse favor?

– Claro, vou sim. – Por mais que eu estivesse cansada, faria esse favor ao Allan. Além do mais, o Leandro estava lá ainda. Faria a entrevista e depois iria curtir a festa com o meu namorado.

– Ótimo, minha querida. Já falei com a Ana, a promoter. Você a conhece, né? Ela sabe que você está vindo para ficar no meu lugar e vai te dar livre acesso à área VIP e ao camarim do DJ, combinado?

– Sim, senhor. Até segunda-feira na redação, então. Melhoras para a sua mãe.

– Até! Obrigado pelo favor. Beijos e curta a festa! Trabalhar demais mata, viu?

– Só trabalho demais porque você me obriga a isso! Hahaha! Beijo, Allan.

Desliguei o telefone e me dirigi à festa. Chegando lá, conhecia todos os seguranças que estavam na entrada, que me deixaram entrar prontamente. Nem ao menos precisava mostrar a credencial. Como eu ia a muitos eventos, já era uma figura conhecida nesse meio.

Fui diretamente entrevistar o DJ Rocco, que estava em um momento de folga, enquanto outro tocava em seu lugar. Preferi fazer isso o mais rápido possível para que pudesse encontrar logo o Leandro. Por mais que confiasse nele, eu estava com uma sensação ruim desde que falara ao telefone com o Allan. Se ele tinha dito para mim que já ia embora da festa e que ela estava chata, por que ainda estava lá? Além do mais, realmente, no evento havia muitas mulheres lindas, siliconadas e perfumadas. E o pior de tudo: a maioria era solteira e estava à caça de homens. Um sinal piscando em neon na minha cabeça berrava 'perigo' em alto e bom som, mesmo que eu tentasse ignorá-lo.

Fiz meu trabalho e comecei a procurar o Leandro. Tentei ligar em seu celular e estava desligado. Pensei que talvez o Allan tivesse se equivocado em relação ao tempo em que o tinha visto, afinal, ele é bem distraído, avoado e meio louco.

Mesmo querendo acreditar que o meu namorado já estivesse em casa dormindo embaixo do seu cobertor do Ben 10 (mesmo com quase 30 anos, o Leandro morava com a mãe, que comprou esse edredom para ele), algo em mim dizia que ele estava lá e que a

situação não era boa para o meu lado. Dificilmente eu tinha essa sensação, pressentir que algo estava errado, mas sempre que ela aparecia, eu acertava.

Dizem que é o sexto sentido das mulheres. Que seja. Naquele momento, o meu quase gritava para mim que o Leandro estava aprontando algo. De qualquer modo, procurei-o durante algum tempo e não o encontrei. Continuei tentando ligar e não conseguia falar com ele.

Depois de mais de uma hora de busca, desisti e resolvi ir para casa. Por mais que eu achasse que ele tinha feito algo, mandei o meu cérebro calar a boca, apagar as suas luzes neon e acreditar que ele estava em sua cama sonhando igual a um anjinho.

Fui me despedir da Ana, a promoter, e agradei pela entrevista. Nós já éramos praticamente amigas, pois fui a inúmeras festas que organizou. Ela conhecia meus amigos e também o meu namorado. Enquanto conversávamos, disse que, por mais que estivesse gostando da festa, tinha de ir embora porque não encontrara o Leandro.

– Então você se perdeu dele durante a festa? – ela perguntou.

– Não, na verdade, eu nem o vi hoje. Cheguei mais tarde porque estava em um lançamento de uma nova linha de maquiagem. Linda, por sinal! Ele veio para me encontrar, mas nos desencontramos. Eu telefonei dizendo que não poderia vir, mas dei um jeito e consegui. Ele nem sabe que vim, no final das contas. E agora não consigo achá-lo pelo celular.

– Quer dizer que você não estava aqui antes? – ela me indagou, levantando apenas uma sobrancelha e fazendo cara de dúvida.

– Não. Por quê? – Nesse momento, o meu sexto sentido, que tinha sido calado à força, resolveu voltar a gritar em meu ouvido: alerta.

– Ah... – A Ana pareceu constrangida. – Por nada, Alice. Deixa para lá.

– Não, pode me contar. O que foi? – Nesse momento, eu já estava suando frio, preparando-me para o pior. Minhas pernas tremiam e meus olhos piscavam freneticamente.

– É que eu pensei ter te visto. Só isso.

– Pensou ter me visto? Como assim? Eu te vi no momento em que cheguei. Fui direto me encontrar contigo na área VIP.

– Bem que achei que você estava com outra roupa antes e que tivesse mudado o cabelo.

– Então você viu alguém parecida comigo, foi isso? – perguntei desesperadamente querendo muito que a resposta fosse afirmativa.

– Bom, não sei, a suposta “você” estava longe. Vi uma garota loira com o Leandro e pensei que fosse você.

– Loira? Mas eu não sou loira! Sou morena! Você viu o quê? Eles conversando?

– Bom, achei que você finalmente tivesse entrado no meu time, o das loiras, e pintado o cabelo. – Ela parou o que dizia, respirou fundo e continuou constrangida. – Alice, eu não quero fazer fofoca e muito menos criar intriga entre você e o Leandro, mas como está perguntando e como eu dei um fora, agora sou obrigada a te contar.

– Me contar o quê? – Eu já estava com o coração acelerado.

– Eu vi o Leandro abraçado com essa garota, só isso. Eles pareciam bem íntimos e também estavam de mãos dadas. Eu pensei que fosse você. Me desculpe!

– Tem certeza que era o Leandro? – perguntei me agarrando ao último fio de esperança que restava.

– Tenho. Acenei para ele e ele acenou de volta, um pouco envergonhado. Depois disso, não o vi mais. Até achei estranho você não se virar para me cumprimentar ou ir até onde eu estava para conversar.

– Obrigada por me contar isso – disse, tentando manter a voz firme, mas com certeza ela não estava. Eu sou a maior chorona que conheço. – Agora, com licença, que vou procurá-lo. – E, provavelmente, matá-lo logo em seguida. – Nem que eu vá embora sete horas da manhã ou fique esperando na saída, vou achar o Leandro.

Podia ser sensível e uma manteiga derretida, mas todas as vezes que alguém aprontava comigo, dava um jeito de descobrir, colocar um fim na situação e fazer uma vingancinha. É imaturo, eu sei, mas quem se importa? Confiava muito nas pessoas, é claro, mas não sou imbecil. Sabia me cuidar, no final das contas.

– Eu até iria te ajudar a procurá-lo, Alice, mas tenho que ficar aqui cuidando da organização.

– Sem problemas, Ana. Obrigada mesmo assim. Esse é um trabalho que uma mulher tem que fazer sozinha.

E assim, batendo as pernas um tanto trêmulas, saí em minha busca obstinada ao Leandro. Eu precisava encontrá-lo. Precisava saber a verdade. Precisava descobrir que aquela situação era mentira. E precisava dar um soco em seu lindo narizinho (que eu desconfiava ser plástica).

Alternando tristeza (Por que, Leandro? Por quêêêê?) e raiva (Imbecil! Eu vou matar aquele desgraçado!), procurei-o por duas horas. Fui a todos os cantos do salão inúmeras vezes. Olhei por cima do palco do DJ (que me passou uma cantada), olhei perto do bar, dentro do bar, olhei até mesmo no banheiro masculino (uma situação um tanto constrangedora, já que, assim que abri a porta e olhei para dentro, vi os bumbuns de três rapazes que usavam o mictório. Eles olharam de volta e ainda me deram tchauzinho). E nada de encontrar o Leandro. Perguntei aos seguranças que eram meus amigos e, mesmo assim, nada daquele cafajeste mentiroso.

Lá pelas cinco horas da manhã, depois de meus pais já terem me ligado cerca de dez vezes por estarem preocupados comigo, senti-me derrotada e sentei em um sofá. Meus pés estavam cheios de bolhas e as minhas pernas, cansadas do esforço duplo: de ficar em pé no outro evento e de andar igual a uma louca na festa.

Enquanto massageava os meus pés refletindo sobre o que estava acontecendo, a minha mente começou a pensar sobre como isso tudo tinha sido uma loucura, sobre como, na verdade, o Leandro me amava e me queria ao seu lado. Talvez para o Allan a festa estivesse boa, mas para o meu namorado, sem mim, estava sem graça e chata. Ai, que gracinha! Sem a minha companhia nada na sua vida era interessante! Gente, como o meu namorado é um amor, né?

A Ana tinha se enganado ou talvez a garota loira fosse a irmã dele, Luana. Ele tem uma irmã que é loira. Bom, meio loira. Na verdade, cabelo mel. Mas por que eles estariam abraçados e de mãos dadas? Enfim, isso não importa, só sei que, apesar de o meu sexto sentido ainda estar pulsando insistentemente, preferi acreditar no meu namorado e em sua inocência.

Enquanto deixava a minha imaginação viajar sozinha, alguém sentado no sofá atrás do meu bateu em minha cabeça com muita força. Quando virei para olhar e reclamar, vi que era um casal dando um amasso. Não dava bem para ver o rosto deles, pois estava um pouco escuro e eles se agarravam muito. Não disse nada, porque eu não queria atrapalhar a alegria dos outros. Fingi que nada tinha acontecido, virei-me de costas e voltei aos meus pensamentos.

Menos de um minuto depois, outra batida na minha cabeça. Quando me virei para olhar, achei o relógio do rapaz familiar. Igualzinho ao que eu tinha dado para o Leandro em seu último aniversário. Isso me deixou intrigada e passei a encarar o casal. A camiseta era igual a uma que o Leandro tinha. A garota com ele era uma loira. Loira falsificada, diga-se de passagem. E o cabelo do rapaz era igualzinho ao dele. Não acreditando no que via, virei de costas para o casal de novo. Fiquei quieta esperando que eles parassem de se beijar e falassem alguma coisa. Se eu reconhecesse a voz dele, aí teria certeza que estava sendo traída.

Enquanto isso, a ansiedade e o medo tomavam conta de mim. Meu coração disparava e eu suava frio. Acho que as pessoas que estavam ao meu redor deviam me achar meio esquisita, pois estava rígida, de olhos fechados e com cara de dor. Pouco me importava com o que as pessoas pensavam, então continuei na mesma posição, do mesmo jeito. Tinha certeza que, se me desconcentrasse

um pouco que fosse, começaria a chorar. Aí, sim, as pessoas iam me achar louca.

Passaram-se mais de quinze minutos e nada de o casal parar para respirar. Pensei esperançosa: "Ah... Esse não é o Leandro, tenho certeza. Ele nunca fica tanto tempo assim beijando sem parar. Na verdade, ele deveria me beijar mais. Quer saber? O beijo dele é meio fraquinho, sem graça e sem emoção, mas eu gosto dele... Eu acho".

De repente, eu me senti ridícula, resolvi que era uma neurótica, que não devia ter desconfiado assim do meu namorado e comecei a rir, a dar gargalhadas da situação e de mim mesma. "Ai, como eu sou idiota!", pensei e me levantei para ir embora. No momento em que me coloquei de pé, tudo aconteceu. Escutei uma voz masculina muito familiar.

– Quem diria que o cupido estaria nesta festa hoje, não é?

Era o Leandro. Sem dúvida, era ele. Me senti péssima, triste, chateada, arrasada, raivosa, com vontade de quebrar todos os seus dentes de sorriso Colgate e de puxar cada fio de cabelo loiro porcamente oxigenado da vadia do lado dele. Antes de dar escândalo, eu precisava ter certeza absoluta que era ele mesmo. Sentei-me de novo, enquanto tentava processar tudo o que tinha visto e ouvido. Parecia um pesadelo.

De repente, uma voz ainda mais familiar chegou aos meus ouvidos.

– Sem dúvida. Nos conhecemos há tanto tempo e só hoje percebemos o quanto nos gostamos.

Acho que o meu coração parou de bater por dois segundos e a minha boca ficou aberta e escancarada por vários segundos. A voz da loira falsificada era idêntica à da Amanda, a amiga que nos apresentou. Virei o meu corpo para trás do sofá, onde eles estavam sentados, e vi que eram realmente os dois. Eles não tinham percebido que eu estava ali.

Saibam que sempre fui muito boazinha, calma, zen e doce. Mas me tira do sério para ver o que acontece. Viro outra pessoa. Agindo impulsivamente, pois a decepção e a raiva ferveram dentro de mim, comecei a falar numa voz fria como o gelo que eu guardava para usar em situações como essa.

– Realmente, quem diria que o cupido estaria aqui, que vocês se gostavam e que são, na verdade, dois canalhas? Estranho como as coisas são, não é?

– Alice! – disseram em uníssono assustados.

– Pois é. E quem diria que eu teria que vir trabalhar na festa e encontraria vocês dois assim, tão agarradinhos e aconchegados. Duas das pessoas em quem eu mais confiava no mundo traindo a minha confiança de maneira tão baixa! – Nossa, até eu fiquei impressionada com o meu autocontrole e frieza. Uau! Nem comecei a chorar ainda. Estava evoluindo.

– Calma, amiga – disse a Amanda. – Não é o que você está pensando.

– Primeiro, não me chame de amiga, e eu sempre odiei isso. Segundo, é exatamente o que eu estou pensando. Sentada nesse sofá havia muito tempo e vi muito do que aconteceu.

– Meu amor, eu estava bêbado e você tinha me abandonado aqui, me deixado carente, sozinho.

– Não me venha com esse papo pra boi dormir! – Quando percebi que estava gritando, baixei o tom da minha voz. Eu sempre odiei escândalos em público. – Apesar de não beber quase nada, eu sei que bêbados geralmente sabem muito bem o que fazem, têm certo discernimento. E não abandonei você aqui, Leandro. Ia chegar atrasada, mas chegaria. Você me disse para não vir, que a festa estava uma droga e já estava indo para casa dormir. Isso foi há quase quatro horas.

– Por falar nisso, você mentiu para mim! Disse que não vinha e veio! Por que você está aqui?

Esse era o clássico joguinho de ser o culpado e tentar jogar a culpa do seu erro no outro para ele se sentir mal. Diversas vezes o Leandro fazia isso. Por exemplo, quando ele atrasava para me buscar para ir ao cinema, dizia que, na verdade, a culpa era minha, que eu havia avisado com pouca antecedência o horário da sessão. Ou quando eu ligava e o seu celular estava desligado e ele dizia que a culpa era minha, que tinha ligado para ele no dia anterior e, com isso, feito a sua bateria acabar mais rápido.

– Porque o Allan... – E não quis continuar a frase. – Quer saber? Você não é mais meu namorado. Não devo explicações a você.

– Como assim eu não sou mais o seu namorado, meu amor? Eu te amo!

Nesse momento, o Leandro complicou ainda mais a situação para o lado dele. Além de me magoar com tudo o que tinha feito, deixou a Amanda louca de raiva. E uma periguete com raiva não é algo fácil de ser controlado. Ele tinha acabado de passar horas se

esfregando nela, falando de cupido e coisas bregas e, mesmo assim, na sua frente, dito que me amava. Bem feito para ela! Quem mandou pegar o namorado de outra?

– Você ama a Alice? – A Amanda exclamou quase gritando. – Leandro, você me disse há algumas horas que o relacionamento de vocês não estava legal, que ela te sufocava e que você não aguentava mais essa perua fresca que só pensa em coisas fúteis.

– Você disse que eu sou uma perua fresca? – Agora era eu quem estava quase gritando.

– Bom – ele respondeu um pouco sem graça e sem olhar nos olhos de nenhuma de nós –, eu não disse com essas palavras. A Amanda exagerou.

– Além de tudo, você ainda me chama de mentirosa, seu cafajeste? – ela disse.

– E mesmo que você não tenha usado essas palavras, você me acha isso mesmo, Leandro? – perguntei.

– Calma, meninas, eu posso explicar.

– Calma o caramba, Leandro – gritamos as duas ao mesmo tempo. Se eu não estivesse a odiando tanto nesse momento, quase sentiria pena da sua rejeição. Quase.

– Meninas, sem escândalo. Está todo mundo olhando para a gente – ele quase implorava.

– Pouco me importa se está todo mundo olhando. Aliás – enquanto dizia isso, a Amanda ficou de pé no sofá que antes foi o recanto de amor dos pombinhos –, eu quero que todo mundo saiba o cachorro sem-vergonha que você é, Leandro. Gente – ela

aumentou o tom de voz –, esse rapaz aqui, com o rosto bonitinho e cara de santo, é um safado, imbecil, sem coração e destruidor de sentimentos alheios! – E começou a baixar ainda mais o nível das declarações e dizer coisas embaraçosas sobre ela mesma, sobre ele e o seu “instrumento” e até sobrou para mim.

As pessoas ao nosso redor pararam para olhar e prestar atenção à conversa. Alguns repórteres de colunas sociais de jornais e de outras revistas estavam lá também e foram em nossa direção. Todo jornalista de fofocas adora um barraco, ainda mais se envolver algum concorrente. Tive a sensação de que ia me encrascar com o Allan na segunda-feira...

Enquanto isso, o Leandro estava morrendo de vergonha tentando esconder o rosto sem muito sucesso, e Amanda, como toda periguete, mostrava o decote e quase quebrava a coluna com pose de lordose aguda empinando o peito e a bunda. Os fotógrafos batiam foto de nós três. Eu estava exausta física e emocionalmente. Não tinha mais forças para dizer nada, mas precisava fazer algo para sair por cima. Ignorar os fotógrafos seria pior. Então, olhei docemente para os paparazzi, fiz biquinho, mandei um beijo, dei um tchauzinho muito atrevido, virei de costas e deixei os dois com os fotógrafos.

Quando percebeu que eu estava me afastando da multidão, o Leandro puxou o meu braço e tentou falar comigo.

– Meu docinho de coco – *argh! Odiava quando ele me chamava assim* –, meu amor, conversa comigo. Eu sei que errei, peço perdão. Não diga que eu não sou mais o seu namorado.

Eu nem estava mais com raiva. Era um misto de decepção, tristeza, depressão e sentimentos autodepreciativos.

– Leandro, eu não queria que isso fosse assim, mas você não é mais meu namorado. Confiei e fiz de tudo por você e em momento algum te sufoquei, como disse para a Amanda. Melhor descobrir agora o seu verdadeiro caráter do que só depois de casar.

– Eu nunca vou fazer isso de novo. – Nesse momento, ele tinha lágrimas nos olhos.

– Desculpa, mas se fez isso uma vez, pode fazer várias. Eu não consigo mais confiar em você. Acabou.

Enquanto conversávamos, ele permanecia apertando o meu braço, como que por medo de eu escapar e sair correndo. Quando eu disse essas últimas palavras, libertei-me e continuei meu caminho, com o nariz empinado e olhar altivo. Ainda era possível escutar a Amanda gritando frases como: “Ele me enganou”, “Ele teve coragem de ficar comigo, a melhor amiga da namorada dele”, “O Leandro já pegou, além de mim, mais três amigas nossas e algumas desconhecidas”, “Eu sei que sou vagabunda, mas ele é mais”.

A Ana assistiu a toda a confusão e, quando me viu atravessando o portão para ir embora, veio falar comigo.

– Alice! Meu Deus! O que foi aquilo? Sinto muito! Sinto mesmo. Eu não devia ter te dito nada sobre o Leandro estar com uma loira.

– Ana, relaxa. Se não fosse por você, eu teria ido para casa, dormido e nem em meus sonhos mais loucos ia saber o que ele andava aprontando nas minhas costas. – Nesse instante, a minha força já estava quase no fim e eu quase chorava.

– Mas olha só para você! Fazendo essa cara de forte, só que eu sei que está sofrendo.

– O quê? Não, ele não merece minhas lágrimas nem minha raiva.

– Claro que não merece. Apesar de não sermos íntimas, sinto que já te conheço muito bem e sei que você é a pessoa mais sensível do universo. Se quiser chorar, chora. Faz bem para a alma.

– Ai, meu Deus! Como é que ele pôde fazer isso comigo, Anaaaa? – disse em meio a lágrimas, soluços e catarros de choro escorrendo, enquanto abraçava forte a prometer que virou minha amiga.

– Bobo foi ele, Alice! Você é linda, excelente profissional, supergente boa e inteligente. Você tem um futuro brilhante pela frente. Ele e a oxigenada, não... – E continuou por cinco minutos dizendo aquelas coisas que mulheres falam umas para as outras em desastres amorosos.

– Linda? – perguntei. – Olha a minha cara toda borrada, Ana? Estou um caco! – disse enquanto tirava um espelhinho da bolsa e olhava o meu reflexo que mais parecia o Coringa interpretado por Heath Ledger em *Batman, O Cavaleiro das Trevas*.

– Bom, sou sua amiga, mas sou sincera – ela afirmou dando risada. – Esse realmente não é o seu melhor momento. Você está com a maquiagem um pouquinho borrada. Mas olha pelo lado bom, quando os paparazzi tiraram fotos suas, você estava deslumbrante!

– Menos mal. – Já estava me sentindo um pouco melhor. Até abri um sorriso, que se desmanchou no momento em que me lembrei de um detalhe. – Ai, Jesus! Eu vou aparecer em todas as

colunas sociais! Vou ser conhecida como a corna da cidade. E o pior de tudo é que o jornal do final de semana é o de maior circulação.

– Alice, acho que a essa hora não dá mais para entrar na edição de domingo. São quase 6 horas da manhã. Sua foto fica para segunda, quando o escândalo já passou e ninguém se lembrará disso.

Depois de conversar um pouco mais com a Ana, fui para casa. Tirei a maquiagem de Coringa e me deitei. Pensei que ia demorar muito para dormir, por causa da decepção e tudo mais, só que eu estava relativamente bem. Ana tinha razão, chorar fez bem, tirou todo o mal do meu sistema.

Sentia-me leve, para dizer a verdade. Estranhamente livre. Acho que, no final das contas, eu não gostava muito do Leandro. O choque, a raiva e a tristeza foram mais coisas de momento, de susto mesmo. Já me senti muito pior, emocionalmente falando, e me recuperei. Aquele loiro aguado, vagabundo e que beija mal não merecia que eu desperdiçasse o meu tempo pensando nele. Já tive outros seis namorados. Arrumar o oitavo não ia ser tão difícil assim. E ele vai ser mais alto, mais bonito, mais gostoso. E vai beijar muito melhor.

Um pouco antes de fechar os olhos, vi na parede o meu pôster da Times Square totalmente iluminada e pensei que, quando me casasse com o meu oitavo namorado (ou nono, décimo, sei lá), queria passar a lua de mel nesse lugar mágico. Com essas imaginações felizes rodeando a minha mente fértil, adormeci.

Capítulo 3

No domingo acordei incrivelmente bem. Apesar das poucas horas de sono, estava me sentindo renovada e de alma lavada. Olhei a tela do meu celular, que ficou no silencioso enquanto dormia: 67 chamadas não atendidas. Todas do Leandro; 39 mensagens dele também. Li as primeiras, todas com conteúdo do tipo “Docinho, me perdoe”, “Amor, eu te amo!”, “Chuchuzinho, volta para mim”. Deletei o resto sem nem me dar ao trabalho de ler. O ditado “antes só do que mal acompanhada” nunca foi tão verdadeiro para mim.

Saí do quarto e fui até a cozinha bater papo com meus pais. Tomei um Yakult (quem disse que é só para crianças?). Como todos os domingos, meu pai estava sentado em sua poltrona preferida lendo o jornal. Minha mãe fazia palavras cruzadas. Desejei bom-dia, sentei ao lado deles, peguei a seção do jornal da coluna social para ver se eu tinha aparecido. (Por favor, que não tenha dado tempo!). Graças aos céus, a edição já tinha fechado de madrugada quando as fotos foram tiradas.

Mais aliviada, peguei meu laptop e comecei a navegar meio sem rumo em sites de notícias. Abri um blog de fofoca (prazer culposo nº 22) e na capa dei de cara com a minha enorme foto mandando beijo para o fotógrafo, o Leandro com cara de dor de barriga ao fundo enquanto a Amanda batia o pé furiosamente no chão gritando com ele. A legenda dizia: "Jovem jornalista da cidade é centro de barraco amoroso em festa com DJ alemão".

Ai. Meu. Deus. Isso não é nada bom.

Com medo e suando frio, mais pálida do que Edward Cullen, do Crepúsculo, comecei a ler o texto.

Gente, gente! Para tudo! B-A-B-A-D-O forte! Está vendo essa linda mocinha aí da foto, mandando beijo para a câmera? (Pelo menos ela disse que eu sou bonita, né?) Então, é uma jornalista recém-formada da nossa amada cidade. Gente boa, competente, é sonho de todo rapaz. (Ai, estou até emocionada! Pensei que iam falar mal de mim, já que esse blog é bem ácido.) Bom, de quase todo rapaz. O rapazinho dela, aquele ali ao fundo, com cara de cachorro com fome, foi pego no flagra pela moça em questão ficando com a melhor amiga dela, uma oxigenada de quinta categoria, diga-se de passagem. Meu bem, se não tem dinheiro para pintar as madeixas num salão, por favor, não jogue uma garrafinha de água oxigenada na cabeça, viu? Faz mal! (Bem feito para a Amanda! Hahaha! Toma, sua perua!)

A jornalista, que não é boba nem nada, já deu o fora no traidor, um chega para lá na falsa amiga e falsa loira e está linda e magra

descansando em seu lindo lar. Mas, antes de lançar a notinha, esta blogueira pesquisou um pouquinho sobre o tema e tem algumas informações novas para vocês, queridos leitores!

O cafajeste trai a namorada desde o dia em que a pediu em namoro, e não só com a perigete da foto, mas com várias outras amigas dela. Por mais que eu queira, por questões jurídicas, não vou dar nome aos bois – aliás, nesse caso, às vacas! Hahaha. Como estou espirituosa hoje! Descobri também que ele tem outras quatro namoradas em outras cidades. Como ele dá conta de tanta TPM por mês?

A pseudoamiga pega o namorado de outras amigas e também de desconhecidas. Uma fonte anônima me contou que ela "gosta de homens comprometidos. São mais emocionantes. E se for de uma amiga tonta como a Alice, melhor ainda". Tem alguém com fama de um nome de peixe por aí... E a jornalista que faz biquinho, tadinha, está sendo chamada por aí de 'Corna Mansa do Ano'. Afinal, ela devia saber, já que a cidade toda sabia, até eu. Gatinha, quando for passar por uma porta, por favor, abaixe a cabeça, ou o seu chifre vai bater na soleira!

Beijinhos da sua colunista mais amada,

Senhorita Ácida

Fiquei chocada e sem palavras. O lado bom é que ela disse que eu sou linda, magra e nem um pouco vadia. Mas Corna Mansa do Ano? Sério? Eu nem tinha ideia de que o Leandro fazia isso comigo.

Tentando espairer, entrei no Facebook. Para minha grande surpresa, dei de cara comigo mesma de novo. Várias e várias vezes. Meus amigos viram a notinha no blog da Senhorita Ácida e saíram compartilhando. Entraram também no site de um dos paparazzi, fizeram *download* de todas as fotos da noite e saíram postando em seus murais ou no de outras pessoas. Vi montagens minhas com chapeuzinho viking e chifres de boi. Até mesmo uma com o meu rosto colado no corpo de uma miss com uma faixa no peito que dizia: "Miss Corna Mansa 2012". Frases no Facebook e no Twitter como: "Corna mansa mesmo. Conheço cinco que pegavam o namorado dela" eram as mais leves. Tinha outras de baixo calão que eu não tenho coragem de repetir.

Virei o assunto do dia, do mês, do ano. Droga!

Olhei para minha mãe com os olhos cheios de lágrimas e virei o computador para ela. Conte a história e eles ficaram chocados e com raiva do Leandro. Meu pai até levantou, pegou a chave do carro e disse que "quebraria o nariz do desgraçado". Por mais que eu quisesse isso, meu senso jurídico disse que essa não seria a melhor opção.

– Filha! Não chora. O Leandro não merece as suas lágrimas. – Minha mãe falou tentando me consolar.

– Mas, mãe, não estou chorando por causa dele. Já superei. O problema é que eu não quero ser conhecida como Corna Mansa do Ano! – revelei aos berros.

– Ah, Alice. Sei que é chato tudo isso, mas olha pelo lado bom. Tem tanta fofoca na internet que amanhã mesmo já se esqueceram de tudo isso. Aposto que, em menos de dois dias, fotos ou vídeos íntimos de alguma menina amiga sua vazam no Facebook e todo mundo vai comentar só sobre isso. – Meu pai tentou melhorar o meu humor.

Esperava que fosse um vídeo da Amanda gorda, com estrias e celulite. E que o cara com ela no vídeo fosse feio. E desdentado.

Sentindo-me um pouco melhor, escondi meu laptop e meu iPhone para não cair na tentação de olhar de novo, no Facebook e no Twitter, tudo o que diziam de mim. Passei o resto do dia enfiada em casa (claro, não queria correr o risco de sair e dar de cara com algum amigo) lendo um bom livro e vendo pela 283ª vez alguns episódios de *Sex and the City* e *Friends*, ambientados na minha linda Nova York. Só mesmo essa cidade tão adorada para fazer-me sentir melhor.

Segunda-feira chegou e o meu primeiro ato ao acordar foi verificar se algum vídeo ou foto íntima da Amanda ou de qualquer outra tinha ido parar na internet. Nada ainda. Saco!

Me arrumei e fui para o trabalho. Quando entrei na redação, Allan estava no seu computador morrendo de rir. Já até imaginei o motivo. Minha mesa é do lado da dele e, quando me aproximei, antes mesmo de me sentar, já disse:

– Nem pense em falar uma palavra sobre o ocorrido no sábado à noite.

– Eeeeeeu? Claro que eu não ia falar nada – ele respondeu.

– Sério? Duvido muito.

– Eu não ia falar. Ia apenas apertar o play e te mostrar.

Curiosa, mas já esperando o pior, cheguei perto dele. Ele apertou o play. E vi que meus pesadelos se tornaram realidade. Alguém filmou o barraco no dia da festa e colocou no YouTube. Não satisfeito, o indivíduo criou um rap e editou as imagens para fazer um clipe musical. Um homem vestido de maneira semelhante à minha estava com uma peruca castanha até a cintura e cantava numa voz que imitava a minha:

*Sou bonitinha, atrevida, mas meu homem
me traiu*

*Com a Amanda, minha amiga, onde é que
já seu viu?*

*Oxigenada e baranga, o meu homem ela
roubou*

Mas, muito antes disso, ele me trocou

Sou Alice, corna mansa

Não ganhei uma aliança

Agora tenho um par de chifres

Eu mesma vi, ninguém me disse

Que rimas mais terríveis! Desde quando 'chifres' rima com 'disse'?

E que música chata que gruda na cabeça. Aposto que vou passar três dias cantarolando essa porcaria.

Para meu desespero, enquanto a imitação mal-acabada de mim cantava, apareciam outros dois homens fantasiados de Leandro e Amanda dançando no fundo e imagens reais da festa.

Quando o Allan apertou o play e a música começou a tocar no alto-falante, meus colegas de trabalho se juntaram atrás de nós para ver também. Comecei a escutar alguns comentários como: “Eu já vi esse vídeo e compartilhei no meu mural do Facebook”, “Nossa! Que engraçado! Você já viu a montagem da Miss?”, “Nem acredito que a Alice não sabia. Todo mundo sabia!”.

Olhei embaixo do vídeo o número de visualizações. Quase mil. Ok, não era um número tão alto assim. Olhei quando foi postado. Uma hora atrás. Em tão pouco tempo foi assistido por um bom número de pessoas, sim. Oh, céus! Vou virar uma webcelebrity!

Tudo o que eu mais queria naquele momento era ser um avestruz. Enfiar a cabeça num buraco não me parecia uma má ideia.

Mande todo mundo ir cuidar da própria vida e tentei me distrair com meu trabalho.

Duas horas depois, olhei outra vez a visualização do vídeo carinhosamente chamado de Rap da Corna: quinze mil visualizações. Estava ferrada.

A semana foi passando e nada de as pessoas mudarem de assunto. Não havia nenhuma garota burra o bastante na cidade para ser fotografada sem roupa ou em um vídeo comprometedor? Ser o centro das atenções daquele jeito não era nada bom.

Na quarta-feira cheguei ao trabalho e havia na minha mesa uma faixa de miss feita de papel higiênico na qual se lia “Miss Corna 2012” e uma coroa de plástico. Ai, como eu odeio meus colegas!

Na sexta-feira o celular do Allan tocou e seu ringtone era a porcaria do Rap da Corna. Meu rap. Ai, como eu odeio as pessoas!

Na terça-feira seguinte fui tema de uma matéria no maior jornal da cidade. Apareci na primeira página: “A traição mais famosa da

cidade". Tudo bem que foi apenas um quadradinho, uma área bem pequena, mas foi a primeira página da porcaria do jornal! Até o Allan quis fazer uma entrevista comigo. Como eu odeio os jornalistas. Oh, raça!

Cheguei em casa numa sexta-feira, quase duas semanas depois do incidente, entrei na cozinha sem minha mãe me ver e, enquanto arrumava o jantar, escutei-a cantarolar "Sou Alice, corna mansa...". Como eu odeio a vida!

– Oi, mãe. Música bonita. Onde você escutou? – perguntei fuzilando-a com o olhar.

– Oi, filha. Ouvi o seu pai cantando, perguntei o que era isso e ele me mostrou o vídeo. Pessoal criativo na internet, né? Pena que é sobre você.

– Aham, claro. – Revirei os olhos de desgosto. – Mãe, por que você está cozinhando? – Ela raramente cozinhava, só em ocasiões especiais.

– Sua irmã, seu cunhado e a Bianca vêm jantar. Espero que você não tenha planos para hoje. Se tiver, desmarque.

– Planos para hoje? Nenhum. Desde o incidente estou saindo de casa apenas o necessário. Na única vez que tentei fazer isso, quando cheguei a um barzinho vi uma pessoa cutucando a outra e, de repente, o lugar inteiro começou a cantar em coro a minha música. Fiquei vermelha feito um pimentão, segurei o choro, virei de costas e fui embora.

– Bom, de qualquer modo, temos um anúncio importante para fazer.

– Anúncio importante? Sobre?

– Surpresa! Vamos esperar todo mundo chegar.

* * *

Na hora combinada, a família toda se reuniu na mesa do jantar. Como sou tremendamente curiosa, fui logo perguntando:

– Pai, mãe, qual é o anúncio importante?

– Bom – respondeu meu pai num tom de conspiração –, eu recebi uma proposta de emprego!

– Que bom! Mas você já não tem um emprego muito bom? – perguntou a Bel, minha irmã.

– Tenho, mas esse é muito melhor. E adivinha onde é?

Por favor, diga que é em Nova York!

– Em Bangkok!

– Ahn? Como assim? – eu e a minha irmã perguntamos juntas.

– Vocês sabem que eu viajo muito para lá, para o Havaí e para Cingapura. Tenho feito um trabalho tão bom, modéstia à parte, que a empresa pediu para que eu tomasse conta da filial de lá, que está com problemas administrativos. O salário é excelente e é uma ótima oportunidade para crescimento profissional e cultural.

– E você vai aceitar, pai? – perguntei.

– Já aceitei.

– Sem nem me perguntar? E eu, como fico?

Que egoístas! Nem pediram a minha opinião. Que, obviamente, é não.

– Eu e seu pai conversamos muito sobre isso, Alice – começou a minha mãe. – E resolvemos que você já é praticamente adulta e pode tomar as suas próprias decisões. – Isso é algo novo. Eles nunca me deixaram tomar decisão nenhuma sozinha. Liberdade, afinal! – Você pode ir conosco, e será extremamente bem-vinda, ou pode ficar aqui. Bel e Felipe – minha mãe olhou para minha irmã e meu cunhado –, se vocês quiserem nos acompanhar, também estão convidados.

– Obrigada, mãe – respondeu minha irmã. – Mas não podemos. Eu não posso deixar a minha loja e o Felipe não pode abandonar o escritório dele por tanto tempo. Além disso, a Bibi começou a ir para a escola há pouco tempo e ela gosta tanto. Não posso fazer isso com a minha filha. Aliás, é algo temporário ou permanente?

– Depende de mim e do meu trabalho, mas acho que é para ficar lá no mínimo três anos, tempo em que permanece uma diretoria antes de uma nova eleição. E você, Alice, o que quer fazer?

– Pai e mãe, eu vou morrer de saudade, mas eu não quero morar em Bangkok! Vocês não assistiram a *Se Beber Não Case 2?* Lá é sujo, feio e cheio de favelas. E eu não sei falar... – Deu branco. Que idioma se fala na Tailândia? – a língua que se fala lá.

– Sua idiota! – disse a Bel. – Claro que a cidade não é que nem no filme. Bom, deve ter uma região que seja, mas não é assim em todos os lugares. E você se esqueceu das praias paradisíacas que tem por lá? O filme *A Praia*, com o Leonardo DiCaprio, foi filmado na Tailândia.

Opa! Tinha me esquecido desse detalhe muito interessante.

– Pai, a sede da empresa fica nessa praia ou em alguma outra do tipo? – Será que o Leonardo DiCaprio gostou tanto de lá que ainda visita a região de vez em quando? Ai, meu Deus! Eu vou morar perto da casa de férias do Leo!

– Claro que não – respondeu meu pai. – Aquilo foi nas ilhas Phi Phi e Phuket. Acredito que fiquem meio longe de Bangkok.

Ok. Não quero mais ir.

– Vocês vão ficar muito chateados se eu resolver ficar?

– Vamos morrer de saudade de todos vocês, mas claro que não vamos ficar chateados. Vocês todos têm o direito de fazer o que quiser. Ainda mais você, Alice, que é solteira – afirmou meu pai.

– Esse é o lado bom de ser jovem, solteira e desimpedida, né, filha? – acrescentou minha mãe. – Pode ficar, pode nos acompanhar, pode ir para qualquer lugar do mundo se quiser...

Espera aí. Qualquer lugar do mundo? Até Nova York?

– Se eu quiser, então, posso ficar em Cuiabá ou ir para qualquer outro lugar, certo? – perguntei esperançosa.

– Pode, ué. Você é adulta, faz o que quiser.

Ai, que delícia ouvir que sou adulta e podia fazer qualquer coisa!

– E se eu quiser...

– Mudar para Nova York? – Todos da mesa falaram ao mesmo tempo, até meu cunhado, antes de eu terminar a frase.

– Peraí! Como vocês sabiam que eu ia perguntar isso?

– Era tão óbvio – respondeu minha irmã.

– Sabe que eu até achei que você demorou a pedir isso para a gente? – comentou meu pai.

– É verdade – concordou minha mãe. – Do jeito que é obcecada com aquela cidade, pensei que fosse pedir para se mudar para lá quando tinha 10 anos. Ou que não iria mais embora quando fomos no ano passado.

– Quer dizer que tenho autorização para mudar para lá? – Nesse momento, meu coração já estava batendo totalmente descompassado, pulando algumas batidas, como nunca na vida.

– Tem. E sabe o que mais? – disse meu pai todo sorridente. – Sabemos que vida de jornalista é dura. Que vocês não ganham quase nada. Tentei te convencer a mudar de curso até quando você estava no terceiro ano de faculdade, mas não teve jeito. Ainda bem, porque eu sei que é realmente boa no que faz. Mas quero que você seja melhor ainda. Então, como meu aumento de salário vai ser muito bom, lá vou ter casa, comida e transporte por conta da empresa, e como eu sabia que você ia pedir para ir morar em Nova York, estou disposto a pagar um curso de Jornalismo na cidade e a te bancar por um ano. – Nessa hora, eu já estava chorando como nunca na vida. – Óbvio, se não for uma consumista louca enquanto estiver lá, coisa que eu sei que você é. E que vá nos visitar pelo menos uma vez.

– Claro que não vou ser e claro que vou visitá-los – praticamente gritei, com medo de que se não respondesse rápido demais ele mudaria de ideia. – Eu vou ser a pessoa mais econômica que você já viu passar na face da Terra.

– Sabemos também, filha, que você está tendo um mês ruim com toda essa história de Corna Mansa do Ano. Precisa se afastar de tudo isso.

– Então, Alice – disse minha irmã –, eu e o Felipe assistimos ao vídeo. Rimos muito! Está muito engraçado. – Só não briguei com ela porque a vida estava linda naquele momento.

Realmente, essa confusão já estava me tirando do sério. Estava no limite. Fora que ela minou totalmente a minha chance de arrumar um novo namorado enquanto as pessoas não esquecessem tudo aquilo.

– Combinado, então. Vamos nos mudar no final de novembro, daqui a dois meses. – Meu pai começou a explicar. – Isso significa que, infelizmente, já estaremos lá no Natal. Estamos querendo passar as festividades em Tóquio, lugar que sempre quisemos visitar e é relativamente perto de Bangkok. Não queremos que se mude antes da gente, Alice. Queremos aproveitar ao máximo a nossa caçulinha. Então, depois dessa data, você está liberada para ir quando quiser. Tem o nosso aval para procurar um apartamento e um curso.

Quer saber de uma coisa? Como eu amo a minha vida!

Capítulo 4

Decidi ir para Nova York um dia depois de meus pais se mudarem. Ou seja, dois meses depois de avisarem que estavam indo para a Tailândia. Ficou resolvido que meus pais passariam sozinhos o Natal e o Ano-Novo em Tóquio, uma viagem romântica para reavivar a chama da paixão (por favor, imagens que o meu cérebro está criando, vão embora!). Eu estaria em Nova York, e minha irmã, seu marido e minha sobrinha iriam para lá me encontrar para as festas.

Os dois meses de preparação passaram voando. A primeira atitude que tive na segunda-feira depois que resolvi me mudar foi pedir demissão do meu emprego na revista. Foi com dor no coração, já que eu amava meu trabalho, meus colegas (apesar de toda aquela história de rirem de mim por causa do incidente Corna Mansa do Ano) e, principalmente, meu editor. Mas era a chance de uma vida. Eu não podia desperdiçar por causa de um emprego legal, mas que pagava pouco e não me levaria a lugar nenhum. Como o período de aviso prévio era de um mês, o meu tempo para procurar

apartamento e um curso ficou reduzido pela metade. E encontrar um apartamento em Manhattan que não custasse por mês o que eu ganho por ano era uma tarefa quase impossível. Tinha que correr contra o tempo.

Claro que disse para todo mundo que estava indo para Nova York. Tinha que esfregar na cara das pessoas que, apesar de ter sido traída e humilhada, ia para um lugar lindo, maravilhoso e mágico sem nenhum deles. E seria mais maravilhoso ainda porque lá ninguém me conhecia como Corna Mansa do Ano.

Quando contei para a Ana, ela comentou que uma tia dela, uma viúva podre de rica, morava em Nova York e tinha um apartamento no Upper East Side (ai, Jesus!). A tia Wanda, como é chamada, tinha também uma casa na Toscana, Itália, e outra no Rio de Janeiro, no Leblon. Ela, que não fazia nada da vida, a não ser curtir com garotões e gastar o dinheiro que seu rico falecido lhe deixara, fazia um rodízio das suas casas e ficava de um a dois anos em cada uma, até enjoar. Naquele momento, ela tinha acabado de passar a sua temporada em Nova York e se mudado para a Itália. Se eu quisesse, a Ana poderia conversar com a tia Wanda e perguntar se eu poderia morar lá.

– Ana, a oferta é muito generosa, mas eu não poderia te pedir para fazer isso. Afinal, a sua tia nem me conhece!

– Isso não é problema. Ela leva desconhecidos para a casa dela todos os dias... – disse piscando para mim e dando uma gargalhada.

– Será que ela não se importaria? – perguntei.

– Com certeza, não. Quando eu era mais nova, fiz um intercâmbio de seis meses nos Estados Unidos. Morei na casa dela,

que na época era em Miami. Um lindo apartamento na Ocean Drive, de frente para o mar. Bons tempos aqueles! Enfim, naquele ano tia Wanda morava em Paris. Quando cheguei ao apartamento, dei de cara com uma moça francesa que não falava nem um 'a' em português ou em inglês. Nem consegui perguntar quem ela era ou o que estava fazendo ali. Liguei para minha tia e ela disse que tinha conhecido Sophie num barzinho enquanto bebia com as amigas e a garota queria morar nos Estados Unidos. Sem nem saber direito quem ela era, ofereceu seu apartamento em Miami e esqueceu-se de me avisar.

– Nossa! E se ela fosse uma psicopata? Maníaca? Assassina?

– Foi isso que eu disse para minha tia. Ela me chamou de careta e antiquada, mandou-me parar de frescura e ir socializar com a Sophie. Ela disse na época: “Ana, eu tenho um sexto sentido para a índole das pessoas. A Sophie me passou algo bom”. E eu respondi: “Mas, tia, e todos os caras com quem você fica? Você não percebe? Eles estão apenas atrás do seu dinheiro. Acho que você não julga as pessoas tão bem”. Ao que ela respondeu: “Meu bem, eu sei que eles se aproveitam de mim. E eu gosto e deixo”. E deu uma gargalhada. – E com isso nós duas também caímos na gargalhada. – Se alguém que ela nunca viu na vida pode morar em seu apartamento, com certeza uma amiga da sua única sobrinha, com ótimas recomendações, terá lugar lá. Vou falar com ela e te aviso.

Menos de 24 horas depois, Ana já tinha falado com a tia Wanda, que prontamente concordou. Quando perguntei para Ana quanto seria o aluguel, ela me disse para largar de ser idiota, que a sua tia me emprestaria o apartamento, não alugaria. Resultado: eu ia morar por um ano em um apartamento no Upper East Side (lar da Gossip

Girl!). Tudo isso sem pagar um centavo. O que eu ia economizar, que era muito, poderia usar em compras.

Eu já disse que amo a minha vida? Que eu amo a Ana?

Resolvido isso, só faltava o curso. Depois de passar madrugadas inteiras na internet, no Google, participando de fóruns e perguntando para meus ex-professores, encontrei a pós-graduação de Jornalismo em rádio e TV na New York Film Academy (NYFA), que foi desenvolvida pela NBC News. Havia três opções: uma de quatro semanas, outra de oito e uma terceira de um ano, o ideal para mim. E o melhor de tudo? Inscrições abertas com aulas começando na primeira semana de janeiro. Tinha como ser mais perfeito? Me inscrevi e cruzei os dedos esperando a resposta da escola. Olhariam meu currículo, um texto que eu fiz com cinco páginas explicando quem sou eu e por que gostaria de estudar na NYFA, além de ler as cartas de recomendação, que eu pedi para ex-professores escreverem.

Dez dias depois, ao abrir meu e-mail, além dos dez outros falando (ainda!) sobre a história da Corna Mansa (nenhuma outra mulher fez barraco ou se expôs na internet, droga!), recebi um da NYFA. Antes mesmo de abrir, já estava pulando e gritando de alegria por causa do título. Abri o e-mail, mas não conseguia me concentrar para ler o restante da mensagem.

From: journalism@nyfa.com

To: alicemonerat@gmail.com

Subject: Parabéns!

Cara senhorita Alice Polleto,

É com grande prazer que anunciamos que você passou no processo seletivo para o curso de pós-graduação em Jornalismo com duração de um ano da New York Film Academy.

As aulas terão início no dia 3 de janeiro de 2013. O período das aulas é das 9 h da manhã às 14h30, no campus de Nova York, localizado na Union Square.

Você tem 24 horas após a abertura deste e-mail para confirmar sua matrícula.

Agradecemos o interesse em nossa escola.

Seja bem-vinda e até janeiro.

Atenciosamente,

*Mary Stanford
Diretora dos programas de pós-graduação*

Gritei como nunca na vida. Muito mais do que quando meu pai me mandou aquela carta linda contando que eu ia para Nova York com a minha família. Muito mais do que gritei com o Leandro e a Amanda naquela fatídica noite. Minha mãe ficou preocupada com os meus berros e chegou correndo no meu quarto, com uma frigideira na mão pronta para bater em um assaltante que teria entrado ali.

– Mãe! Eu passei na triagem da NYFA! Vou estudar lá! Eu passeeeeeei! – falava alto, muito alto.

E agarrada em seu pescoço, começamos as duas a pular de alegria, gritando juntas.

- Eu vou para Nova York, mãe!
- E eu vou para Bangkok, filha!

Tudo resolvido, só faltava esperar o tempo passar e arrumar as minhas malas.

Três dias antes de viajar, meus amigos mais próximos fizeram uma festa surpresa de despedida para mim em minha casa. Tinha uma faixa com a frase "Alice, você não é do País das Maravilhas, mas é maravilhosa. Sentiremos sua falta". Ai, que frase lindamente brega! Havia fotos minhas com os meus amigos espalhadas em todos os cômodos: em festas, churrascos, formaturas, casamentos, jantares, shows e mesmo em casa fazendo careta para o espelho (ok, confesso que esse último não foi o meu melhor momento cheio de maturidade). E, para minha total e completa alegria, nenhuma foto do fatídico dia da Corna Mansa do Ano e nenhum comentário sobre o assunto. Será que finalmente estavam esquecendo?

Enquanto a festa rolava, ríamos e chorávamos pensando em nossos bons momentos e no tempo que eu ia passar fora, Rachel, uma das minhas melhores amigas, avisou que passariam um vídeo em minha homenagem.

Sentados na sala, começamos a assisti-lo. Mais fotos de dias felizes com meus amigos e família e *Take My Breath Away*, brega como sempre, tocando de fundo. Estava tudo tão bonito que eu comecei a chorar de novo. Quase no fim do vídeo, começou bem baixinho, quase imperceptível. Mas eu reconheceria essa batida insuportável em qualquer lugar. O volume foi aumentando e a música tomou forma. Era o Rap da Corna. Droga. E no lugar do meu vídeo lindo de amizade e amor, começou o clipe musical tão odiado

por mim (que, por sinal, já tinha quase um milhão de visualizações. Como eu odeio a internet!).

Todo mundo começou a rir e eu, a querer matar todos eles. Mas aquelas pessoas me amavam muito e estavam apenas me zoando um pouquinho. Afinal, o que é a amizade sem um pouco de constrangimento mútuo? Levei na esportiva, abracei a todos e curti o resto da festa.

Disseram-me que o Leandro queria ter vindo para a festa, além da Amanda. Mas todos o advertiram que seria melhor se não aparecessem. Olhei a tela do meu celular e vi que ele tentou me ligar algumas vezes durante a noite, mas eu queria me despedir das pessoas que amava, não das que me fizeram mal. Dessas, o meu coração já tinha se despedido com um chute no traseiro havia muito tempo.

Na noite seguinte, saí para um jantar em família para me despedir dos meus pais. Minha irmã e minha sobrinha estavam inconsoláveis. Por mais que não fosse para sempre, que havíamos combinado datas para todos nos encontrarmos e havia Skype, webcam e outras comodidades da internet, não ia mais ser a mesma coisa (não haveria Facebook porque eu tinha deletado minha conta depois de todo aquele escândalo). Foi uma noite com um gosto agridoce. Estávamos todos felizes pela nova fase em nossas vidas e tristes também porque, para isso acontecer, precisaríamos nos separar, pelo menos por um tempo. Houve choro e houve riso.

Na manhã seguinte, meus pais se foram. Vinte e quatro horas depois, foi minha vez.

Capítulo 5

Depois de duas horas de voo para São Paulo, mais cinco de espera no aeroporto de Guarulhos, oito horas de voo até Miami, quatro de imigração e espera da conexão e mais duas horas de voo até Nova York, cheguei, finalmente, ao aeroporto JFK. Comprar voo barato dá nisso. Várias conexões e muito tempo de espera.

Já era de madrugada e eu estava tonta de sono. Ia deixar minha dancinha de *New York, New York* para outro dia. Tudo o que eu queria era chegar ao meu novo apartamento e dormir.

Enfim, eu estava um caco. Maquiagem borrada, despenteada e com cara de poucos amigos. Droga, não era assim que eu queria chegar aqui! Me imaginei linda, maquiagem impecável, botas de salto alto, pois era quase dezembro, casaco de peles (falso, claro) e paparazzi tirando fotos de mim perguntando: "É essa a nova modelo brasileira que veio para a Fashion Week?", e outro respondendo: "É a sucessora da Gisele Bündchen". Mas isso, infelizmente, não aconteceu. Juntei minhas nove malas (e ainda achei pouco. Eu

queria trazer mais umas três, mas minha irmã me proibiu) em alguns carrinhos, paguei três carregadores e peguei um táxi rumo ao Upper East Side.

Por ser tão tarde (ou cedo, depende do ponto de vista), cerca de três e pouco da manhã, pensei que a cidade estaria quieta, que as ruas estariam desertas. Só que eu me esqueci do detalhe de que estava na Big Apple, a cidade que nunca dorme. Estava tudo tão agitado como se fosse início da noite. Ao passar pela Times Square as luzes quase me ofuscaram. Era exatamente como me lembrava, mas um pouco mais clara. Ou talvez essa claridade ofuscante fosse efeito do cansaço em meus olhos, que queriam se manter fechados. Até perdi o sono ao olhar para aquele lugar que é um dos meus preferidos no mundo (não que eu conhecesse muitos países, mas tudo bem). E tinha tanta gente! Pessoas passeando, tirando fotos, comprando, comendo, correndo, dançando... Ah, eu vou amar morar nesta cidade!

A Ana já tinha me dito que a sua tia era muito rica e tudo mais, mas Nova York é uma das cidades mais caras do mundo. Imaginei que mesmo uma pessoa considerada muito rica no Brasil, em Nova York (ainda mais no famoso e elitizado Upper East Side) teria um apartamento mais modesto, quase pequeno. Quarto, sala com cozinha e banheiro. Como eu estava errada! Meu táxi parou em frente a um luxuoso prédio cor marfim, de dez andares, com arquitetura estilo século XIX. Parecia locação de filme. A entrada tinha um toldo verde que ia da porta até a ponta da calçada e havia um porteiro com uniforme. Até aquele chapeuzinho típico de porteiros americanos ele usava!

Meu taxista, que falava um paquistanês com inglês medonho, estacionou e me ajudou a retirar as malas do carro. Perguntei se o

endereço estava correto e ele confirmou com a cabeça depois de me perguntar três vezes: "What? Don't understand you" e eu repetir a minha dúvida.

Identifiquei-me ao porteiro, o simpático Sr. Collins, e ele me entregou as chaves que a tia Wanda havia deixado para mim. Seu apartamento ficava na cobertura. Eu e as minhas nove malas pegamos o elevador, que tinha carpete vermelho, as paredes cobertas por placas de mogno e no fundo um grande espelho, daqueles bem iluminados que deixam você enxergar todas as imperfeições do rosto. Quase me joguei no poço do elevador ao ver a minha imagem. Era impressionante o que várias horas de voo faziam com o rosto de uma garota!

Ao chegar ao décimo andar, entrei em um corretor bem pequeno. Na verdade, era só um espaço entre a porta do apartamento e do elevador. Peguei as chaves, que estavam num simpático chaveiro vermelho no qual se lia "Sorria, você está na Bahia!", e abri a porta da minha nova casa.

Logo na primeira olhada no apartamento quase caí para trás. A porta dava direto num pequeno vestíbulo, com porta-casaco e porta-guarda-chuva e uns quadros. Depois desse cômodo, o ambiente abria para a sala de estar, gigante e impecavelmente arrumada. A decoração era totalmente diferente do exterior do prédio. Ele, todo austero, formal e secular, e o apartamento moderno, colorido e amplo. Quase não havia paredes, era como um loft chique e gigante. A parede contrária à porta era totalmente de vidro. Upper East Side, décimo andar, nenhum outro prédio atrapalhando a minha visão do Central Park. Tia Wanda, eu te amo!

A sala tinha dois jogos de sofás de cor vinho enormes, do tipo que, se você sentar, ele vai praticamente te abraçar e não deixar

você levantar nunca mais. No chão ao redor havia um tapete bege felpudo com uns cinco centímetros de altura que faz você querer deitar ali mesmo. Havia também alguns pufes de cor neutra e algumas almofadas com pedraria espalhadas pelos sofás e chão.

Na parede em frente aos sofás havia a maior televisão que eu já vi: 84 polegadas! Quase uma tela de cinema. Senti que seria muito feliz naquele lar.

Nas paredes e mesas havia esculturas, quadros e outras obras de arte bem coloridas e bonitas. Passando para o próximo ambiente, a sala de jantar, vi uma linda mesa de ferro e vidro para dez pessoas e uma bancada de granito negro com pontos de luz separando o cômodo da cozinha. Esta, em estilo barzinho, tinha banquetas para que as visitas pudessem confraternizar com o cozinheiro enquanto preparava a comida.

Bem aberta e arejada, a cozinha tinha um cooktop moderno com seis bocas e um exaustor tão bonito que mais parecia peça de decoração. A pia era feita do mesmo material da bancada negra e podia-se ver muitas panelas e outros utensílios espalhados e pendurados nas paredes. A geladeira era de aço inox e tão alta que tinha quase o dobro do meu tamanho. Na bancada havia um tocador de iPod. Com um espaço tão bonito e equipado desses, dava até vontade de aprender a cozinhar. Pensei: *quem sabe eu não faça um curso gastronômico por aqui?* Afinal, uma garota de 24 anos precisa aprender a fazer mais do que miojo, brigadeiro e pipoca (mas só de micro-ondas).

Grudado na geladeira, havia um bilhete:

Querida Alice,

Seja bem-vinda a Nova York! Mi casa es su casa!

Não nos conhecemos pessoalmente, mas, se é amiga da Ana, é minha amiga também.

Fique totalmente à vontade. E quando eu digo totalmente, é de verdade. Pode até andar sem roupas pelo apartamento se você quiser (mas, se fizer isso, feche as cortinas da sala, porque o velhinho que mora no apartamento da frente vai querer te mostrar o 'material' dele também, e eu te garanto, por experiência própria, que não é nada agradável).

Modéstia à parte, meu apartamento é 450 m² de pura diversão! Esse de Nova York é o meu preferido. Se bem que o da Toscana também mora no meu coração. Mas e o do Leblon? A vista dele é tão espetacular que eu não posso deixá-lo de lado! Eu queria agora comprar uma ilha na Grécia. Não seria o máximo? Você já está intimada a ir quando eu comprar.

Estou divagando aqui. Enfim, são oito quartos no apartamento, pode escolher qual você quiser. Até mesmo a suíte principal. Quando estou aí, tento dormir cada dia em um, porque gosto de todos.

Um conselho: aproveite muito a sua estadia em Nova York. Faça festas no apartamento, visite todos os pontos turísticos, conheça muitas pessoas, divirta-se!

Não sei quando vou para NY, pois acabei de passar minha temporada aí. Mas prometo te fazer uma visitinha antes de você voltar ao Brasil.

Estou louca para conhecer a garota por trás do Rap da Corna e do barraco em Cuiabá, hahaha.

*Beijos, querida!
Tia Wanda*

Quatrocentos e cinquenta metros quadrados? Sério? Ok, senti que eu realmente seria muito feliz naquele lugar!

Depois de dar uns pulinhos de alegria e uns gritos bem mulherzinha do tipo: “Eu amo a minha casa novaaaaa, eu amo a minha casa novaaaaa”, acalmei-me e continuei a explorar o lugar. Afinal, ainda havia muito espaço para conhecer.

Em um dos cantos da sala, havia duas portas. Uma dava para um lavabo, que devia ser maior do que o meu quarto da minha casa no Brasil (que não é pequeno). A outra dava para um corredor com algumas portas. Ele era bem largo, com retratos pendurados por toda a sua extensão. Parei para dar uma olhada neles.

Uma mulher muito bonita aparecia em quase todas as fotos. Deduzi que era a tia Wanda. Em algumas fotos estava mais jovem; em outras, já na casa dos quarenta anos. Também tinha umas fotos dela quando criança. Reconheci os grandes olhos castanhos mesmo quando ela aparecia com quatro ou cinco anos de idade. Alta, cheia de curvas, pele bem clara, cabelos castanhos na altura do ombro e sempre com um sorriso aberto.

Pelo que pude reparar, tia Wanda gostava de curtir a vida e gastar dinheiro. Do lado direito do corredor, ela aparecia nas fotos em vários locais do mundo. Nova York, Rio de Janeiro, Atenas, Roma, Tóquio, Ibiza, Barcelona, Cairo, Buenos Aires, Honolulu, um lugar cheio de neve que imaginei ser o Alasca, praias paradisíacas

que deviam ser no Caribe e outros que eu não tinha a mínima ideia de onde ficavam. Quase em nenhuma foto estava sozinha, sempre acompanhada por pessoas bonitas, principalmente homens. Apareceu em iates, com garrafas de champanhe na mão, ostentando joias lindas e em inúmeras festas. Quase hiperventilei quando vi que, em uma das fotos, ela estava ao lado do Brad Pitt. Pensei que fosse uma réplica dele em algum museu de cera. Mas ele estava muito real. Tia Wanda conheceu Brad Pitt. Ai, Jesus! Será que ela me apresentaria para ele?

Do lado esquerdo do corredor, as fotos eram mais pessoais. Reconheci a Ana em algumas delas. A tia Wanda aparecia com os pais e os irmãos quando eram jovens, em outras com bebês no colo, que imaginei serem filhos de amigos, já que ela não era mãe e só tinha a Ana de sobrinha. Havia também tia Wanda vestida de noiva com um homem muito bonito.

A Ana me disse que ela havia se casado muito nova com o tio Paulo. Eles eram apaixonados desde crianças. A família da tia Wanda era de classe média, mas a do tio Paulo era riquíssima. Mexiam com imóveis, ela disse, e possuíam apartamentos, terrenos e casas ao redor do mundo. Quando tio Paulo morreu de câncer apenas cinco anos após o casamento, tia Wanda ficou meses arrasada, sem nem ao menos sair de casa. Até que um dia, depois de ter desejado muito morrer para ficar com o marido, resolveu que não podia trancar-se no quarto triste esperando a hora de sua morte chegar.

Ela era linda, tinha 25 anos, muita energia e toneladas de dinheiro para gastar. Tio Paulo era filho único e seus pais já haviam morrido. Ou seja, tudo ficou para tia Wanda. Contratou um advogado e um contador para cuidar da sua vida financeira e resolveu viver de rendimentos. E seus rendimentos eram enormes.

Não passaria necessidade nem se gastasse desenfreadamente anos e anos a fio. E ela resolveu fazer isso mesmo: gastar como se não houvesse amanhã, divertir-se e passear ao redor do mundo. Ela costumava dizer: "Não sei quando vou morrer, então por que não aproveitar ao máximo enquanto posso? Além disso, quando ficar velha vai ser tudo mais difícil e não vou conseguir namorados. Faço isso enquanto há tempo". A vida da tia Wanda devia ser bem interessante mesmo.

Enquanto eu passava pelas portas, ia entrando e ficando maravilhada com os quartos. Todos enormes e com banheiro e cada um com estilo diferente. O primeiro tinha estilo provençal, muito delicado e de cores claras. O segundo todo preto e branco, moderno e estiloso. O terceiro era cheio de formas geométricas minimalistas. O quarto era todo decorado em tons marrons, laranja e creme, bem aconchegante. O quinto parecia ter um conceito de sustentabilidade com móveis de materiais reciclados. O sexto tinha tema praiano, as paredes com tons de areia, mar e céu. Parecia que eu tinha entrado em um bangalô de Bora Bora.

Enquanto eu pensava que iria passar uma semana em cada quarto, abri a porta do sétimo e resolvi que ali montaria acampamento. Se algum dia me perguntassem qual era o meu cantinho preferido no mundo, tiraria do bolso uma foto daquele quarto e mostraria.

A cama devia ter três metros de largura por quatro de comprimento, com um dossel de madeira entalhada com tecido caindo dos lados. Quando pulei nela, parecia que eu estava em areia movediça e ia afundando. Ai, meu Deus, eu nunca conseguiria levantar-me dali! Acordar cedo seria um problema. O quarto todo era coberto por um tapete felpudo e os móveis eram simples, de

madeira clara. Havia uma penteadeira com espelho e lâmpadas ao seu redor. O sonho de toda mulher. Um espelho enorme estava em uma das paredes e em outra, uma janela no lugar da parede, assim como na sala. Então notei que não havia armários. Opa, isso seria um problema. Percebi que tinha duas outras portas no quarto, além da que eu entrei. Uma dava para um lindo e enorme banheiro com banheira estilo eduardiana. A outra, para minha grande alegria, era um closet enorme com espaço para vestidos, saias, calças, joias, bolsas e sapatos. Era certo: eu nunca ia querer ir embora daquela casa. Será que a tia Wanda me adotaria?

Entre no último quarto, a suíte master. Tia Wanda fez um ótimo trabalho ali. Todos os quartos pareciam saídos de revistas de decoração, mas aquele muito mais. Cama grande, parede decorada com pinturas famosas (que eu desconfiei serem as reais, não réplicas ou aqueles pôsteres que a gente compra em museus). Como era muito grande, havia uma área com sofá, divã e uma televisão enorme na parede. O closet dela era dentro do quarto. Parecia até o da Carrie em *Sex and the City*. O banheiro também era enorme, luxuoso e lindo.

Saí dos quartos e voltei para a sala. Só então percebi que tinha uma escada em espiral em um dos cantos. Subi e cheguei a um corredor. Entrei em uma das portas que tinha nele e dei de cara com uma minissala de cinema com um móvel que ia do chão ao teto com DVDs e Blu-rays. Em frente ao cinema, havia uma sala de ginástica bem equipada. E no final do corredor, uma porta que dava para o lado de fora. Ao sair, cheguei à área de lazer do apartamento. De um lado uma churrasqueira, bancada, mesas, cadeiras e sofás; do outro, um minijardim e uma jacuzzi. A vista para a cidade inteira era sensacional. Podia-se ver toda a extensão do Central Park.

O apartamento da tia Wanda era o melhor lugar do mundo!
Sério!

Apesar de muito empolgada com tudo, estava exausta e o dia começava a clarear. Desci, deixei as malas onde estavam, pois não tinha forças para puxá-las até o quarto (era muito longe. Aquele apartamento era enorme!). Fui para o meu lindo quarto novo para deitar. Tudo o que fiz foi tirar a roupa e jogá-la longe. Puxei o edredom e em menos de dez segundos estava morta para o mundo.

Capítulo 6

Naquela noite, tive lindos sonhos com o meu novo lar e com tudo o que faria ali. Acordei quando já eram quase três horas da tarde. Perdi mais da metade do dia, mas precisava daquele tempo descansando. Além do mais, não tinha mesmo o que fazer. Minhas aulas só começariam em janeiro e eu não tinha compromissos marcados; afinal, não conhecia ninguém na cidade.

Peguei as malas, tomei um banho, me arrumei e quis comer alguma coisa. Na geladeira, naturalmente, não tinha nada. Desci para o frio dia de sol que estava e fui procurar um Starbucks ou algo do tipo. Imagine a minha felicidade ao descobrir que tinha um do outro lado da rua.

Apesar de amar o Starbucks, não tomava café. Acho que sou uma das poucas jornalistas que conheço que não gostam do "sagrado líquido preto". Na cafeteria tinha muitos pães, doces e smoothies de frutas gelados. Mesmo com frio, pedi um de morango com chantilly. Para esquentar, pedi um bagel (confesso, dois bagels!)

com cream cheese. E, de sobremesa, comi um brownie. Graças a Deus eu não tinha tendência para engordar! Se tivesse, no final daquele um ano em Nova York estaria uma bola.

Sem ter muito que fazer, comecei a andar a esmo pelas ruas perto do apartamento. Andei tanto que cheguei ao Central Park. Não tinha planejado ir, mas meus pés seguiram até lá, parecia até que sabiam o caminho.

Nossa! Como aquele lugar é lindo! As folhas das árvores já estavam amareladas ou marrons. Me senti dentro do filme *Outono em Nova York*. Onde estava o Richard Gere para passear comigo pelo parque? Ele, infelizmente, não se encontrava lá, mas muitas outras pessoas estavam. Atletas correndo, gente passeando, babás conversando enquanto as crianças de quem elas cuidavam perseguiram umas às outras, estudantes de escolas privadas deitadas na grama curtindo o sol frio e turistas andando de pericab. Ainda não conseguia acreditar que estava na cidade dos meus sonhos. E para ficar, pelo menos por um bom tempo.

Como era novembro, o inverno já estava se insinuando e o vento frio cortava meu rosto. Mas depois de sair do calor de Cuiabá, essa temperatura era revigorante. Sabia que, assim que esfriasse um pouco mais, não pensaria isso, afinal, eu detestava frio. Mas naquele momento, Nova York nunca me pareceu tão linda.

Novembro e a primeira quinzena de dezembro passaram e me tornei praticamente uma nova-iorquina. Estar sozinha não me impediu de fazer tudo o que eu queria. Visitei todos os pontos turísticos. Passei tardes preguiçosas lendo deitada na grama do

Central Park e sentada num banco na Times Square vendo a correria dos executivos e a alegria dos turistas. Fui duas vezes até a Estátua da Liberdade porque a achei linda. Assisti a várias peças da Broadway e chorei sozinha em algumas. Comi em um restaurante diferente a cada almoço e jantar. Um dos meus lugares preferidos na cidade era a Biblioteca Pública de Nova York. Se eu pudesse, passaria semanas ali dentro lendo.

Apesar de sozinha, não fiquei completamente só. Conheci pessoas, o que nunca foi muito difícil para mim sendo jornalista e extremamente comunicativa (modo gentil de dizer que era muito tagarela). Fiz amizade com a Carrie, uma garçonete de um barzinho perto da minha casa (como era ótimo chamar aquele lugar maravilhoso de casa!) e saí com ela e uns amigos algumas vezes. Conheci turistas que me pediam informação e passava tardes e noites com eles.

Mas onde eu conheci mais gente foi no curso de culinária de um mês que fiz. Ainda na minha primeira semana em Nova York, estava passeando pelas ruas perto da minha casa e vi um lugar com uma placa indicando aulas de gastronomia. Como não estava fazendo nada, entrei para ver e já saí de lá matriculada. Não virei uma chef, é claro, mas saí do estágio miojo-brigadeiro-pipoca no qual me encontrava. Lá fiquei amiga da Clara e da Mimi, gêmeas idênticas, chilenas de dezoito anos que estavam fazendo intercâmbio e falavam juntas o tempo todo, o que era irritante e engraçadinho ao mesmo tempo. Loiras de cabelo ondulado, pele muito branca e altas, elas chamavam a atenção aonde íamos. Também conheci o Juan, espanhol, lindo, com quase 30 anos, pele azeitonada e cabelos pretos. Um típico boêmio que falava alto, amigo de todos e com uma risada contagiante.

Confesso que dei uns beijos no Juan algumas vezes. Ele, as gêmeas e eu saíamos para a balada frequentemente, mesmo em dias da semana. Afinal, no outro dia não tínhamos que acordar cedo, ninguém trabalhava e as nossas aulas eram à tarde. Ele era bonito, sexy, engraçado, solteiro e estava ali de bobeira. Eu, que tinha levado o chifre do ano (ou talvez do século), era livre e desimpedida para fazer o que quisesse e com quem quisesse. Certa noite, ficamos ele e eu sentados no bar de uma casa noturna, pois as gêmeas tinham fugido com gêmeos noruegueses. Ele olhou para mim, eu olhei para ele e, quando nos demos conta, já estávamos nos agarrando. Depois disso, frequentemente estávamos juntos, mas sem sentimentos envolvidos em nenhuma das partes. Não era amor, era só extremamente divertido beijar aquela linda boquinha.

De vez em quando, Clara e Mimi iam para os pontos turísticos comigo, mas reclamavam que eu gostava de andar a pé e que elas não estavam acostumadas. Num portunhol mais ou menos e de vez em quando em inglês, nos comunicávamos:

– Alice, por que andar tanto a pé? Estou de salto alto! – Certa vez choramingou Mimi.

– É verdade. Podíamos pegar um táxi! Papai deu dinheiro para que não precisássemos andar a pé nessa cidade tão perigosa – completou Clara.

– Meu pai sempre disse – respondi – que turismo se faz a pé, para conhecer bem os locais e descobrir suas particularidades.

– Suas o quê? – disseram em uníssono.

– Suas... Como posso dizer isso em espanhol? Seus cantinhos especiais, pronto.

Juan gostava mais das noitadas. Foi para Nova York simplesmente para curtir a vida. Dormia de dia e ia para a gandaia à noite. Gastava dinheiro incontrolavelmente e não trabalhava.

Certo dia, enquanto preparávamos uma torta de maçã, eu lhe perguntei:

– Juan, posso fazer uma pergunta indiscreta?

– Claro, *mi amor*. – Ele chamava todo mundo de *mi amor* ou *mi corazón*.

– O que você faz da vida? Tem um emprego ou algo do tipo?

– Nada. Só curto cada momento.

– Mas se você não trabalha, como tem dinheiro? – perguntou Mimi.

– E como gasta tanto? – continuou Clara.

Ele deu uma risada alta e respondeu simplesmente:

– Segredo. – E voltou a cozinhar.

Eu e as gêmeas olhamos uma para a cara da outra, até que eu propus:

– Se nós adivinharmos, você nos conta?

– Conto. Mas vocês nunca vão conseguir acertar.

A partir daquele dia, passamos a tentar adivinhar de onde vinha o dinheiro dele.

– Você tem pais ricos?

– Não.

– Avós ricos?

- Não.
- É filho do rei da Espanha?
- Não, mas eu ia adorar isso! Seria mais famoso e gostoso do que o príncipe William. Mulheres do mundo inteiro iam me adorar.
- Ganhou na loteria?
- Bem que eu tentei, mas, infelizmente, não.
- Tem imóveis alugados e vive disso?
- Não.
- Investe na bolsa de valores?
- Eu tenho cara de alguém que faz isso, meninas?
- Assaltou um banco?
- Já pensei nisso, mas não.
- Casou com uma velha rica e depois a matou para ficar com o dinheiro?
- Não, mas a ideia não é de todo ruim.
- É filho do Bill Gates ou do Steve Jobs?
- Não.
- Irmão do Mark Zuckerberg?
- E vocês acham que aquele mão de vaca dá dinheiro para alguém?
- É dono de uma mina de ouro ou de diamantes?
- Não, mas isso seria muito legal.
- É traficante de drogas, armas ou mulheres?

– Não, suas loucas. Mas eu gostaria de ter um harém...

Fizemos todos os tipos de pergunta, até as mais estranhas, como:

– É descendente do rei Midas e tudo o que toca vira ouro?

Minhas amigas e eu passamos três semanas nos torturando tentando adivinhar o que o Juan fazia. Virou questão de honra descobrir de onde vinha o dinheiro daquela criatura misteriosa. Até que um dia eu estava em casa lendo a *Hello*, uma revista americana de fofocas (sou do tipo que lê isso), e dei de cara com uma foto do Juan sentado num café. Do lado dele tinha três garotas. Eu, Mimi e Clara. A legenda dizia: “Juan Canavarros, milionário espanhol inventor de um software de segurança, passa temporada em Nova York na companhia de três morenas misteriosas”.

Ai, meu. Deus. Eu era uma morena misteriosa! E finalmente descobri o que o Juan fazia!

No outro dia levei a revista para a nossa aula e sentei na bancada de sempre com o Juan e as gêmeas. Fingi que ainda não tinha lido a revista e comecei a folheá-la tranquilamente. Olhava sorridente para o Juan porque havia descoberto o seu segredo.

– *Mi amor*, que cara estranha é essa? Seu sorriso está de dar medo.

– Nada, não, *mi corazón*. Ah, olha que foto interessante! – E passei a revista para ele e para as gêmeas.

Eu nunca vi um homem empalidecer tão depressa. Ele ficou branco, pálido.

– Nós somos morenas misteriosas! Mamãe vai morrer de orgulho – gritou Clara.

– Agora vamos lançar um canal no YouTube e virar webcelebridades – continuou Mimi.

– Juan, casa comigo?

– Não, comigo! Sai de perto, Clara! Eu vi primeiro!

– Ei, podem parar! Vocês são lindas, mas não vou casar com nenhuma de vocês. Sou um lobo solitário, solteirão por opção. – Ele olhou para mim, lembrando que de vez em quando a gente ficava e acrescentou: – Sem ofensa, Alice. Você sabe que você e eu somos carnal, né? – E deu o sorriso mais sem-vergonha do mundo para mim.

– Claro que sei e gosto que seja assim. Bom, pelo menos você sabe que somos suas amigas de verdade, não por interesse.

– Diga por você, Alice – declarou Mimi. – Eu me aproximei dele porque é um gato, hahaha.

– Juan, mas agora explica para a gente, por que você escondeu que era um milionário da computação? – perguntei.

– Porque isso significa que, no fundo, apesar de todo esse exterior cool, eu sou um nerd. Aliás, eu era um banana antes de ficar rico. De óculos, aparelho, cabelo mal cortado, viciado em videogame e computador e sem saber falar com as mulheres. Esse não sou mais eu.

– Ah, mas ser geek está na moda! Toda mulher gosta de um nerdzinho! – respondi.

– Vocês gostariam de mim na minha versão antiga? – indagou desconfiado.

– *Mi corazón* – disse Clara –, com o dinheiro que você tem, amaria você até se fosse desdentado!

Depois dessa, tivemos uma crise de riso e a aula começou.

O curso terminou, mas mesmo assim continuei amiga do Juan, da Mimi e da Clara. Como as gêmeas iam viajar para a Flórida nas festas de fim de ano e Juan ia visitar sua família na Espanha, uma semana antes do Natal nós quatro fizemos uma comemoração adiantada no meu apartamento, que durou três dias. Era para ser apenas uma pizza e champanhe entre amigos, que virou uma festa.

Eles montaram acampamento no meu apartamento e convidavam amigos. Apareceu muita gente que entrava e saía, chegava e ia embora. Eu não conheci nem um terço. Confesso que foram os dias mais divertidos da minha vida.

As gêmeas constantemente assediavam Juan de brincadeira pedindo-o em casamento ou que pelo menos tivesse um filho com elas para que pudessem ter uma pensão gorda. Ele ficou tão cansado delas que falou que ia me pedir em casamento só para que parassem de encher sua paciência.

Capítulo 7

Três dias antes do Natal, minha irmã com a filha e o marido chegaram. Ficaram impressionados com o apartamento da tia Wanda. Normal, era impossível não arregalar os olhos quando você entrava lá.

Passeamos pelos pontos turísticos. Mesmo já os conhecendo, visitei-os todos de novo com o maior prazer do mundo. Não me cansava daquele lugar.

Para comemorar o Natal, fizemos reserva num simpático restaurante italiano perto do meu apartamento que estava aberto para recepções de famílias. Sentamos à nossa mesa, mas como a maioria das pessoas lá era realmente italiana e festiva, todas as mesas se juntaram e fizemos a ceia com um bando de desconhecidos muito entusiasmados.

Apesar de estar muito frio, pois o inverno finalmente havia chegado, resolvemos que passaríamos a virada do ano vendo a bola cair na Times Square. A Bianca, mais do que todos nós, ficou

encapuzada, apenas com os olhinhos para fora. Eram cerca de três horas da tarde quando fomos nos juntar à multidão que já se aglomerava nas ruas que abrigavam a festa.

Depois de algumas horas parados de pé no frio, aquela ideia de passar o Réveillon ali parecia muito idiota. Por que não organizamos uma festa no quentinho do meu apartamento? Mas nem se quiséssemos conseguiríamos ir embora. Tinha tanta gente ao nosso redor que seria impossível sair dali. Pelo menos estar sendo amassada e espremida ajudava a esquentar.

Finalmente, às nove horas da noite os shows e as comemorações começaram e o frio até amenizou. Não que víssemos o palco e tudo mais, mas a energia ao nosso redor era muito legal.

Umás duas horas depois, senti alguém dando um apertão no meu traseiro. Virei para ver quem tinha feito aquilo e um rapaz lindo, alto, bem branquinho, de olhos azuis e cabelos castanhos com nuances loiras olhou para mim e começou a rir.

– Me desculpe! – dizia ele em inglês. – Pensei que você fosse a minha irmã!

– Que tipo de pessoa aperta a bunda da irmã? – respondi um pouco áspera demais.

– É só para implicar com ela. Me desculpa, sério mesmo.

– Tudo bem... – respondi de má vontade.

– Você é brasileira? – disse já em português. – Escutei você falando com esse pessoal. Eu também sou brasileiro!

– Percebi pelo seu português.

– Sou de São Paulo. E você?

– De Cuiabá.

– A capital de Mato Grosso do Sul? – falou ele às gargalhadas.

– Não. Capital de Mato Grosso – respondi fuzilando ele com os olhos.

– Calma, eu sei. Estou brincando. Estou familiarizado com a rixa que os dois estados têm.

Ele começou a me olhar com um ar interrogativo.

– Eu te conheço? Parece que já te vi em algum lugar.

– Não, nunca te vi na vida. – E virei de costas antes que ele percebesse que eu era a garota do Rap da Corna, a que provavelmente já tinha assistido. Todo o Brasil já tinha visto aquela porcaria.

O rapaz virou e encontrou sua irmã. Estavam com um grupo grande de amigos. Ficaram perto de mim e da minha família, no mesmo cercadinho. Ele e eu estávamos de costas um para o outro e a todo momento ele me empurrava. Que saco! Sei que estava apertado, mas precisava esbarrar em mim o tempo todo?

Ele pisou no meu pé. Me deu uma cotovelada. Derrubou refrigerante gelado em mim. Levantou os braços ao som de uma música e chegou a me dar, de leve, um tapa no rosto. Até que cansei e falei:

– Ei, bonito! Será que dava para ser menos inconveniente?

– Me desculpa! Está apertado aqui. Perdão se estou incomodando a princesa. E obrigado por ter me chamado de bonito! Você também não é de se jogar fora. – Quando ele disse isso, encarou-me com olhos grandes e doces e deu um sorriso quase

tímido com lindos dentes brancos. Por um segundo até me esqueci do motivo de brigar com ele.

Um dos amigos dele, que eu não consegui definir de que nacionalidade era, virou para a gente rindo e disse num inglês horrórico:

– No meu país isso significa amor. Vocês já estariam em processo de casamento!

E todo mundo começou a rir. Senti corar e virei de costas. Onde já se viu! Eu não sou de jogar fora? Me desculpa, meu querido, mas eu sou bem gatinha, tá? Processo de casamento? Amor? Com um grosso desses que aperta o traseiro de desconhecidas em plena Times Square? Tudo bem que é um grosso lindo de morrer, com um sorriso que me fez até suspirar... Ai, que raiva!

Depois disso, ele ficou me encarando e sorrindo. De longe mexia os lábios dizendo: “Você fica uma graça vermelhinha”.

Minha irmã percebeu a movimentação e disse:

– Alice! Quem é esse bonitinho?

– É só um brasileiro babaca que fica trombando em mim.

– Mas ele está de olho em você!

– Não, ele só está me irritando e implicando comigo. Disse que eu não sou de se jogar fora e já me agrediu várias vezes.

– Ô, exagerada! Ele não te agrediu, foi sem querer. Além disso, apenas está chamando a sua atenção.

– Não é verdade.

– É, sim! Vai lá falar com ele. Puxa papo.

– Não quero. Quero distância desse tipo de homem.

– Que tipo? O tipo muito bonito? – E nessa hora meu cunhado olhou feio para a Bel. – Desculpa, meu amor – disse ela mandando um beijo para ele. – E bonito para a Alice. Você é o meu bonito!

– Ele é do tipo inconveniente que fica fazendo graça para mostrar para os amigos que é o cara.

– Tudo bem, então, sua boba.

Quando começou a contagem regressiva de um minuto para meia-noite, o rapaz veio conversar comigo.

– Certeza que a gente não se conhece?

– Aham.

– Nunca nem cruzamos na rua?

– Não.

– Por que eu acho que te conheço?

– Sei lá, meu rosto é muito comum. Não é de se jogar fora, né?

– Você dá para um caldo! – comentou ele rindo. – Já sei! Você é famosa?

– Se eu fosse famosa, não estaria no meio da Times Square nesse aperto, e sim numa festa badalada. – Caramba! Como eu estava sendo desagradável. Realmente, aquele rapaz estava me dando nos nervos. Será que era o fato de ele ser tão chato e tão bonito?

– Hum... Já sei! Você é uma blogueira. Ou tem um canal no YouTube, algo assim. Não sei, mas, ao olhar seu rosto, me vem a lembrança de internet...

Opa! Ele estava chegando perto. Ah, não! Será que essa porcaria de vídeo ia me seguir até nos Estados Unidos?

– Não! – disse já gritando. – Claro que não.

– É, sim. Qual é o seu nome? – Ele já estava tirando o iPhone do bolso e abrindo o aplicativo do YouTube. – Vou jogar seu nome aqui para ver o que aparece.

Enquanto isso, a contagem estava rolando.

7, 6, 5...

Então, para o meu completo e total desespero, a minha irmã chegou perto e disse para ele:

– Ela é a Alice, do R...

3, 2, 1... Happy New Year! Welcome 2013!

Se ele simplesmente digitasse meu nome e apertasse enter, ia encontrar o Rap da Corna, é o segundo que aparece. Então, numa atitude totalmente impensada, no esforço de fazer minha irmã parar de falar e fazer com que ele não escrevesse "Alice" no campo de busca do YouTube, o beijei. Na verdade, o agarrei e o beijei como nunca tinha beijado ninguém na minha vida. Abracei aquele desconhecido, passei as mãos nos seus cabelos e enfiei minha língua na boca dele. Quanta classe!

Ele, no início, parecia meio surpreso, sem saber o que fazer e sem retribuir o beijo, mas, após dois segundos, ele se entregou e começou a me agarrar também. Enquanto rolava, eu pensava: *Nossa, que homem cheiroso! Delicioso! E que beijo gostoso! Podia ficar horas fazendo isso.*

Ai, meu Deus! Eu estava beijando um desconhecido totalmente irritante e completamente lindo no meio da Times Square na virada do ano!

Quando me dei conta do que estava fazendo, surpresa com a minha atitude, parei e separei meu corpo do dele (relutantemente, diga-se de passagem). Ele sorriu para mim e perguntou:

– O que foi isso?

– Ah... – Droga! Agora eu precisava de uma desculpa por tê-lo beijado. E “Porque você é um gostoso” não era a resposta que eu devia dar, muito menos que havia sido um ato desesperado para manter meu anonimato. – Ah... Porque é tradição beijar alguém na meia-noite da virada do ano. É, era meia-noite... – continuei muito sem graça e sentindo os olhos de todos os seus amigos e da minha família em mim. – Então, feliz Ano-Novo, viu?

– Que eu saiba, a tradição é dar um selinho só – ele afirmou. – Mas gostei muito mais da sua versão dos costumes antigos. – Ele abriu um sorriso tão lindo e largo que tive que me segurar para não ir até ele para beijá-lo de novo.

Olhei para minha irmã, que segurava o riso, e para o meu cunhado, que tapava os olhos da minha sobrinha.

– Então, tá. Feliz Ano-Novo de novo para você. Tchau! – Virei de costas e comecei a empurrar minha família no meio da multidão para a gente ir embora e eu poder ficar com vergonha sozinha no meu quarto no meu lindo e enorme apartamento.

– Ei, espera! É Alice, né?

Ele chegou bem perto de mim, me abraçou e eu pensei que ele ia me beijar de novo. *Por favor, beije!*, pensei. E depois reorganizei os pensamentos e completei: *Não, ele é lindo, mas é um idiota, não quero beijar.* Até que ele fez algo totalmente inesperado. Desceu as mãos pelas minhas costas e deu outro apertão no meu bumbum!

– Ei! Que história é essa? Você está maluco?

– Bom – ele já estava morrendo de rir –, se você pode me agarrar à força, eu posso dar um beliscão no seu traseiro. Direitos iguais, gatinha! – E piscou um dos olhos. Jesus, como ele era lindo!

Morrendo de raiva e vergonha, dei as costas de novo e fui embora no meio da bagunça de comemoração do Ano-Novo.

Capítulo 8

No dia 2 de janeiro de 2013 à tarde, minha irmã e a sua família foram embora. Eu ia sentir muita falta deles, mas, pelo menos, a partir do dia seguinte eu preencheria meus dias com as aulas.

Mimi e Clara já estavam de volta à cidade e foram até meu apartamento para assistir a um filme naquele maravilhoso minicinema no segundo andar. Juan ainda estava na Espanha e sem previsão para voltar. Sempre chegávamos a um impasse na hora de assistir à televisão. Inglês com legenda em espanhol para elas ou em português para mim? Para não dar briga, geralmente a solução era deixar em inglês sem legenda.

Contei a elas sobre o chatinho bom de beijo da Times Square e elas adoraram a história. Pediram todos os detalhes e quase enlouqueceram quando eu disse que nem ao menos sabia o nome dele.

– Você é muito burra, Alice! – repreendeu-me Mimi. – Devia ter pegado o telefone dele ou pelo menos descoberto o nome completo

para a gente fuçar sua vida no Facebook!

– É mesmo. Eu queria ver como ele era – reclamou Clara.

– Ai, meninas. Esqueçam isso. Eu nunca mais quero encontrar com aquele apertador de bumbuns alheios.

Naquela noite, quase não dormi de tão empolgada que estava com as aulas que começariam no outro dia. Acordei cerca de seis horas da manhã, me vesti e peguei o metrô para a NYFA na Union Square. Já sabia o caminho porque uns dias antes eu o fiz para descobrir quanto tempo levava do apartamento até lá.

Cheguei à NYFA às oito e fiquei passeando e procurando minha sala. Não era uma universidade daquelas que vemos em filmes, com vários blocos de prédios, muita grama e construções de tijolinhos. Essas eram as mais tradicionais, que ficam em cidades pequenas no interior. A NYFA era um grande e moderno prédio de 15 andares que abrigava salas, estúdios de televisão e rádio, ilhas de edição e todo o equipamento necessário para se fazerem cinema e jornalismo de todo tipo.

Mesmo depois do meu tour, ainda estava com tempo de sobra antes de começar a aula e resolvi ir até o Starbucks em frente à NYFA. Peguei um chocolate quente com chantilly, sentei numa das aconchegantes poltronas no fundo da lanchonete, peguei meu livro na bolsa e comecei a ler.

Estava distraída, mas escutei uma voz conhecida falando do balcão de pedidos. Levantei os olhos e, contra todas as chances de probabilidade, vi o apertador de traseiros alheios pedindo um café puro extragrande.

Eu não acreditava naquilo! Em uma cidade com mais de oito milhões de habitantes, essa criatura tinha que aparecer justo aqui?

No Starbucks onde eu estava sentada? Para que ele não me visse, levantei o livro e escondi meu rosto. Mas, assim que fiz isso, desci o livro na altura dos olhos, só para ver um pouquinho daquele rosto tão lindo e com barba por fazer. Na hora me imaginei beijando-o de novo, mas dessa vez com a sensação da barba arranhando meu rosto... *Ei, mulher! Para com isso! Esconde esse rosto de novo*, meu cérebro gritou comigo me repreendendo.

Minha sorte foi que ele pegou o café e foi embora. Ufa! Logo depois, já estava na hora de ir para a aula, peguei minhas coisas e me dirigi para a NYFA.

Cheguei à sala e me sentei numa das cadeiras mais ao fundo. Apesar de um tanto nerd, nunca gostei das primeiras fileiras. Já tinha alguns alunos espalhados pelo auditório. Todos um pouco tímidos, aquela velha história do primeiro dia de aula. Pelo que pude perceber, havia alguns americanos e outras pessoas de nacionalidades diferentes. A sala foi enchendo, o professor chegou e começou a se apresentar e a explicar como seriam suas aulas.

Depois de dez minutos, a porta da sala se abriu violentamente e ouvimos um barulho de objetos caindo no chão. Olhei na direção e vi um homem abaixado, recolhendo livros que haviam caído. O professor parou a explicação e disse sarcasticamente:

– Que bom que pôde se juntar a nós. Posso saber o motivo da demora?

– Estava terminando minha matrícula e procurando a sala – disse o rapaz ainda pegando seus pertences.

Fiquei observando. Quando ele levantou, seus olhos focaram diretamente em mim. Era o beliscador de bumbuns da Times Square em pleno Ano-Novo. Realmente, a sorte não estava a meu favor.

Ele me reconheceu na mesma hora e abriu um sorriso bem largo. Droga! Ele estava vindo na minha direção. Por favor, não sente ao meu lado! Fui me afundando na cadeira, coloquei a mão no rosto e comecei a corar.

– Ora, ora! Se não é Alice, a tarada do Réveillon! – exclamou ao se sentar ao meu lado. As cadeiras eram daquelas grudadas umas às outras.

– Pois é. Mundo pequeno, hein?

– Ainda não consegui me lembrar de onde te conheço...

– Olha – cortei-o –, a aula começou. Posso prestar atenção? – Me virei para a frente da sala e tentei me focar no professor.

– Pode, sim. Mas posso dizer uma coisa antes?

– Não. Mas você vai dizer mesmo assim, né?

– Claro. Não sei por que, mas, quando eu encontro com você, tenho tanta vontade de te irritar...

– Era isso que você ia falar?

– Não, era só que você fica realmente uma graça vermelha. – Ele sorriu e eu fiquei ainda mais vermelha.

Tentei forçar meu cérebro a prestar atenção à aula, mas era um pouco difícil. Ele era muito bonito. E estava tãããã cheiroso. E tão próximo. Fora que ele não parava quieto. Olhava para um lado e para o outro. Dava um tchau para alguém do outro lado da sala. Me encarava e me cutucava. Até que cansou de explorar a sala com os olhos, abriu o caderno e começou a desenhar.

Depois de um tempo concentrado, olhei para seu lado e vi uma reprodução da Times Square na noite de Ano-Novo toda feita em

caneta preta. Era muito bonita. Não aguentei e disse para ele:

– Como você desenha bem!

– Obrigado. Deu para saber que lugar é esse?

– Claro. É a Times Square. E na noite de Ano-Novo, não é?

– Sabia que você ia perceber. Afinal, foi um lugar especial para nós.

– Espera aí. Como assim nós? Você e eu?

– Sim. Foi o lugar do nosso primeiro beijo de amor! – Ele já estava tentando me irritar de novo e segurando gargalhadas. – Você não reparou no que eu desenhei aqui no canto direito? – disse apontando um casal que se beijava no meio da multidão. – Somos nós!

– Ei, quem disse que podia me desenhar? E você me desenhou errado! Me deixou baixinha! Eu tenho 1,70 de altura. Não sou esse toco.

Nossa! Tirando a altura, ele me desenhou direitinho! Até a roupa estava parecida com a que eu usava naquele dia. Será que isso significava que ele tinha reparado bastante em mim?

– Desculpa, da próxima vez que eu te desenhar, prometo que te faço maior.

– Para de me desenhar! E não tem nada de nós e muito menos beijo de amor. Eu já te expliquei, aper... – Tinha que parar de me referir a ele como apertador de traseiros alheios e seus derivados. – Como é o seu nome?

– Mateus.

– Então, Mateus, eu já te expliquei. Aquele beijo foi por mera tradição. Era meia-noite. É muito importante beijar alguém na virada do ano para que o ano que chega seja muito bom. – De onde eu tinha tirado isso? Certamente inventei.

– Poxa! Só por isso me beijou? – disse ele com falsa tristeza. – Pensei que fosse porque eu era um gostoso que você não conseguia resistir.

Bom, ele era realmente um gostoso.

– Claro que não! Foi mero acaso. Você estava bem na minha frente na hora que a contagem acabou. Podia até ser um velho careca que eu beijaria.

– Acho que está mentindo, mas tudo bem. Olha – ele arrancou a página do caderno –, sei que nunca vai esquecer nossos momentos na Times Square, então guarda esse desenho para você.

– Só vou guardar porque é muito bonito, não porque aquele dia foi especial. – E enfiei a folha dentro de um dos meus livros.

Aquele primeiro dia de aula foi mais uma apresentação do que matéria propriamente dita. Metade da sala era norte-americana, a outra metade era composta por brasileiros, japoneses, portugueses, argentinos, holandeses e um turco – uma mistura de culturas.

No intervalo conheci alguns colegas. Gostei principalmente da Mariana, uma portuguesa, e seu namorado Sergio. Eles me contaram que vieram juntos aos Estados Unidos para fazer essa pós-graduação de um ano e depois tentar um mestrado na NYU ou em algum outro local do mundo. Ela queria ser jornalista; ele, um diretor de filmes independente.

Ao final da aula, juntei minhas coisas e, enquanto me dirigia para a saída, o Mateus veio correndo em minha direção.

– Aonde você vai com tanta pressa? – quis saber.

– Vou procurar algum lugar para almoçar e depois ir para casa.

– Posso ir com você?

– Para minha casa?

– Não sabia que nosso relacionamento já estava nesse ponto. Mas, se quiser, vou com você sem problemas.

– Mateus, a gente não tem um relacionamento, tá? – disse enfatizando a negativa.

– Estou brincando, senhorita estressada. – E abriu um sorriso tão bonito que eu me segurei na parede porque fiquei com o joelho bambo. – Estou perguntando se posso ir almoçar com você.

– Você não tem nenhum outro traseiro para apertar por aí, não?

– Hum... – disse com falso ar pensativo. – Até tenho. Mas prefiro o seu.

– Engraçadinho. Só pode ir comigo se prometer se comportar. – Apesar de chato, eu não me importaria de olhar para ele por mais algumas horas...

– Vou tentar. Mas é como já disse: eu adoro te irritar. Onde você quer almoçar?

– Ainda não sei. Pensei em comer qualquer coisa perto da minha casa.

– E onde você mora?

– No Upper East Side. E você?

– Tribeca.

– Sério? Se eu não estivesse morando na Upper East Side, gostaria de morar lá.

– É bem divertido. A vida noturna é animadíssima. Estou gostando muito.

Resolvemos pegar o metrô e ir, ironicamente, para a Times Square. Quando chegamos, ele me puxou pelo braço e parou apontando para o chão.

– Olha, Alice!

– O quê?

– Estamos passando exatamente pelo ponto onde nos beijamos. Quer repetir a dose? – perguntou enquanto passava os braços ao meu redor e me puxava para bem perto.

Deus! Que rapaz cheiroso! E quentinho! Me deu até vontade de beijá-lo de novo, ainda mais nesse frio...

– Mateus, o que eu disse sobre você se comportar?

– Ok, ok. Achei mesmo que iria recusar. Mas não custa tentar, né?

Compramos comida de rua e, apesar do frio enlouquecedor, sentamo-nos num banco enquanto os nova-iorquinos passavam correndo para o trabalho e os turistas ficavam maravilhados com toda aquela agitação.

– Sabe – disse entre mordidas no meu taco mexicano –, acho que nunca vou cansar dessa cidade. Tudo parece tão vivo.

– Nem eu. Vou parecer meio gay agora, mas aqui é mágico, não é?

Dei uma gargalhada alta.

– Sim, foi meio gay. Mas tem razão. Nova York é mágica. Você mora aqui há quanto tempo? – indaguei.

– Há menos de um mês. Vim para fazer o curso. Quero ser diretor de cinema ou algo do tipo. Minha irmã também veio, mas ela está só fazendo um curso de inglês mesmo, ainda está na High School. Tem só 16 anos. Aquele pessoal que você viu com a gente no Ano-Novo são meus vizinhos. E você, há quanto tempo está aqui?

– Quase dois meses. Vim para o curso também. Meu sonho sempre foi morar em Nova York. Além do mais, eu precisava desesperadamente sair de Cuiabá.

– Por quê? Você matou alguém e veio fugida para cá? – Ele disse rindo.

– Hahaha! Claro que não, seu bobo. Meus pais se mudaram para Bangkok, minha irmã já tinha a família dela e eu estava sem namorado e um pouco chateada com alguns amigos. As coisas lá não andavam muito bem. Surgiu a oportunidade de vir e não pensei duas vezes. Precisava respirar.

– Eu também precisava sair de São Paulo. Na verdade, minha irmã também. As lembranças de lá são um pouco dolorosas...

Pela primeira vez vi o lado triste e sombrio do Mateus. Seus olhos perderam o brilho que era tão característico. Acho que até vi insinuações de lágrimas. Como eu odiava ver um homem chorando e entrava em desespero quando isso acontecia, disse a primeira coisa que veio à minha mente:

– Não vai me dizer que você deixou a cidade porque levou um fora e não queria mais encontrar com a mulher que partiu seu pobre coraçõzinho!

Ele virou para mim e deu um sorriso tão triste que foi o meu coração que se partiu. Percebi que uma lágrima rolou pelo seu rosto. O que foi que eu fiz?

– Ai, Mateus. Me desculpa! Não devia ter falado isso. Se a dor de cotovelo ainda é tão intensa para você, eu devia ter ficado quieta! – Quando fico nervosa, começo a falar muito e rápido. – Eu e a minha boca grande! Sempre me colocando em encrenca. Olha, seja lá quem for ela, não te merece...

– Calma, Alice. Está tudo bem. Antes fosse uma simples dor de cotovelo. Foi algo muito mais sério. O que me fez sair de lá foi a morte do meu irmão.

Opa! Eu, definitivamente, não estava esperando por isso. Não disse nada. Só fiquei olhando para ele de boca aberta e sem reação.

– Bom, mas não quero falar sobre isso, tá? – A sua expressão se suavizou.

– Claro. Você é quem sabe.

Por mais que ele estivesse tentando voltar ao normal, percebi que ainda estava triste. E eu não queria vê-lo assim! Apesar de ele ser irritante e eu não suportá-lo na maior parte do tempo, detestava ver as pessoas perto de mim com esse tipo de sentimento. Num ato de desespero, sem encontrar alternativa para fazê-lo sorrir (porque essa história é muito engraçada quando você não é a Corna do Ano), soltei a bomba:

– Mateus, já que você foi sincero e disse o motivo para vir para cá, eu também preciso ser honesta.

Os olhos dele já brilharam com expectativa e um sorriso se insinuou naqueles lindos lábios que eu queria muito morder.

– O quê? Vai me confessar que realmente matou alguém?

– Já disse que não. Bom, eu vim porque virei o motivo de piada da cidade. Aliás, do país... Você já ouviu falar do Rap da Corna?

Seus olhos se arregalaram de reconhecimento e ele começou a dar gargalhada. Conteí o meu podre, mas pelo menos ele parou de chorar.

– Peraí! Não vai me dizer que você é a Alice do Rap? Hahaha! Sabia que eu te conhecia!

E continuou rindo por mais cinco minutos enquanto eu tentava falar mais alto do que a gargalhada dele.

– Para, Mateus! Isso não é tão engraçado assim! É um trauma da minha vida, sabia? – Mas nesse ponto até eu já estava rindo.

– Está bem, me desculpa – disse enxugando as lágrimas dos olhos. Pelo menos, dessa vez o motivo era de tanto rir. – Quando te vi na noite de Ano-Novo, tinha certeza que já a conhecia, só não me lembrava de onde. Eu nunca ia me esquecer de uma moça tão linda!

E quando disse isso, me pegou pelo queixo e plantou um beijo na minha bochecha. Fiquei vermelha, mas tentei disfarçar.

– Quantas visualizações o vídeo já teve?

– Desde que vim para cá, tentei apagar isso da minha mente e nunca mais acessei. Mas dá última vez que vi estava em torno dos 20 milhões.

– Caramba! Meus amigos vão adorar saber que eu conheci, beijei e apertei o bumbum da tão famosa Alice. Um deles é

completamente apaixonado por você. Já até te procurou no Facebook e não encontrou. Mas vou dizer para ele que agora você é minha.

– Eu não sou sua! – protestei.

– Ainda! Mas veremos, tá?

– Eu duvido. Não quero saber de namorados e afins.

– Vou fazer você mudar de ideia – alertou se levantando. – Alice, agora tenho que ir. Vou buscar a minha irmã na escola. Apesar de ter 16 anos, ela é tão desorientada quanto uma criança de sete.

Nesse momento me levantei também. Como eu estava bem perto, ele simplesmente se inclinou, me deu um beijo rápido nos lábios e saiu andando rindo enquanto dizia:

– Tchau, futura namorada! Até amanhã.

Furiosa, gritei de volta:

– Para de tentar me agarrar! Você disse que ia se comportar! E se você contar para alguém a história do Rap, eu vou, realmente, cometer um assassinato!

Quando o perdi de vista, tomei meu caminho de volta para o apartamento. Estava muito brava por causa do atrevimento do Mateus e irritada comigo mesma por ter contado a história do Rap da Corna, mas, ainda assim, estava feliz com o fato de ele parecer gostar de mim.

Capítulo 9

Acordei no outro dia cansada. Tive uma noite de sono agitada. Sonhei com o Rap da Corna, com vídeos do YouTube, com o Ano-Novo e apertões no traseiro.

Tudo bem que o Mateus era lindo, cheiroso, com bom beijo e outras coisas, mas era também irritante, abusado e se achava. Eu não queria me envolver com ninguém, muito menos com ele, que ia ficar tão próximo de mim durante um ano. Além disso, ele tinha cara de safado.

Se eu pudesse adivinhar, diria que ele com certeza quebraria meu coração. Pareceu o tipo que não namorava e que, se namorasse, enrolava a menina, a traía ou algo do tipo. E disso eu queria distância. Já me bastou ser corna uma vez, e olha no que deu.

Não que eu queria virar um monge ou um exemplo de castidade. Longe de mim! Era *caliente* e não sabia ficar sozinha durante muito tempo. Só que não queria um relacionamento. Não

agora. Não estava pronta nem sabia quando estaria. O imbecil do Leandro me traumatizou. Eu dava uns beijos no Juan porque tinha certeza absoluta que era só isso: beijos. Sem chance de qualquer envolvimento emocional de nenhuma das partes.

Apesar de toda a distância que eu queria do Mateus, sei que, se começasse algo, com certeza ia me apaixonar. E com certeza ia me magoar, como sempre acontecia.

Coloquei na minha cabeça que não ia deixar mais que ele se aproximasse de mim. Seria melhor para os dois.

Passei a semana evitando o Mateus. Me sentava longe dele na sala de aula, fugia nos intervalos. Quando o via chegando perto, pegava o celular e fingia que estava ocupada ou entrava na primeira porta que encontrava. Criancice, eu sei, mas era uma solução temporária para o meu problema.

Na sexta-feira, cheguei um pouco mais cedo e me sentei no fundo da sala. Lia um livro distraidamente enquanto a aula não começava e não tinha mais ninguém no ambiente. Estava tão absorta que nem percebi o Mateus chegando e sentando ao meu lado.

– Por que eu tenho a impressão que você está me evitando? – Me perguntou sem preâmbulos.

Eu não cansava de perceber como ele era cheiroso. E lindo.

– Impressão sua. Só tenho estado ocupada esses dias.

– Aham, sei. Acho que, na verdade, você está com medo de sucumbir ao meu charme irresistível. Se é que já não sucumbiu.

– Ah, sim, claro! – respondi revirando os olhos. – Sou louca por você!

– Ahá! Eu sabia! – Ele já estava com aquele sorriso lindo outra vez. – Depois que você me contou sobre o vídeo, eu o assisti outra vez e fiquei dando muita risada. E sabe com quantas visualizações está?

– Tenho até medo de descobrir...

– Quase 30 milhões! Conversei com uns amigos sobre eu te conhecer e eles disseram que aquilo ainda é febre por lá. Estão dizendo até que o Latino está querendo gravar uma versão.

– Eu não acredito! E sabe o que é o pior? A música é sobre mim, ele vai fazer sucesso e eu não vou ganhar nem um centavo por aquela porcaria.

– Acho que você deveria escrever um livro: Rap da Corna. – A verdadeira história sobre o viral mais assistido dos últimos anos.

– Eu não quero ser conhecida com a Corna do Ano para sempre. – Eu já estava à beira das lágrimas. – Essa coisa me persegue!

– Não chora, Alice!

Nunca use a frase “não chore” para uma mulher quase aos prantos. É nesse momento que ela vai chorar mais ainda.

Por mais que eu não quisesse chorar, ainda mais ali na sala e na frente do Mateus, não aguentei e as lágrimas começaram a rolar. Eu odiava o Leandro. Eu odiava o Rap da Corna. Eu odiava até a internet!

– Desculpa, Alice! Eu não queria te fazer chorar. – E me abraçou para me consolar. Como eu estava vulnerável, aceitei prontamente a demonstração de carinho.

– A culpa não é sua!

– É sim, eu que toquei no assunto. Desculpa!

Levantei os olhos e disse com um meio-sorriso entre lágrimas:

– Já reparou que uma das palavras que eu mais escuto de você é “desculpa”?

– É verdade. Faço e falo as coisas sem pensar. Desculpa! – E me abraçou um pouco mais forte.

Fiquei aconchegada nos braços do Mateus. Havia me esquecido da minha resolução de ficar longe dele. Ali estava tão gostoso, tão quentinho e com um cheiro tão bom. Fazia muito que alguém não me abraçava com tanto carinho.

Nem sei quanto tempo ficamos assim, abraçados e em silêncio. Nem percebemos que a sala já tinha enchido e o professor estava parado olhando para a gente, esperando que nos soltássemos para a aula começar.

– Por que brasileiros adoram demonstrações de amor em público? – perguntou o professor. A sala inteira riu.

– Não foi de amor! – respondi quase gritando.

– Ah, professor – respondeu também o Mateus –, os brasileiros têm sangue quente! E eu sou louco por essa mulher!

Me senti afundando na cadeira e ficando mais vermelha do que um pimentão.

Quando a sala ficou em silêncio e a aula começou de verdade, dei um cutucão no Mateus e briguei com ele. Agora todo mundo pensaria que éramos namorados!

– E não somos? – ele perguntou.

– Claro que não. Por que você insiste em achar isso?

– Porque eu estou adivinhando o futuro.

Nem me importei em responder. Ele estava completamente equivocado. Virei para frente e comecei a prestar atenção no professor.

– Turma, comunicação é algo intrínseco ao ser humano e pode ser tudo. De um jornal televisivo a um olhar mais insinuante. Tudo isso possui carga de conteúdo e quer dizer algo. Mas vocês, com certeza, sabem tudo isso. Então, durante o ano, quero que façam um projeto que definam a comunicação no seu modo de ver, a vida que vocês vivem e a personalidade de cada um. Pode ser vídeo, música, som, painéis, o que for, mas deve ser uma grande produção e desejo que seja extremamente criativo. No final do curso, vão apresentar isso para uma equipe de jurados e o que tiver a nota mais alta vai ganhar alguns prêmios-surpresa.

A sala ficou animadíssima com o trabalho. Algo diferente, interessante e sem limites. Podíamos fazer qualquer coisa.

– Parece fácil, certo? Mas vai ser em dupla. Vocês são todos muito diferentes, alguns de outras nacionalidades, então vão precisar encontrar um meio de expressar o que é cada um desses pontos para os dois e isso é um desafio.

Algumas pessoas já não estavam mais tão felizes.

– Olhem para a pessoa sentada ao seu lado. Ela vai ser a sua dupla durante o ano.

Me viro para o lado e o Mateus já estava com um sorriso virado para mim.

– Oi, dupla! – ele disse.

Isso foi um desespero e uma felicidade. Desespero porque os meus planos de me afastar foram por água abaixo. Felicidade porque quem não quer como companhia um cara lindo, cheiroso e gostoso? Ok, irritante também, mas de vez em quando charmoso e carinhoso. E que beija bem também. Muito bem, para ser sincera. Ai, ai...

Ai, meu Deus! Eu estava me apaixonando por ele? Não podia ser, não podia ser!

Após mais algumas explicações do trabalho, o professor liberou a turma para passar o resto da aula discutindo com o seu parceiro. Ele ia consumir muito do nosso tempo durante o ano e precisávamos nos organizar.

Debatendo o assunto, o Mateus e eu resumimos o projeto a duas possibilidades. Ou uma exposição de desenhos ou um filme. O problema é que ele era bom nos dois tipos de trabalho, e eu não. Com filmes eu não sei, nunca produzi, só atuei como repórter de rua em alguns cursos da faculdade. Eu sou boa em escrever, mas chegamos à conclusão de que algo escrito seria muito sem graça.

– Ao invés de fazermos ou uma exposição ou um filme, por que não fazemos as duas coisas em uma só? – sugeri.

– Como?

– Podemos filmar todo o processo de criação e editar de uma maneira interessante. Você é quem vai desenhar, óbvio. A única figura que eu sei fazer é um cachorro feio e bonequinhos palitos. Então, vamos passear pela cidade buscando inspiração e filmando, dar depoimentos sobre o que te levou a desenhar aquilo e o que for surgindo de ideia. Faremos uma coisa bem moderna, diferente e extremamente pessoal. Vamos mostrando os desenhos sendo feitos

e inacabados, nunca terminados. Então, no final, ao invés de filmar todos eles, vamos ligar as luzes e o professor e os jurados vão ver que todas as figuras estão penduradas nas paredes da sala que estivermos. Claro que para isso dar certo vamos precisar chegar bem antes deles e deixar as luzes apagadas para não estragar o nosso grande final – disse tudo isso quase sem respirar. Quando as ideias surgiam, eu precisava falar rápido para não esquecer. – E aí, o que você achou?

– Achei sensacional, Alice! Você é um gênio!

Abri um sorriso largo e realmente feliz. Então eu sou um gênio? Não tenho talentos manuais, mas até tenho boas ideias de vez em quando.

– Você gostou mesmo? Que bom! Fico feliz. Acho que vai ser algo totalmente diferente.

– Só tem um problema. Os desenhos é que vão mostrar a nossa visão de mundo, certo? Mas, se sou eu quem vai desenhar, como vamos mostrar a sua personalidade?

– Ah... – Eu não tinha pensado nisso ainda. – Podemos filmar eu falando o que é importante para mim e no que baseia a minha personalidade e você traduz isso para o papel. Que tal?

– Pode ser. Acho que vai dar certo.

Passamos mais umas duas horas discutindo sobre o projeto, resolvendo detalhes, pontos fortes e fracos e esboçando um *storyboard*. Ao fim da aula, pegamos nossos materiais e nos dirigimos para a saída.

- Quer almoçar comigo de novo? – Mateus me perguntou.
- Hoje você se comportou quase o tempo inteiro. Até mereceria um voto de confiança. Mas já tenho compromisso.
- Com quem?
- Curioso!
- Não vai me dizer que é com o seu ex-namorado?
- Hã? Está doido? Não tenho nenhum ex-namorado aqui.
- E namorado?
- Também não. Por que você disse ex?
- Porque se fosse namorado atual, você ia ter que terminar com ele para ficar comigo. Afinal, eu sou o futuro e atual namorado.

Revirei os olhos.

– Não que seja da sua conta, mas mais solteira impossível. E eu vou almoçar com duas amigas. Combinamos um programa de mulheres hoje. Vamos ao cinema assistir a uma maratona de comédias românticas no estilo água com açúcar. Num lugar perto do meu apartamento está passando o melhor de Julia Roberts, Hugh Grant, Sandra Bullock e outros durante 24 horas. Quer ir com a gente?

– Não, muito obrigado! – Ele fez uma careta. – Quer fazer algo amanhã? Minha irmã vai passear com a turma de escola para acampar em algum lugar de Nova Jersey. Vou ficar sem companhia. Além do mais, como eu vou sobreviver até segunda-feira sem te encher a paciência?

– Engraçadinho. E os seus vizinhos?

– Alguns vão viajar. Mas prefiro ficar com você a ficar com eles.
– Abriu um sorriso e fez cara de cachorro sem dono.

– Amanhã combinei de ficar com as mesmas amigas. Eu as conheci antes das aulas começarem, enquanto fazia um curso de culinária, então marcamos de fazer um almoço a seis mãos. Nisso você tem interesse de participar?

– Claro! E ainda posso ajudar vocês. Sei cozinhar muito bem, sabia?

– Que bom! Então podemos cozinhar a oito mãos.

Passei meu endereço, telefone, nos despedimos e fui para o cinema com as meninas. Choramos, rimos, ficamos emocionadas e inconformadas por homens de comédias românticas não existirem na vida real. Depois de sete filmes seguidos, até enjoarmos de romance e fomos jantar.

Capítulo 10

Para facilitar para o nosso almoço do dia seguinte e como a Clara e a Mimi moravam muito longe, elas dormiram no meu apartamento. Apesar de ter tantos cômodos, resolvemos ficar juntas no meu quarto para podermos rir e fofocar a noite toda. Precisávamos desesperadamente assistir a um filme como *Rambo* para limpar o sistema de toda doçura e progesterona da maratona de comédia romântica, por isso resolvemos assistir a *Os Mercenários*, o filme mais masculino e sanguinário possível disponível na galeria de DVDs e *Blu-rays* da tia Wanda.

Cerca de oito horas da manhã, meu celular tocou. Resolvi ignorar, afinal essa hora é quase madrugada para quem foi dormir às cinco da manhã. Só que Mimi e Clara não gostaram da ideia de o celular tocar insistentemente enquanto elas tentavam dormir e praticamente me expulsaram do meu próprio quarto para que as deixasse no silêncio. Fui obrigada a atender com aquela voz horrível de sono no corredor.

– Alôôô? – Eu ainda estava com o cérebro adormecido.

– Alice? O porteiro está tocando a sua campainha há séculos e você não atende! Eu estava preocupado achando que tinha acontecido alguma coisa.

Quem era esse louco falando rápido assim a essa hora da manhã num sábado?

– Quem é? – perguntei.

– É o Mateus.

– Mateus? E por que você está tocando a minha campainha?

– Porque você me chamou para almoçar na sua casa, ué.

Eu estava com sono e meio perdida no tempo e espaço, mas sabia que ainda estava muito cedo para a hora do almoço.

– Sim, te chamei. Mas ainda falta muito tempo para o almoço, não falta? Peraí, você disse que tocou a campainha? Você está no meu prédio?

– Estou. Dá para, por favor, liberar a minha entrada porque eu estou congelando aqui embaixo? O Sr. Collins não quer deixar de jeito nenhum eu entrar nem no vestíbulo. Acho que ele está com medo de que eu seja um assassino ou algo do tipo. – Ah, ok.

Desliguei o telefone. De repente todo o sono sumiu. Olhei para mim mesma no espelho do corredor. A cara toda amassada, olheiras, cabelo despenteado, pijama ridículo, cor-de-rosa, felpudo e com coelhinhos desenhados. Fora o bafo de quem acabou de acordar. O Mateus não podia me ver assim!

Saí correndo e entrei no quarto como um furacão. Pelas minhas contas, eu tinha menos de cinco minutos até que ele saísse da portaria e chegasse à porta do apartamento. Eu precisava ficar apresentável. Esqueci que uma das gêmeas estava deitada num colchão no chão e acabei pisando nela na minha correria.

– Ei, Alice! Toma cuidado! – Eu sabia diferenciar as duas, mas, naquele momento de desespero no quarto meio escuro, não tinha a mínima ideia de qual delas era.

– Desculpa, Mimi! Clara! Sei lá! O Mateus já chegou para o almoço! – Quase gritei no fim da frase.

– Já? – perguntou a que estava na cama. – Mas que horas são?

– Acho que oito da manhã – respondi enquanto corria pelo quarto procurando uma roupa e tentando arrumar o cabelo num rabo de cavalo bem mais ou menos.

– Esse cara é doido? Isso não é hora de almoçar. No Brasil vocês almoçam cedo assim?

– Claro que não. Me ajudem!

Elas ainda estavam tontas de sono e tudo o que fizeram foi bocejar e sentar enquanto eu corria de um lado para o outro.

– Você está desesperada demais para quem acha o gostosinho da Times Square insuportável... – disse Clara, que estava na cama. Agora eu já sabia quem era quem.

– Concordo. Se você não estivesse nem um pouco apaixonada por ele, como insiste em afirmar, não estaria se arrumando toda... – completou Mimi, que agora subia para a cama junto com a irmã.

Lancei o meu olhar mais perigoso para elas e disse o mais despreocupadamente possível:

– Não é porque ele é um chato implicante que eu tenho que andar por aí feia, né?

– Não me convenceu, mas tudo bem – disse Mimi com cara de tédio. – Aliás, se é tão chato assim, por que você o chamou para almoçar com a gente?

Será que “porque ele fez uma cara de cachorro sem dono tão estupidamente gracinha que eu não resisti e quase dei um beijo nele” era uma resposta adequada? Resolvi que não e falei:

– Porque ele praticamente implorou para que eu o convidasse para o almoço, já que ia ser abandonado por todos os seus conhecidos. E parem de me fazer perguntas que eu tenho que ficar pronta!

Cedo demais, a campainha do apartamento tocou. Eu estava com só metade das roupas, escovando os dentes e tentando prender o cabelo, tudo ao mesmo tempo. Pedi para que uma das duas atendesse a porta. Elas ficaram paradas olhando para mim.

– O que foi? Agora não entendem o meu português?

– Não – responderam em uníssono rindo.

– Me lembrem de mais tarde matar vocês!

Berrei um “já vai” em direção à porta, cuspi a pasta de dente, terminei de colocar a roupa e ainda toda atrapalhada fui atender.

– Oi, Alice! – Mateus disse me abraçando igual a um urso e me tirando do chão. Ele estava tão cheiroso, como sempre, que me distraí e dei uma fungada no seu pescoço enquanto estava sendo levantada no ar. Até que percebi o que estava fazendo e balancei a cabeça para clarear os pensamentos.

– Oi, Mateus!

– Cheguei muito cedo?

– Para o café da manhã? Sim.

– Hahaha. Como que eu ia saber que você ainda estava dormindo?

– Bom, no sábado, as pessoas normais dormem até mais tarde, ainda mais nesse frio que está hoje.

– Eu tenho problemas para dormir. Sempre acordo cedo. Então, resolvi vir para cá e te levar para comprar as coisas do almoço. Quanto mais cedo formos, melhor.

– Mas nem sei o que nós vamos cozinhar. E eu não quero sair no frio. Fora que a despensa está cheia de comida.

– Conheço ótimos lugares para comprar coisas frescas. Além disso, está sol lá fora. Um dia muito bonito, apesar de frio.

– Eu não quero ir – reclamei fazendo bico.

Antes que eu me desse conta, ele me imprensou na parede e chegou bem perto. Uma mão de cada lado do meu corpo. Ai, Jesus! Será que a pasta de dente tinha escondido o meu bafo da manhã?

– Você pede para eu me comportar, mas, fazendo manha e um bico desse tamanho, fico com vontade de fazer exatamente o contrário. – Quase encostando os lábios nos meus, sussurrou: – Vai lá colocar uma roupa bem quente e vamos sair, tá?

– Aham... – respondi arfando.

Ele se afastou, abriu um sorriso e me deu passagem. Saí um pouco cambaleando.

– Sabia que ia te convencer se falasse desse jeito. – E começou a rir de mim, voltando ao seu estado normal de palhaço. – Nenhuma

mulher resiste ao meu charme.

– Fica quieto senão eu não vou! – respondi sem nem olhar para trás.

Chegando ao meu quarto, Clara e Mimi já estavam dormindo outra vez. Terminei de me arrumar com calma e em silêncio. O Mateus mandão que me esperasse! Quando estava pronta, voltei para a sala e fomos para a rua.

Estava um dia lindo, é verdade. Extremamente congelante, mas lindo. Céu azul, sem nenhuma nuvem no céu, e o sol brilhando, apesar de a temperatura ser quase zero.

Pegamos o metrô e fomos para o Chelsea Market. Apesar de estar morando em Nova York havia mais de um mês, ainda não tinha ido até lá. Já tinha ouvido falar da região na minha aula de culinária e estava doida para visitar.

– Uau! Esse lugar é incrível, Mateus!

– Vim aqui com meus pais e meus irmãos quando estivemos pela primeira vez em Nova York há uns quatro anos. Meu pai gosta muito de cozinhar, aprendi com ele. Então, isso aqui é praticamente a nossa Disney.

Se eu já achava o Mercado Municipal de São Paulo grande, o Chelsea Market era muito maior. E lindo! Eu queria me mudar para lá. A arquitetura antiga, rústica e aconchegante, o cheiro de comida pronta e de frutas e verduras frescas invadindo o nariz. As pessoas passando de um lado para o outro com sacolas sustentáveis lotadas de produtos.

Em todas as bancas e lojas pelas quais passávamos, eu experimentava algo, comprava um tempero novo ou me deliciava

com algum sabor que não conhecia. Mesmo com o frio do lado de fora, tomei o sorvete mais sensacional que já tinha provado.

Enquanto Mateus se preocupava em escolher os ingredientes certos, eu estava andando de um lado para o outro, me divertindo igual a uma criança num parquinho.

– Afinal, o que nós vamos cozinhar?

– Um prato simples: macarrão à bolonhesa.

– Não que eu esteja reclamando: amei esse lugar! Mas, para fazer esse prato, não seria mais fácil ter comprado tudo perto do meu apartamento? Aliás, tudo o que precisa tem lá na despensa.

– Se a comida é simples assim, os ingredientes têm que ser os melhores possíveis, tudo fresco e bem gostoso. E, além disso, para que comer uma massa pronta se eu posso fazer o meu talharim?

Enquanto a gente conversava, o Mateus inclinava-se em uma bancada cheia de tomates escolhendo os mais vermelhos. Eu me sentei numas caixas de madeira bem perto tomando sorvete. Ele estava tão concentrado, tão bonitinho, tão satisfeito fazendo aquilo que pensei em como gostava dele, no final das contas. O Mateus não era chato. Ele era implicante, mas de um jeito engraçado e que irrita amorosamente. Como quando a gente tem 10 anos e o menino puxa as nossas trancinhas só para chamar a nossa atenção. A gente reclama, bate neles com a lancheira e a mochila, mas, à noite, quando ninguém está vendo, escrevemos no nosso diário como estamos gostando dele.

Eu tinha certeza que o Mateus poderia quebrar meu coração em 368 pedacinhos, mas naquele momento percebi que não me importava. Eu não ia mais reclamar quando ele tentasse me beijar, pelo contrário, agora queria de verdade, mais do que tudo. Dei um

suspiro alto enquanto pensava em tudo isso. Ele ouviu e virou em minha direção.

– O que foi? – ele me perguntou. – Que cara é essa?

– Ah... – Fiquei sem graça. Ele me pegou encarando com cara de sonhadora. – É que esse sorvete é tão bom que me faz até suspirar! – respondi com essa frase idiota, que parecia ser a única coisa que passou pela minha cabeça.

– É muito bom, né? – Mateus sorria igual a uma criança quando falava. – Quando viemos aqui, meu irmão e eu tomamos uns quatro desses cada um. Era verão em Nova York, então você imagina o quanto a gente encheu a cara de sorvete, né? O preferido dele era... – E de repente, ao lembrar-se da morte do irmão, o seu sorriso passou de nostálgico e feliz para melancólico. – Bom, deixa isso para lá. Não quero estragar o nosso dia falando de coisas tão tristes. Vamos para a próxima loja?

Ele disse que queria fazer esse prato sozinho para mostrar a nós, mulheres, que lugar de homem também é na cozinha. Não reclamei. Combinamos que a Clara e a Mimi fariam outros molhos para complementar o macarrão e eu estava encarregada da sobremesa. Resolvi fazer o doce mais fácil (e mais gostoso) do mundo: uma camada de brigadeiro, uma de sorvete de flocos, uma de *marshmallow* caseiro e raspas de chocolate ao leite por cima. Tudo bem que eu tinha feito um curso de culinária, mas ainda não era realmente boa em nada e, além disso, essa receita era da minha mãe e eu estava com saudades dela e do gostinho de casa, mesmo que não quisesse voltar para lá tão cedo.

Saímos do Chelsea Market carregados de sacolas (e eu com alguns quilos a mais por causa da quantidade de coisas que tinha comido). Voltamos ao apartamento e as gêmeas ainda estavam

dormindo. Deixei que o Mateus se instalasse na cozinha e começasse os preparativos. Claro que ele, como todo mundo, ficou completamente impressionado. Aliás, ele ficou deslumbrado com o apartamento inteiro quando prestou atenção no lugar.

– Meninas – pulei na cama em cima das gêmeas que estavam até babando –, quase meio-dia, suas preguiçosas! Vocês nem imaginam o lugar incrível aonde fui!

– Duvido que foi mais incrível do que essa cama espetacular – disse Mimi ainda de olhos fechados.

– Alice, posso morar com você e me instalar nesse colchão para todo o sempre? – completou Clara.

– Levantem que o dia está lindo lá fora e o Mateus já está começando a fazer o almoço.

– Hum... Você está tão feliz! O que aconteceu? Beijou ele à força de novo? Ou ele te beijou? – indagou Clara.

– Nem uma coisa nem outra. E, para sua informação, eu não beijei ele à força na Times Square. Beijei de surpresa, foi isso. E meu bom humor é porque estou tendo um dia muito agradável. – Não queria falar ainda sobre a minha paixonite recém-descoberta porque íamos passar o dia com o Mateus e, conhecendo as gêmeas como eu conhecia, elas não iam se aguentar e fariam piadinhas sobre nós dois o tempo todo. Achei melhor esperar.

Enquanto as gêmeas resolviam se em alguma hora do dia iam deixar a minha cama, me juntei ao Mateus na cozinha. Fiz o doce em cerca de dez minutos (não disse que era a sobremesa mais fácil do mundo?) e me sentei na bancada para vê-lo fazendo a massa.

– Que gracinha o seu avental! – comentei rindo e apontando para o avental cor-de-rosa com bolinhas marrons e babados que ele

usava.

– Foi o único que encontrei. Além disso, fiquei tão sexy com ele! *I'm sexy and I know it...* – cantarolou a música do LMFAO.

Apesar de ter um pouco de farinha no cabelo e no rosto e de estar com aquele avental feminino, ele realmente estava incrivelmente sexy e surpreendente masculino. Calça jeans escura, sem sapatos, suéter preto puxado até o cotovelo e uma camiseta branca aparecendo por baixo da gola. Ai, socorro! Eu estava tão apaixonada!

– Concordo... – falei baixinho sem pensar em resposta automática ao seu comentário.

– O que você disse?

– Hã? Eu? Nada, não. Impressão sua.

– Você falou alguma coisa, sim. Se não me disser o que foi, vou jogar farinha em você.

– Você não teria coragem...

– Ah, Alice, você realmente não me conhece! – Olhei para baixo e a sua mão já estava com um punhado de trigo e os seus olhos com um brilho divertido. – Agora, o que você disse?

– Eu não disse nada. – Já me preparava para pular da bancada e sair correndo pela sala.

– Última chance...

Quando pulei para o chão, ele foi mais rápido e me encostou na pia, me prendendo entre o seu corpo e o armário. Sua mão estava acima da minha cabeça, pronta para soltar a farinha.

Eu não sabia se falava, se o beijava, se o deixava jogar a farinha em mim ou se respirava. Do jeito que estava atraída por ele, deixaria até me fazer de bife à milanesa com aquele trigo.

– Eu só disse que... – minha voz estava fraca – você realmente está sexy com o avental – respondi por fim. – E com todo o resto.

– Está me zoando, senhorita Alice? – Ele ainda estava em dúvida se eu estava rindo dele ou se dizia a verdade.

– Você é um chato, Mateus! Mas é bonito e sabe disso. Vou fazer o quê? Negar?

Ele sorriu com um ar triunfante para mim e, nesse momento, percebi que a sua mão ainda estava acima da minha cabeça.

– Agora, por favor, tira essa mão cheia de farinha de perto do meu cabelo.

– Eu sabia que você me amava! Hahaha.

– Eu não te amo, criatura! Por que você distorce as minhas palavras?

– Porque eu já te disse: você fica uma gracinha brava. Por falar nisso, vai gritar muito se eu jogar esse trigo no seu cabelo?

– Sim. Muito. Demais. Não se atreva. Trato é trato. Eu repeti o que disse e você não tem mais direito de fazer isso comigo.

– Mas sabe de uma coisa? Eu não jogo limpo. E não me lembro de fazer um trato com você. – Ao falar isso, ele abriu as mãos e farinha caiu sobre mim e um pouco nele, deixando tudo em volta branco.

– Mateus, eu vou te matar! – berrei.

Nesse momento ele já tinha saído de perto de mim e corria em volta da bancada da cozinha para que eu não o pegasse.

Correndo igual a duas crianças, eu não sabia se estava brava ou achando aquilo engraçado. De repente me senti como num filme de comédia romântica.

Quando o alcancei e começamos a jogar a farinha que estava na bancada um na cara do outro, escorreguei, puxei o braço dele para tentar me equilibrar e fomos os dois para o chão, com ele em cima de mim. Ficamos sem falar nada, um apenas olhando para o rosto do outro com a respiração acelerada por causa da correria. Ele aproximou os lábios dos meus e...

– Ai, *Dios mio!* Que bagunça! O que aconteceu?

É claro que as gêmeas entraram na cozinha bem no momento e estragaram o clima de romance. De onde elas estavam, mesmo em pé, não conseguiam nos ver no chão, mas viam farinha espalhada por todos os cantos. Com o encanto quebrado, sorrimos sem jeito um para o outro e levantamos.

Quando perceberam o que estava acontecendo, as meninas começaram a rir.

– Mimi, acho que estragamos um namorico! Ou uma batalha de cereais!

– Desculpa, Alice! Não sabíamos que vocês estavam se enamorando no meio da farinha e rolando juntos pelo chão.

– Não foi bem isso. Foi uma guerra que aconteceu aqui. Clara e Mimi, esse é o Mateus. Mateus, as minhas gêmeas chilenas preferidas, Clara e Mimi.

– *Mucho gusto!* – disse Clara se apresentando.

– A Alice disse que você era bonito, mas não que era tanto! – acrescentou Mimi.

Lancei a ela um olhar mortal que significava “cala a boca, sua louca”.

– Anda falando de mim, meu amor? – Mateus se virou para mim todo prepotente.

– Falei. Na verdade, reclamei do que você anda fazendo comigo. E não me chama de meu amor porque eu não sou o seu amor! – Não ia dar a ele o gostinho de confessar que estava toda apaixonada.

– O que eu fiz, além de fazer você se apaixonar loucamente por mim? – Ele já estava com um sorriso bobo grudado na cara, pegando meu queixo e levantando-o em sua direção.

– Eu não disse para vocês que ele era um chato? – falei olhando para as gêmeas. – Chega de papo! Vamos cozinhar. – Queria mudar de assunto.

Começamos a preparar a massa, o molho e todo o resto. Como eu já tinha feito a minha parte, arrumei a mesa. Fiquei rodeando os três com uma taça de vinho na mão e cantando e dançando a música que tocava no iPod ligado. Mesmo com o curso, ainda não era uma cozinheira muito boa e deixei nas mãos de gente que preferia cozinhar.

A comida estava deliciosa e a companhia, melhor ainda. Nós quatro passamos a tarde inteira comendo, conversando e rindo. Como o dia esfriou muito, sair de casa estava fora de cogitação. Ficamos deitados na sala, nos tapetes e sofás deliciosos da tia Wanda, contando piadas e rindo igual a idiotas durante horas.

As gêmeas ficaram completamente encantadas pelo Mateus. E eu ficava cada hora mais apaixonada. Apesar de implicante (o que eu confesso ser um charme!), ele era bem-humorado, inteligente e alegre. Além de muito, muito bonito. Tinha como resistir por mais tempo?

Certa hora fui até a cozinha e Mimi veio atrás de mim para fofocarmos.

– Alice, que pedaço de pão é esse Mateus!

– Ele é uma graça, né?

– Não sei por que você insiste tanto falando que ele é chato! Ele é *muy* divertido.

– Estou brincando. É modo de dizer. Na primeira vez que eu o vi, na Times Square, realmente achei ele um saco. Mimi, ele apertou a minha bunda! Que tipo de pessoa faz isso com uma desconhecida? Mas depois vi que ele é um cara legal. Um implicante legal.

– Ele te irrita, mas você adora. Confessa!

– Confesso... – E sem perceber, olhei em direção ao Mateus, que estava na sala ensinando a Clara alguns golpes de MMA, tirando-a do chão, colocando-a no ombro e jogando-a no sofá como se fosse uma leve boneca de pano.

– *Díos mio!* Você está tão apaixonada! Olha a sua cara! Estou quase enxergando os coraçõezinhos voando em cima da sua cabeça.

Ficando vermelha, respondi:

– Apaixonada, não. Mas, talvez, gostando... Cheguei a essa conclusão hoje.

– Eu sabia desde a primeira vez que você falou dele! Clara! – Ela gritou em direção à irmã que estava de ponta-cabeça nos ombros do Mateus.

– O quê? – gritou a outra.

– A gente estava certa! A Alice confessou aquilo...

– Aquilo o quê? – perguntou o Mateus.

– Que ela...

– Coisas de mulher, Mateus! – gritei interrompendo a Clara. Ela e o Mateus deram de ombros e voltaram à luta.

– Alice, eu aprovo vocês dois juntos! Vai dar tudo certo. Tem a minha bênção! – continuou Mimi, fazendo gestos como um padre.

– Você tem 18 anos, não tem que aprovar nada! Quem disse que sabe alguma coisa sobre relacionamentos?

– Como é aquela expressão que você usa bastante? “É o sujo falando do imundo”?

– Do mal lavado.

– Enfim, mesma coisa. Você tem 24 anos, é só um pouco mais velha do que eu. Além do mais, eu e a Mimi já tivemos nossa cota de namorados. Uns dez, mais ou menos.

– Uau!

– Aprendi um pouco sobre eles. O Mateus é de ouro, viu? Não deixa ele escapar.

Nós duas voltamos para a sala e nos juntamos ao campeonato de MMA que estava rolando. É claro que o Mateus, que treinava, ganhou da gente, mesmo quando as três se juntaram e pularam em cima dele.

Quando a noite chegou, ninguém queria ir embora. Como lá fora estava muito frio para pegar metrô ou andar na rua, e no dia seguinte ainda era domingo, convidei-os para dormir na minha casa. A ideia foi aceita prontamente. O Mateus disse que só aceitaria o convite se dormisse comigo (e quando ele disse isso, as gêmeas estavam por trás dele fazendo sinal com as mãos para que eu aceitasse a proposta), mas respondi que a casa tinha milhões de quartos, ele que se instalasse confortavelmente em um deles. Eu ainda tinha que bancar a difícil e durona, no final das contas.

Fizemos mais comida no jantar, estouramos pipoca, tentamos fazer brigadeiro (o que era difícil, já que nos Estados Unidos não existe leite condensado como no Brasil) e assistimos aos filmes da série do Indiana Jones. Acabamos dormindo os quatro no *home theater* da tia Wanda, no segundo andar do apartamento.

Certa hora da madrugada acordei. Estava deitada no tapete felpudo, com o Mateus agarrado no meu braço esquerdo, completamente apagado. Ele dormia tão bonitinho que fiquei encarando-o por alguns segundos. Uma mecha dos seus cabelos caía em seus olhos, seus lábios formavam um sorrisinho que dizia "eu aprontei algo, mas não vou te dizer o quê" e a sua respiração era lenta e profunda.

Enquanto olhava, pensei no quanto eu estava com vontade de beijá-lo. Sabia que era recíproco, mas não queria tomar o primeiro passo. Já bastava o quase assédio sexual que cometi em plena Times Square no Ano-Novo (não que ele não tivesse gostado).

Depois de um tempo, já totalmente desperta, me lembrei das gêmeas e olhei para o sofá, onde elas estavam antes. Não as encontrei. Desvencilhei meu braço do Mateus com cuidado para não acordá-lo e fui até o andar de baixo procurar Clara e Mimi. Olhei no

meu quarto e elas estavam deitadas no meu colchão. Havia um bilhete colado na cabeceira da cama.

Alice,

Acordamos no meio da noite e vimos que seria muito mais confortável a sua cama do que dormir no sofá, por isso viemos para cá. Além disso, você e o lindo do Mateus estavam tão 'gracinhas' dormindo juntos que quisemos dar privacidade.

Não o deixe sozinho e venha para a cama (a não ser que seja com ele e em outra cama que não seja esta).

Sweet dreams!

Clara e Mimi

Segurei uma risada. Aquelas duas eram realmente cheias de personalidade e muito engraçadas. O que eu faria sem elas quando voltasse para o Brasil?

Sem sono e com fome, resolvi fazer um lanchinho na madrugada. Saí do quarto na ponta dos pés e voltei para o corredor. Ao entrar na cozinha, que estava na penumbra, alguém se levantou de trás do balcão.

– Aaaaaaaaaaaaaaaah! – O susto me fez berrar com toda a força do meu pulmão. Peguei o objeto mais próximo da minha mão, uma torradeira, e levantei para o alto para atacar quem quer que fosse.

– Calma, Alice, sou eu – disse o Mateus, acendendo a luz e colocando as mãos para cima em sinal de rendição.

– Ai, meu Deus, Mateus! – Minha voz ainda estava alta e a respiração descontrolada. – Que susto, menino! Meu coração quase parou!

– Geralmente parar corações é um dos sintomas das mulheres quando me veem – ele respondeu rindo, como sempre.

– Engraçadinho... Pensei que você fosse um ladrão, um estuprador, sei lá!

– E ia me atacar com o quê? Com a torradeira?

– Isso aqui é pesado. Se eu jogasse com bastante força na sua cabeça, ia fazer um estrago enorme, viu? Ei, o que fazia escondido atrás do balcão?

– Eu não estava escondido. Senti quando você se levantou e acordei também. Vim até a cozinha beber um copo-d'água, mas derramei um pouco no chão. Peguei um pano e estava abaixado limpando. Bem na hora que eu terminei e levantei, você chegou e levou um susto. Não foi proposital, juro. – Olhando ao redor, acrescentou: – Cadê a dupla parada dura?

– No meu quarto.

– E você planejava se juntar a elas e me deixar sozinho na sala?

– Não, elas ocupam a minha cama toda, mesmo sendo enorme e elas pequenas. Fora que deixaram um bilhete me proibindo de ir até lá.

– Por que proibindo?

– Disseram que se eu estava tão acomodada com você no tapete, deveria continuar lá.

– Gosto dessas meninas, elas são inteligentes.

Depois dessa afirmação dele, não disse nada, só sorri e desviei os olhos. Não tinha como não concordar com ele.

Abri a geladeira e falei, pensando alto:

– Nossa, que fome!

– Quer que eu te faça um sanduíche?

– Não precisa, não quero te dar trabalho. Além disso, você está na minha casa e eu fico fazendo você cozinhar!

– Não me importo, isso me relaxa. De qualquer forma, ia fazer um para mim, posso fazer para você.

Me sentei em cima do balcão de granito e fiquei olhando enquanto ele pegava os ingredientes.

Lembrei que devia estar toda descabelada e com a cara amassada. Como ele estava de costas para mim, peguei a torradeira que antes queria jogar na cabeça dele e tentei usar como espelho. Como o reflexo estava todo distorcido, fiquei mais deprimida depois de olhar do que antes. O jeito era tentar usar a janela do lado oposto da sala para tentar me ver.

Bem na hora que eu me esticava toda para me enxergar, passando as mãos nos cabelos e tirando remela dos olhos (ai, meu Deus! Eu estava com remela em frente ao Mateus!), ele se virou para mim e me pegou no flagra me arrumando.

– Tentando se arrumar para mim?

– Ah... Não. Não seja tão convencido.

– Sei, vou fingir que acredito em você. Além do mais, você não precisa disso, fica linda enquanto dorme – ele falou casualmente, enquanto colocava presunto e queijo no pão.

– Ficou me olhando dormir, senhor Mateus?

– E tem como não ficar? Você é linda de qualquer jeito – ele acrescentou, levantando os olhos rapidamente para mim e voltando sua atenção para o sanduíche.

– Assim eu fico sem graça! – disse sentindo que meu rosto e meu pescoço estavam ficando mais vermelhos do que um tomate. Fazia muito tempo que não era elogiada assim. E ele parecia ser tão sincero, as palavras saíam de forma natural. Não senti um pingão de ironia ou piada.

O Mateus terminou o sanduíche, me passou um prato e um copo de suco. Pegou igual para ele e sentou-se ao meu lado.

– Você também fica uma graça enquanto dorme – disse a ele.

– Ficou me olhando dormir, senhorita Alice? – ele repetiu minhas palavras anteriores.

– E tem como não ficar?

– Quer dizer que você me acha lindo?

– Hum... – Fingi pensar um pouco na questão. – Não lindo, talvez bonitinho. Até que você não é de se jogar fora... – acrescentei, lembrando as palavras dele para mim na Times Square.

– Ai! – Ele gesticulou em direção ao coração, como se o tivesse espetado. – Isso doeu!

– Viu como é bom? – respondi triunfante.

Ele abriu um daqueles sorrisos que me deixavam com a perna bamba. Ainda bem que eu estava sentada.

– Confessa logo que você me acha irresistível desde a primeira vez que me viu.

– Bom, te achei bonito, é verdade. Mas profundamente irritante. Juro que naquele dia queria te bater.

– Por quê? Só porque eu apertei a sua bunda? – Ele já estava segurando uma risada, tentando em vão parecer sério.

– Só? – Eu também já estava rindo. – Como você se sentiria se uma desconhecida fizesse isso com você?

– Se fosse bonita eu ia gostar! Pior foi você, que me beijou à força. Aqui nos Estados Unidos as coisas são diferentes. Eu poderia te denunciar para a polícia ou algo assim.

– Eu já te expliquei. Era por causa da tradição da meia-noite. – Me defendi, já ficando com vergonha. – Bom, não devo explicações para você.

– Não? Eu fui vítima de um quase ataque sexual e você diz que não mereço uma explicação lógica?

– Eu te dei uma explicação lógica.

– Bom, já que é assim, você conhece a tradição das... – ele olhou para o relógio na parede da cozinha – São 3h10 da manhã? Posso te mostrar como é. E nem precisa ser à força!

– Mateus, essa foi a pior cantada que eu já ouvi na vida! Suas piadas estão ficando ruins. – E dei uma gargalhada bem alta.

– Quem disse que era piada? Era só uma desculpa para te beijar.

– Você não precisa de desculpa para isso...

Em silêncio, viramos um para o outro, nos olhamos e vimos que a brincadeira tinha parado ali. Agora tinha ficado sério. Ele chegou mais perto, com o rosto bem próximo ao meu e parou. Senti o

cheiro da sua respiração e era delicioso. Aliás, ele inteiro era delicioso. Uma das suas mãos foi para os meus cabelos. Ele deslizou até que chegou ao meu pescoço, que apertou firme, mas gentilmente. Sua outra mão foi para as minhas costas e puxou meu corpo para perto do seu, até encostar. Minhas mãos foram instintivamente para seu pescoço e cabelos.

E ali, sentados na bancada da cozinha da tia Wanda, às 3h10 da manhã, comendo sanduíche, nos beijamos de verdade pela primeira vez.

Capítulo 11

Depois de mais ou menos uma hora beijando (amassando, apertando, pegando) o Mateus, o sono chegou e resolvemos ir dormir. Apesar da quantidade de quartos vagos, voltamos para o *home theater*, deitamos no sofá e apagamos quase instantaneamente.

Eu não queria (aliás, queria muito, mas não faria isso) ir ao quarto com ele, por isso falei para irmos para lá. Tive que lembrar a mim mesma que não era esse tipo de garota, que saía fazendo isso tão rápido. Mas depois de ficar pendurada no seu pescoço tanto tempo, provando seus lábios, abraço e carinho, era difícil pensar em outra coisa que não fosse isso. Fui forte e me controlei. Ele não falou nada nem tentou algo, então não precisei explicar o porquê de ainda não querer.

O Mateus, que antes do beijo já estava dormindo praticamente agarrado a mim, depois só faltou deitar em cima e me sufocar. Mas não achei nem um pouco ruim. Sou um tanto carente, estava um

pouco frio, apesar do aquecedor, e era aconchegante ficar ao lado dele. Senti que ele realmente tinha carinho por mim. Era bom saber que alguém no mundo me queria tanto assim.

Quando acordei, cerca de onze horas da manhã, olhei para o lado e o Mateus ainda estava dormindo (agarrado a mim, claro). Me desvencilhei e desci para a cozinha. As gêmeas estavam rindo e tomando café da manhã na bancada. Me juntei a elas.

– *Buenos días*, dorminhoca! – disseram juntas.

– Bom dia, meninas!

– Pelo jeito, a noite foi boa... – continuou Mimi.

– Por que diz isso? – respondi na defensiva, mas escondendo o meu sorriso dentro da caneca de chocolate quente que elas tinham feito.

– Bom – Clara explicou –, você está com um aspecto feliz, apesar de ainda amassado. E está com a boca vermelha, igual ficava quando você passava horas agarrada no Juan.

Eu tinha me esquecido completamente do Juan. Bom, não era como se nós tivéssemos um relacionamento ou algo assim.

– Por falar no Juan, alguém tem notícias dele? Vocês sabem que dia ele chega? – perguntei.

– Na verdade, ele mandou um e-mail para nós três ontem à noite. Vocês não viram? – respondeu Mimi.

– Não, ontem à noite eu estava interessada em outra coisa que não fosse e-mail! – E dei uma gargalhada. – O que ele dizia?

– Que não vai poder voltar para Nova York ainda. Teve que resolver algumas coisas na Espanha. Não sabe quando vem, mas vai

nos manter informadas.

– Alice – Clara me chamou –, agora que você está namorando o Mateus, posso ficar com o Juan para mim?

– Primeiro, eu não estou namorando o Mateus. Segundo, claro que pode. Eu só ficava com o Juan. Nós não tínhamos nada sério e não rolava nenhum sentimento de verdade.

– Mas eu também quero o Juan. Espanhol, sexy e rico? Meu tipo de homem! – Mimi interveio.

– Bom, briguem entre vocês. Eu só quero saber do meu apertador de traseiros.

Caímos as três na gargalhada bem no momento em que o Mateus descia as escadas para se juntar a nós.

– Tenho medo quando mulheres estão rindo juntas, ainda mais quando se trata de vocês três. Nunca se sabe o que as mulheres falam entre si. Alice, essas duas são terríveis. Eu tomaria cuidado perto delas. – Quando se aproximou de nós, ele acrescentou: – Bom dia, meninas! Bom dia, Alice!

E tendo dito isso, me deu um beijo na testa e passou as mãos nos meus cabelos. Se eu pudesse literalmente derreter, eu teria feito isso naquele momento.

As gêmeas, que presenciaram isso, estavam com os cotovelos na mesa, com o rosto apoiado nas mãos.

– Como vocês são bonitinhos! – Elas disseram.

– É normal entre gêmeos idênticos falarem assim juntos ou só vocês são esquisitas? – Mateus perguntou rindo para elas. Haviam se conhecido apenas ontem, mas pareciam amigos de longa data.

– Não sei, acho que nós é que somos estranhas – constatou Mimi.

– Nossa, onze horas da manhã? Fazia tempo que eu não acordava tarde assim. Geralmente eu durmo pouco.

– Bom – Clara interveio com a voz maliciosa –, acho que você acordou assim tão tarde porque ficou fazendo coisas indevidas na madrugada...

– É uma opção – Mateus respondeu sem demonstrar nenhum pingão de timidez. – E não foi nada indevido. Até que enfim ela cedeu ao meu charme. – Olhou para mim e eu só revirei os olhos enquanto bebia o meu chocolate quente sentada ao seu lado. – Acho que dormi tanto assim porque finalmente fiquei em paz depois de muito tempo. A Alice já se tornou importante para mim. – E me puxou dando um beijo na bochecha.

Ele disse aquilo tão tranquilamente, tão naturalmente, que as meninas e eu ficamos quase em choque. Era muito raro encontrar um homem que dissesse esse tipo de coisas de modo tão simples e verdadeiro.

– Jura? – perguntei em estado quase de êxtase.

– Sim. Por que não seria desse modo? Se não fosse, não estaria aqui. Não tenho mais idade para ficar “brincando” com corações de mulheres como se fosse um adolescente ou sair pegando geral sem compromisso.

Nós três olhamos para ele apaixonadamente.

– Mateus, larga a Alice e casa comigo – disse Mimi.

– Não, comigo! – respondeu Clara.

– Desculpa, meninas. Meu coração já tem dona.

Eu realmente tinha tirado a sorte grande!

– Você realmente existe ou é fruto da nossa imaginação? – perguntou Clara, beliscando o braço do rapaz.

– Até onde eu sei, sou bem real.

Logo depois do café da manhã, Mimi e Clara disseram que precisavam ir embora. No dia seguinte teriam prova e precisavam estudar.

– O papai disse que se uma de nós reprovar na escola, voltaremos para Santiago no primeiro voo sem escalas – disse Clara.

– Então não voltaríamos nunca. Acho que não existem voos diretos – Mimi afirmou.

– Mimi, que ótima ideia! Então se ele mandar voltarmos, diremos que vamos comprar a passagem do jeitinho que ele quer. Como não tem, vamos ficar aqui por muito e muito tempo. Você é um gênio!

– Sim, sou um gênio do mal! – falou fingindo uma risada de vilão de desenho animado.

– Tenho dó do pai de vocês – eu disse enquanto dava um abraço de despedida em cada uma delas.

– Engraçado... Você não é a primeira que nos diz isso!

– Por que será?

Como o dia estava claro e bem menos frio, Mateus e eu resolvemos passear por Nova York.

– Para onde você quer ir? – perguntei enquanto colocava o meu cachecol na porta do apartamento.

– Não sei. O que você acha de andar sem rumo por aí? Fiz muito isso com minha irmã nos primeiros dias que estávamos aqui. Conheci muitos lugares legais desse jeito e acabei fazendo vários amigos.

Fomos de metrô até a Quinta Avenida e ficamos olhando vitrines e passeando a esmo.

No início da tarde, a irmã do Mateus ligou dizendo que já chegava a Nova York e queria saber onde ele estava. Encontramos com ela na Grand Central Station.

Enquanto ela descia do trem, vi que era bem parecida com ele. O sorriso, os olhos da mesma cor e os traços no mesmo formato. A diferença é que tinha o cabelo preto e bem liso abaixo da cintura. Tudo bem que ela ainda era adolescente, mas sua altura nem chegava perto da do irmão.

Quando nos viu, veio correndo e praticamente pulou nos ombros do Mateus.

– Alice, essa é a minha irmã, Esther.

– Oi, Esther!

– Oi, Alice! Me lembro de você do Ano-Novo. Mateus – ela virou-se para o irmão –, que desculpa esfarrapada você deu a ela dizendo que achou que era eu quando apertou o seu bumbum! Nós somos completamente diferentes. A começar pela cor do cabelo e pela altura. Ela tem uns vinte centímetros a mais do que eu!

– Eu não olhei direito naquela hora. Você estava do meu lado, saiu sem que eu visse, então apertei a bunda mais próxima achando que era a sua quando escutei você falando um palavrão. Papai te mataria se ouvisse essa boca suja.

– Esquece isso, senhor puritano! Então, Alice – ela voltou sua atenção a mim, que estava rindo com a discussão deles –, finalmente vou poder te conhecer. O Mateus fala tanto da tarada da Times Square.

– Mateus! Então é assim que você se refere a mim?

– Longe de você é. Tive que inventar um apelido para poder contar essa história para os meus amigos. Só falar o seu nome era sem graça. Tarada da Times Square é muito mais interessante do que só Alice. E eu acho que se te chamasse de Corna do Ano, não ia pegar bem e se você soubesse provavelmente me mataria de uma forma bem dolorosa.

– Ainda bem que você sabe que mataria. Mas, por mim, tudo bem ser chamada de tarada da Times Square. Eu te chamo de apertador de traseiros alheios mesmo.

– Caramba – comentou Esther –, vocês parecem feitos um para o outro!

– Eu sei, por isso ela está apaixonada por mim – ele disse. Depois, piscou um dos olhos para mim e eu revirei os meus para ele.

Quando saímos da Grand Central Station, o Mateus pegou na minha mão e saímos andando assim pela rua.

– Para tudo! – gritou Esther.

Olhamos assustados para ela.

– O que aconteceu?

– Vocês estão se pegando? – ela perguntou.

– Pegando é uma palavra muito feia. Prefiro o termo “se conhecendo” – expliquei.

– Que coisa de velho, Alice – Mateus disse. – “Se conhecendo” – e imitou a minha voz (pessimamente, diga-se de passagem). – Não, Esther, a gente está namorando.

– O quê? – Meu tom de voz subiu três oitavas. – Namorando? Desde quando?

– Desde ontem à noite – ele respondeu simplesmente dando de ombros.

– E você pretendia me contar quando?

– Achei que estivesse implícito.

– Claro que não. Você ficou comigo uma vez, isso não significa namoro para mim.

– Correção. A gente ficou duas vezes. Se esqueceu da Times Square? E nós passamos as últimas 24 horas juntos, te beijei várias vezes durante a manhã, ando com você de mãos dadas e abraçado. Para mim, isso é namoro.

– Que seja! Você nem sabe se quero namorar. Vai que eu quero só me divertir usando o seu corpo?

– Ai, gente! – Esther disse enquanto tapava os ouvidos. – Eu estou aqui! Cuidado com o que vocês falam!

– Alice, sei que eu sou gostoso e tudo o mais. – Ele estava rindo, não parecia me levar a sério. – Mas sei que você está gamada por mim, então larga de bobagem e aceita logo o fato de que estamos namorando.

– Mas você nem me pediu... – choraminguei.

– Está bem, está bem. – Ele se ajoelhou no meio da rua, pegou uma das minhas mãos e aumentou o volume da sua voz. – Oh, Alice... Qual é o seu sobrenome?

– Você nem sabe o meu sobrenome. Como quer me namorar?

– Isso não é tão sério quanto um pedido de casamento. Larga de ser chata e responde logo.

– Alice Assumpção Campos Pivetta Freitas Polleto.

– Caramba. Que nome grande! Posso abreviar?

– Fique à vontade.

– Oh, Alice Polleto, a mais bela entre as mulheres que já conheci! Flor do meu jardim, luz da minha vida!

– Posso filmar isso e colocar no YouTube? – perguntou Esther.

Respondemos juntos um sonoro 'não'.

– Chega de vídeos meus na internet – acrescentei.

– Ei, vocês duas, parem de me interromper. Estou no meio de um pedido de namoro. Continuando... Onde eu parei mesmo?

– Luz da minha vida.

– Ah, sim. Luz da minha vida, aceita me namorar?

– Mas eu nem sei seu sobrenome!

– Que fixação com sobrenome, Alice. É Mateus Müller. Agora aceita logo que o meu joelho já está doendo.

– Mas não sei se estou pronta para namorar. Olha o que aconteceu da última vez! Virei a Corna do Ano!

– Alice – ele se levantou, colocou meu rosto entre as suas mãos. Estava muito sério –, eu não quero e nem pretendo te magoar. Apesar de você não acreditar, levo relacionamentos a sério. Já tenho 27 anos, não sou nenhum moleque.

– É verdade – Esther interrompeu o irmão. – Quando namora, se compromete e fica todo apaixonadinho. Na verdade, ele fica um saco de tão doce.

Por que eu estava tão reticente quanto a isso? Por que estava com medo de me magoar novamente? Nunca fui assim, mas acho que o Leandro me traumatizou com toda aquela história de Corna do Ano.

O Mateus realmente parecia estar falando sério e eu conseguia claramente me ver junto dele. Ele era o tipo de homem que eu gostava, me tratava bem, me fazia rir, gostava de mim, era lindo, cheiroso e desejava um relacionamento sério, algo que 90% dos homens não queriam. Então pensei: por que não? Isso podia ser maravilhoso. Ou desastroso. Mas decidi que daria esse passo de fé.

– E aí? Vai me responder ainda hoje ou vai continuar pensando? Quer ser minha namorada?

– Quero. Quero muito.

Ele sorriu e se inclinou para me beijar. Suavemente de início e depois com mais paixão. Não gosto de me agarrar na rua, em frente às pessoas, mas nem pensei nisso naquela hora. Até que a voz da Esther nos trouxe de volta à realidade.

– Chega, né? Vocês estão quase se engolindo. Mateus, eu vou contar para a mamãe que você está sendo má influência para mim.

– Vou fingir que não sei que você não faz isso, tá? Acho que a mamãe não ia gostar de saber que a filhinha dela de 16 anos está

beijando o vizinho na escada do prédio quando acha que ninguém sabe...

– Ok, podem continuar. Eu viro de costas.

Rindo, ele pegou a bolsa de viagem da irmã com uma mão, segurou a minha mão com a sua que estava livre e falou:

– Vamos, namorada? Tenho que levar essa pirralha para casa e quero fazer um almoço tardio para vocês.

Capítulo 12

Após passar os últimos dois dias com o Mateus, as gêmeas e a Esther, me senti um pouco solitária ao voltar sozinha para aquele apartamento gigante.

Depois que meu namorado e eu (Nossa! Que estranho! Eu namorava alguém que eu mal conhecia) buscamos a Esther na Grand Central Station e fomos para o apartamento deles almoçar, ficamos o resto do dia de bobeira, passeando pela região de Tribeca que eu ainda conhecia muito pouco.

Cada vez mais aquele rapaz me surpreendia com o seu bom humor e jeito carinhoso. Eu, definitivamente, tinha feito uma visão a respeito dele completamente equivocada. Quase o detestava de início. Mas dizem que o amor e o ódio são sentimentos próximos um ao outro. Talvez eu não estivesse enxergando isso antes.

Combinamos de todas as manhãs, antes de entrarmos na NYFA, chegarmos um pouco mais cedo e nos encontrarmos no Starbucks, que ficava em frente, para tomar café. No nosso primeiro dia de aula

como namorados, ficamos um tempo comendo, rindo e nos esquentando dentro da loja. Como ficamos nos agarrando, perdemos um pouco a noção dos minutos e chegamos atrasados à aula.

Entramos na sala com o rosto rosado, apesar do dia particularmente frio lá fora, de mãos dadas e rindo.

– Ora, ora! – disse o professor em inglês. – Se não é o casal brasileiro *caliente*! Resolveram se juntar a nós nesta manhã?

– Bom dia, professor! – Mateus dizia enquanto me puxava até dois assentos no fundo da sala. – A gente não perderia sua aula por nada. E, a propósito, agora somos um casal mesmo, ela não resistiu a mim!

A sala inteira começou a rir como se fosse um bando de adolescentes e eu fiquei vermelha igual a um pimentão.

– E, a propósito, *caliente* é em espanhol. Em português se fala “quente”.

A semana correu bem e rápida. Starbucks, aulas, almoços nos mais diferentes lugares, passeios, filmes em casa, frio, muito frio e incontáveis beijos dados nos mais diferentes locais da cidade.

Eu, que sempre odiei o frio de todo o meu coração, até que não estava reclamando, já que todos os lugares aonde eu ia tinham aquecedores, o meu apartamento era quentinho e, quando estava na rua, na maior parte do tempo o Mateus estava grudado em mim me esquentando. É, não tinha o que reclamar da minha vida!

Na sexta-feira, o Mateus combinou com os seus vizinhos de irmos a uma balada. Levei as gêmeas conosco. No final da noite, elas e o Mateus foram para o meu apartamento. Apesar de eu não beber muito, todos nós tomamos algumas taças de champanhe e

estávamos completamente alegres. Acabamos apagando na sala principal. No meio da noite, Clara e Mimi foram para o meu quarto de novo.

– Alice, acorda! – Mateus falou me cutucando. Para o meu desespero, ele gostava de acordar antes das oito horas da manhã.

– O que é? – respondi um pouco mal-humorada ainda de olhos fechados no sofá.

– Nevou esta noite. Olha pela janela! A cidade está branca lá embaixo.

Aquilo me fez levantar rapidinho. Eu nunca tinha visto neve.

– Ai, meu Deus! Essa é a coisa mais linda que já vi! – Fiquei tão animada que estava praticamente gritando. – A gente precisa ir para o Central Park! – disse enfaticamente.

– Não sei, não... Parou de nevar, mas deve estar um frio insuportável lá fora.

– Não importa, eu nunca vi neve. Eu quero ir. Por favooooor, vamos? – falei juntando as duas mãos implorando.

– O que eu não faço por você? – Ele sorriu e me deu um beijo. – Será que as meninas vão querer ir?

– Acho que não. Elas gostam de dormir mais do que tudo na vida. Aliás, elas gostam de homem mais do que tudo na vida. Dormir vem em segundo lugar. Vou deixar um recado para elas.

Depois de colocar três quilos de roupas e emprestar para ele alguns casacos e luvas masculinas que eu encontrei num dos armários da tia Wanda, saímos para a neve. Já na porta do prédio, eu parecia criança correndo de um lado para o outro dizendo:

– Isso aqui é incrível!!!!!!!!!!!!!!

O Mateus ficava parado rindo de mim, que estava andando em círculos ao seu redor igual a uma idiota.

– Vem, sua louca! Se você está assim agora, imagina quando vir o Central Park.

Realmente, o Mateus tinha razão. O Central Park estava lindo coberto de neve. Tinha o ar melancólico e triste que se vê nos filmes sobre Nova York.

Fiquei maravilhada. Corria, me jogava na neve, jogava bolinhas no Mateus e para cima. Me senti com sete anos de idade. Nem estava sentindo frio.

Já focados no nosso projeto da NYFA, carregávamos a máquina fotográfica para todos os lados. Ele tinha uma semiprofissional e um olhar aguçado para a arte. Enquanto eu brincava na neve como criança, ele tirava fotos e me filmava. Se não desse para usar nada no trabalho, seria uma boa recordação.

– Já patinou no gelo? – perguntou quando chegamos ao ponto do lago congelado onde muitas pessoas estavam patinando.

– Nunca. Não sei se você já percebeu, mas sou um tanto descoordenada. Eu nunca fui muito boa sobre rodas ou qualquer coisa do tipo. Aliás, nunca fui muito boa nem sobre meus próprios pés. Você nunca reparou que vivo caindo? Não ria, mas só aprendi mesmo a andar de bicicleta lá pelos sete, oito anos.

– O que você acha de tentar?

– E se eu cair?

– Bom, o máximo que vai acontecer é cair de bunda, molhar a calça e eu rir. Vamos?

– Então, vamos – respondi sem muita convicção. Não era algo que eu estava louca para fazer, conhecendo o meu histórico de desastrada.

Patinar no gelo acabou sendo uma das experiências mais fantásticas da minha vida. Me diverti como nunca! Está certo que no início caí de traseiro, de joelhos, de barriga e até de boca no gelo, mas depois que peguei o jeito ficou muito bom.

Na primeira vez que eu caí, o Mateus foi correndo me ajudar. Apesar de tentar parecer preocupado comigo, podia ver que ele estava se segurando para não dar risada.

– Mateus, pode rir. Não tem problema. Não me machuquei de verdade.

– Você não vai brigar se eu rir da sua cara?

– Nem um pouco, foi muito engraçado. Fique à vontade. Geralmente, sou a primeira a rir de mim mesma.

Com a minha bênção, ele ficou gargalhando por mais de cinco minutos. Até teve que se sentar.

– Ok, não foi tããã engraçado assim. – Olhei para ele fingindo estar brava.

– Foi sim! Devia ter visto a sua cara. Posso te filmar patinando?

– Só se você prometer não colocar no YouTube. Ou no trabalho.

A cada vez que eu tombava, nós ríamos como se fosse a situação mais engraçada do mundo. Mas eu tive minha vingança. Quando ele caiu, igual a uma garça desengonçada, tive uma crise de riso. Até nos sentamos no chão gelado de tanto que ríamos.

Depois que nosso fôlego voltou, ele pôs os braços em volta de mim e confessou:

– Uma das coisas de que eu mais gosto em você é o seu senso de humor. – E plantou um beijo na minha testa. – Você, diferentemente da maioria das mulheres que eu conheço, sabe rir de si mesma. E não liga de parecer boba ou criança correndo toda feliz na neve.

– Eu não poderia te negar tanto divertimento proibindo você de rir. Eu sei que é engraçado quando as pessoas caem. Dou muita risada dos outros e de mim mesma quando acontece.

– Acho que isso me fez apaixonar ainda mais por você!

E me beijou. Achei tão meigo o que ele me disse que percebi o quanto em tão pouco tempo ele me fez bem. Eu, definitivamente, acertei quando aceitei o pedido de namoro. Nos agarramos, deitados na neve, igual a um casal jovem de namorados deve ser. Ficamos assim por uns dez minutos, até que a neve começou a entrar nos nossos casacos e, mesmo com os corpos quentes, começamos a tremer de frio.

– Vem, vamos patinar mais. – Ele agarrou a minha mão e nos levantamos.

As gêmeas ligaram perguntando se almoçaríamos com elas e voltamos para o apartamento. A neve estava ótima, mas eu já tinha cansado do frio.

Passamos a tarde como na semana anterior. Rindo, comendo e vendo filme no aconchego quentinho da casa da tia Wanda.

De noite, resolvemos fazer uma reunião e convidamos os vizinhos e a irmã do Mateus para virem até o apartamento. Chamamos também a Mariana e o Sergio, nossos colegas de classe

portugueses, que estavam adorando o fato de termos começado a namorar. Diziam que finalmente tinha um casal que falasse a mesma língua que eles (bom, mais ou menos) para poder sair num encontro duplo.

Foi uma noite regada à comida-porcária, como salgadinhos e nachos, refrigerante e chocolate quente, música alta e brincadeiras de mímica madrugada adentro. Foi um pouco difícil jogar Imagem e Ação, pois tinha que ser em inglês por causa dos amigos do Mateus. Cada um era de um país diferente, falava uma língua diferente e tinha uma cultura diferente. Era quase impossível acertar, mas foi tão engraçado que nem ligávamos para isso.

Quando todos foram embora já quase de manhã (menos o Mateus, a Esther e as gêmeas) me deitei com meu namorado no sofá da sala para dormir. Uma leve claridade já adentrava o quarto, mesmo com as cortinas fechadas. Mateus caiu profundamente no sono em questão de dois minutos. Olhei para ele enquanto ressonava. Tinha apenas uma semana desde que o vira dormindo na sala pela primeira vez.

Notei que o sorrisinho de “eu tenho um segredo e não vou te contar” continuava ali. Sua respiração quente chegava até mim e eu fiquei inebriada com o cheiro. Nossa! Como meu namorado era bonito! Escolhi bem desta vez.

Passei a mão pelos seus cabelos e ele suspirou em seu sono. Dei um sorriso involuntário e pensei: *Há muito tempo não fico feliz assim!*

Capítulo 13

Fez tanto frio em janeiro que eu pensei que congelaria. Foi um mês recheado de mais patinação no gelo, muita neve, filmes deitados no sofá, saídas para restaurantes, aulas e tardes inteiras elaborando o projeto, risadas, peças na Broadway e chocolate quente. Fora os beijos, beijos e mais beijos.

Mateus e eu nos agarrávamos o tempo todo, em qualquer lugar: no metrô, nos corredores da NYFA, na minha casa, na casa dele, na rua, no Chelsea Market; enfim, em todo canto. Toda vez que a Esther nos via aos beijos, dizia que éramos um nojo juntos. Tomamos isso como elogio.

Era impressionante como não cansávamos um do outro. Em todo o tempo possível estávamos juntos. A boca dele ficava cada vez mais gostosa! E todo o resto também. O Mateus até tentou algumas (várias) vezes avançar para o próximo passo, mas eu o impedi.

Eu queria aquilo desesperadamente, mas ainda não estava pronta. Não era algo que havia feito muitas vezes, então estava um

pouco insegura. Não em relação ao sentimento dele por mim ou ao meu por ele. Mas batia aquele medinho de antecipação gostoso que dá frio na barriga. Resolvi esperar um pouco mais.

Apesar de não “dormirmos juntos” no sentido figurado na palavra, estávamos literalmente dormindo juntos várias vezes por semana, principalmente às sextas-feiras e aos sábados. Às vezes na minha casa, outras na dele e até mesmo no apartamento da Clara e da Mimi. Mas sempre que isso acontecia, era no sofá ou no tapete. Certa noite ele me perguntou:

– Alice, adoro seus sofás, tapetes e tudo mais, mas acho que minha coluna já está ficando torta. Por que a gente nunca vai para a cama?

– Ainda não estou pronta.

– Eu digo só para dormir, juro. Tem medo que eu te ataque? Provavelmente eu faria isso, mas te ataco o tempo todo, então dá na mesma.

– Não tenho medo de você. – Parei de falar e completei baixinho: – Tenho medo de mim mesma.

– Alice, sei que você é meio tarada, percebi isso na Times Square. Fora que você não consegue deixar suas mãos longe de mim. – Abriu um sorriso enorme. – Mas será que hoje, por favor, a gente pode dormir na cama?

– Ainda não.

– Então fica aí na sala, no tapete, que eu vou para sua cama, que já ouvi falar que é a oitava maravilha do mundo.

Contrariada e azeda, fiquei de braços cruzados no *home theater* pensando *eu não acredito que ele me deixou aqui sozinha!*. Eu

também queria ir para lá, só que, de pirraça, resolvi ficar ali.

Depois de quinze minutos me martirizando, o sono batendo e a vontade de ir para a minha deliciosa caminha me atormentando, cedi e fui para o quarto.

Fui pé ante pé, o mais silenciosamente possível, e me enfiei debaixo dos cobertores ao lado do Mateus, que já estava dormindo. Não fiquei muito perto dele, para não acordá-lo, mas ao sentir que eu estava lá, mesmo de olhos fechados, ele passou os braços em volta da minha cintura e me puxou para bem perto dele sem falar nada. Sim, ele tinha razão, ali era bem melhor, bem mais confortável, bem mais quentinho. E ele, como prometeu, estava se comportando, querendo apenas dormir.

Depois de alguns segundos abraçado a mim, no quarto escuro, em um estado de sonolência avançado, ele sussurrou no meu ouvido:

– Eu te amo, Alice Polleto.

Era a primeira vez que ele dizia isso.

– Eu também te amo, Mateus Müller.

– E sabia que você não ia resistir se juntar a mim – acrescentou dando uma risadinha que queria dizer “eu venci”.

– Nunca resisto a me juntar a você.

– Eu sei, você é louca por mim.

– Ai, Mateus. Dorme, tá?

E com um sorriso grudado no rosto, dormi completamente feliz (e confortável).

Em fevereiro, chegou o Carnaval. Pelo menos no Brasil, porque nos Estados Unidos ele não existe da maneira como conhecemos. Como estávamos cansados do frio eterno de Nova York e queríamos comemorar o Carnaval e meu aniversário, fomos para Miami, quase um pedacinho do Brasil nos Estados Unidos. Mesmo no inverno, lá é sempre quente. Alguns dias de sol não fariam mal para nós.

Eu, Mateus, Esther, Clara, Mimi e cinco vizinhos do Mateus alugamos dois carros, tiramos uma semana de folga dos cursos que fazíamos e pegamos a estrada rumo ao paraíso ensolarado do Sul. Saímos na sexta de tarde e voltaríamos no outro domingo.

Ficamos um pouco arrependidos de ir de carro depois que percebemos que era mais longe do que imaginávamos. Pouco mais de dois mil quilômetros entre as duas cidades e perderíamos dois dias de praia dentro de um carro. Dormiríamos de sexta para sábado em algum lugar da estrada. Mas, tudo bem, quando estávamos juntos tudo era festa, então acabou sendo muito divertido.

As estradas norte-americanas eram muito diferentes das brasileiras. Sem buracos, com placas e muitas paradas com restaurantes e conveniências cheios de donuts, sanduíches com muita gordura e baldes individuais de um litro de refrigerante. Dormimos num hotelzinho de beira de estrada com quartos conjugados, TV a cabo com programação ruim e máquinas de gelo no corredor. Tinha aqueles corredores compridos, mal iluminados, típicos de filme de terror. Corríamos de um lado para o outro rindo, como um bando de adolescentes, vendo se não tinha nenhum psicopata por ali.

Chegamos a Miami na tarde de sábado. Estava um sol de rachar, mas não tão quente como Cuiabá (aliás, existe lugar mais quente do que Cuiabá?). Era maravilhoso não precisar usar casaco, botas e

cachecóis. Fizemos *check-in* no hotel e fomos diretamente para a praia, que ficava do outro lado da rua.

Eu, que já era branca por natureza, estava mais branca do que uma folha de papel. Na hora que coloquei meus pés na areia quentinha, senti saudades de casa. Não que a minha casa fosse na praia. Longe disso, eu morava no Centro Geodésico da América do Sul, o ponto mais longe possível de qualquer água salgada, para a minha tristeza e terror. Mas senti saudade do calor, tanto climático quanto humano, da minha família, dos meus pais e também da minha irmã e sobrinha.

Enquanto estava olhando o mar, divagando sobre estar longe de tudo o que me foi familiar a vida inteira, Mimi e Clara passaram correndo por mim e me atropelaram, jogando-me na areia.

– Ei! – reclamei, cheia de areia no rosto e no cabelo, levantando-me e tirando a saída de praia. – Eu geralmente caio sozinha, não preciso de mais um empurrão.

– Alice, corre! – gritaram.

– Por quê?

– Por causa disso! – disse o Mateus, que apareceu por trás de mim, me levantando do chão e me colocando no seu ombro como se eu fosse um porco indo para o abate.

Claro que ele aproveitou a oportunidade para dar um tapa no meu traseiro. Certos hábitos nunca morrem.

Eu estava de costas para a água, mas percebi aonde ele me levava: para o mar gelado.

– Mateus, me soltaaaa! – Só conseguia gritar.

Comecei a golpear as suas lindas e musculosas costas, tentando desesperadamente me livrar dos seus braços. Eu tinha pavor de água fria, era pior do que gato. Mesmo quando estava calor, eu tomava banho quente. A vida inteira fui assim e tinha vontade de chorar todas as vezes que uma água gelada encostava em mim.

– De jeito nenhum!

No meio do caminho, consegui pegar Clara pelo braço para levá-la para o mar também. Ela se debatia, rindo e reclamando. Um dos seus amigos pegou Mimi no colo e não acredito que ela estava achando ruim. Na verdade, estava pendurada em seu pescoço, piscando os olhos sedutoramente. Esther, diferentemente de nós, corria alegremente rumo à água fria, como se tomar banho no gelo fosse a melhor coisa do mundo. Louca!

Quando o mar estava batendo em seus joelhos, Mateus me jogou na água. Nem tive como fugir e fazer com que ele fosse molhado comigo. Apesar do calor, a água era congelante naquela época do ano. Quase tive uma hipotermia instantânea.

O Mateus ria como se fosse a situação mais hilária do mundo. Quando levantei, completamente molhada, comecei a ir em sua direção.

– Opa! Espera aí! O que você está fazendo, Alice?

– Só quero dar um abraço no meu namorado. Não posso? – sorri maliciosamente.

– Pode, depois que você se secar. – Nessa hora, ele já estava andando de costas, em direção à segurança da areia.

– A vingança é um prato que se come frio, meu bem. Nesse caso, gelado!

Pulei em cima dele para abraçá-lo, ele se desequilibrou e caímos na água rasa. Rimos tanto que até nos esquecemos do frio por alguns instantes. Pela primeira vez olhei seu abdômen nu. Já tinha passado a mão por ali várias vezes, mas nunca havia visto o Mateus sem no mínimo duas camisas e suéter. Nossa! Dava para estudar anatomia ali naqueles músculos. Era malhado sem parecer fisiculturista. Perfeito.

– Acho que a gente não devia voltar para Nova York – ele disse olhando sério para mim.

– Por que não? Você gosta mais de Miami?

– Na verdade, gosto das duas cidades. Não dá para comparar porque são muito diferentes. É como tentar decidir entre São Paulo e Rio de Janeiro, tirando as devidas proporções, é claro. Uma é praia, a outra é urbana. Não dá para escolher. Mas eu disse isso porque em Nova York você usa roupas demais! Prefiro você de biquíni!

Dei uma gargalhada alta.

– Engraçado. Eu estava pensando exatamente a mesma coisa sobre você.

– Eu olhava para você, com aquelas camadas de roupa, e pensava: será que elas escondem um corpo feio?

– Seu superficial! – Dei um tapinha nele me fingindo de ofendida. – Quer dizer que você só está comigo por causa da minha aparência?

– Jamais! Eu amo você apesar dela, sua boba! – Dei outro tapinha nele. – Estou brincando, meu amor. – E me abraçou. – Você é maravilhosa e eu fiquei ainda mais impressionado hoje descobrindo que você é mais linda do que eu imaginava.

Eu tinha um namorado romântico e ao mesmo tempo engraçado. Além de tudo, lindo. O que mais eu poderia querer?

Passamos o resto da tarde de bobeira no sol. Alguns caminharam, outros jogaram vôlei, eu entrei só mais um pouco na água.

No final do dia estávamos ardidados, cansados e com aquele "ar" de praia, de pessoas saudáveis e que curtem a vida.

Jantamos todos juntos numa Pizza Hut próxima ao hotel. Como estávamos em South Beach, a vida noturna ali era animada, ainda mais num sábado à noite. Clara e Mimi foram para a balada, os amigos do Mateus e a Esther foram para um bar e nós dois resolvemos passear pelo calçadão.

– Eu queria ficar sozinho com você.

– Cansou da quantidade de velas que nós temos? E olha que são muitas.

– Na verdade, eu tinha planejado inicialmente viajar só com você, mas a Esther viu meus planos, achou que era para todo mundo e saiu convidando os meninos sem nem ao menos perguntar se podia.

– Sério? Que romântico você é!

– É que eu queria que o seu aniversário fosse especial.

– Não se preocupe. – Fiquei nas pontas dos pés e dei um beijo na sua bochecha. – Já está sendo, mesmo que ainda não seja o dia mesmo do meu nascimento. Tenho certeza que, mesmo se estivéssemos em Nova York, seria lindo de qualquer modo.

Continuamos andando e nos sentamos em um banco virado para o mar. Já não estava quente como durante o dia e, apesar de

estar usando um vestido, usava também com um casaco. Mateus se sentia em casa usando bermuda e uma camiseta leve. Percebendo que eu estava com um pouco de frio, ele me abraçou.

Rindo, como sempre, e conversando, de repente o Mateus falou:

– Feliz aniversário!

– Mas ainda não está na hora, é só amanhã!

– Está sim, olha. – Me mostrou o seu relógio, que marcava meia-noite. – Já estamos no “amanhã”. Você oficialmente tem 25 anos. Feliz aniversário! – E me deu um beijo longo e suave.

– Ai, Mateus! Obrigada. Estou tão feliz! Nem começou e já está sendo o melhor aniversário de todos.

– Isso porque você ainda não viu o seu presente.

Tirou do bolso uma caixinha azul. Ai, meu Deus, era da Tiffany’s! E era uma embalagem pequena. Podia ser qualquer coisa, mas podia também ser um anel. Será que ele ia me pedir em casamento? Já? Mas a gente se conhecia havia pouquíssimos meses! Eu debatendo mentalmente qual seria o modelo do meu vestido de noiva e qual o cardápio do buffet quando ele disse:

– Abre. Quero ver se você gosta!

Retirei o laço e abri. Segurando a respiração, vi que não era uma aliança (para o meu alívio e tristeza. Sentimentos conflitantes, eu sei). Era um fino colar de ouro com um pingente de relicário pendurado.

– Ai, Mateus! É tão lindo! Nem sei o que dizer...

Ele tirou o colar das minhas mãos e abriu o pingente. De um lado estava gravado no ouro “M e A na Times Square”, do outro uma pequena foto nossa tirada num dos dias que fomos a uma peça na Broadway, que ficava na Times Square.

– Quis que o presente tivesse personalidade e fosse especial. – E abriu um sorriso lindo e sincero.

– É o presente mais bonito que já ganhei. Sabia que você era romântico, mas não imaginava o quanto. Muito obrigada! Eu te amo. Amo muito!

– Eu também te amo. Quem diria que o evento mais triste da minha vida ia me levar para Nova York e me fazer ficar feliz como nunca?

Ele se referia à morte do irmão. Apesar de íntimos e muito próximos, ele ainda não tinha falado sobre esse assunto. E eu não quis perguntar. Quando estivesse pronto, me contaria o que aconteceu. Mas eu estava curiosa, como uma boa jornalista que sempre quer saber de tudo.

– E quem diria que a Coroa do Ano ia se tornar a minha namorada?

– Comentário desnecessário. – E dei um sorriso mesmo assim. Joguei meus braços ao redor do seu pescoço e enchi o seu rosto e pescoço de beijos, que ficaram marcados de batom. – Eu não disse que já estava sendo o melhor aniversário de todos? Obrigada. Por tudo.

– Você ainda não viu nada.

Capítulo 14

No domingo de manhã, dia do meu aniversário, dormia profundamente em minha cama, que eu dividia com o Mateus. Estava tendo lindos sonhos quando meu namorado me acordou com um beijo na testa.

– Bom dia, aniversariante!

– Bom dia, meu amor! Será que nem no meu aniversário você me deixa dormir até tarde? – Eu ainda estava de olhos fechados.

– Claro que não, você tem mais é que levantar e aproveitar o dia. Abra os olhos, tenho uma surpresa para você.

Mateus tinha me trazido café da manhã na cama. Ele era uma surpresa sem-fim. Onde eu estava com a cabeça quando achei que ele ia quebrar o meu coração em 87 pedaços? Ele era o melhor namorado de que já se teve notícia.

– Como você fez tudo isso? Os hotéis aqui não têm café!

– Fui a um mercadinho aqui ao lado e comprei essas coisas.

A bandeja tinha suco, torradas, frutas e muitos doces. Enquanto eu me deliciava com tudo aquilo, bateram na porta do quarto. Eram as gêmeas e a Esther. Como tinham idades parecidas, se deram muito bem. Entraram correndo como três furacões.

– Feliz aniversário, Alice! – Se ainda me restava algum sono, ele foi embora com a gritaria delas.

– Tudo de bom!

– Parabéns!

– Está velha, hein?

– Muitos anos de vida!

Falavam ao mesmo tempo enquanto pulavam na minha cama quase derrubando meu café.

– Obrigada, meninas! Não acredito que vocês acordaram cedo só para me dar os parabéns!

– O Mateus obrigou a gente – disse Esther enquanto pegava um pedaço da minha torrada. – Mas, não se preocupe, eu faria isso mesmo se ele não tivesse mandado. Você é uma ótima cunhada.

Sim, eu estava muito feliz.

Acordamos os meninos e fomos todos para a praia. Estava um lindo dia, céu azul sem nuvens, sol ardendo e água fria. Passamos a manhã naquele lugar.

Saímos da praia e fomos para o Bayside Marketplace, um shopping a céu aberto à beira de um cais. Passeamos, fizemos compras, andamos de lancha fazendo o tradicional passeio turístico para a residência de artistas famosos. O Mateus disse que quando

passamos pela casa da Jennifer Lopez viu uma mulher com um traseiro gigantesco tomando sol no jardim.

– Tenho certeza que é ela.

– E de traseiros você entende – respondi.

À noite, queríamos ir para alguma boate para comemorar o meu aniversário, mas o Mateus disse que ele e eu iríamos sair sozinhos. Ele tinha mais uma surpresa para mim. Coloquei um leve vestido de verão traspassado, estampado de flores, uma sapatilha e saí de cabelos molhados, algo que eu não fazia desde que tinha saído do Brasil por causa do frio.

– É tão diferente te ver vestida assim. Está linda!

– Obrigada. No Brasil eu praticamente só me visto assim. Detesto calça jeans e roupas pesadas. Nasci para o verão.

Fomos para o carro e ele me vendou. Fiquei muito curiosa, mas entrei no jogo dele e nem espiei por debaixo da venda.

Depois de trinta minutos, ele parou o carro. Pediu que eu esperasse alguns minutos.

– Sem espiar – frisou com a voz fingidamente brava.

Depois de um tempo, abriu minha porta e me puxou para fora. Pediu que eu tirasse os sapatos e percebi que estava pisando na areia.

– Mateus, você resolveu me matar e jogar o corpo no mar?

– Sim, cansei de você. Achei que seria mais dramático fazer isso no dia do seu aniversário. Só para dar mais emoção, sabe?

Ele me guiou por alguns metros. Posicionou-se atrás de mim e desamarrou a venda. Estávamos na ilha de Key Biscayne, perto de Miami, no parque ecológico na beira da praia. Na orla havia muitas mesas de piquenique. A que estava na nossa frente tinha uma toalha, uma garrafa de champanhe, pratos e, no centro, um bolo de aniversário com vinte e cinco velas. Era pôr do sol. Algumas pessoas passeavam por ali, mas estava quase deserto.

– Mateus... Isso é... Lindo! – Estava com a voz embargada, quase chorando.

– Será que pela primeira vez na vida você não sabe o que falar?
– Rindo, ele se aproximou de mim, colocou as duas mãos em volta do meu rosto e me deu um beijo. – Feliz aniversário, meu amor! Espero que goste.

– Eu simplesmente amei! Pensei que esse tipo de coisa só existia em filmes.

– De onde você acha que eu tirei a ideia?

– Isso é maravilhoso! Obrigada, obrigada! – Pulei em seu pescoço, beijando em todos os lugares do seu rosto. – Não vai me dizer que você cozinhou!

– Bem que eu queria, mas não teve como. Não temos cozinha aqui, esqueceu? E nem consegui trazer um jantar decente por causa do trajeto de carro.

– Mas tenho certeza que vou gostar.

Ele tirou de uma caixa térmica com sanduíches do Subway.

– Olha que romântico! Quando voltar para o Brasil, você pode dizer que o seu jantar de aniversário foi um Subway. Será que eles combinam com champanhe?

– O que vale é a intenção, eu amei! Além disso, tudo combina com champanhe!

Assoprei as velas, tomamos o champanhe e comemos os sanduíches. Depois do bolo, deitamos na areia e ficamos olhando a noite e o mar. A lua estava alta no céu, muito brilhante. O ar estava quente, mas uma brisa fresca estava soprando. Quem diria que a apenas (apenas?) dois mil quilômetros estava aquele frio de matar?

Mais do que conversando, ficamos nos agarrando. Muito. Beijar ele era delicioso e eu não conseguia parar nunca. Seu cheiro, seu corpo, tudo nele me fazia querer ficar o mais grudada possível. Havia chegado o momento, eu não queria mais esperar.

– Mateus, vamos embora?

– Já? Por quê? Ainda está cedo, são dez e meia. Você não gostou?

– Eu amei, de verdade. Mas quero fazer mais uma coisa antes de o meu aniversário acabar. Para torná-lo ainda mais memorável. – Me aproximei do seu rosto e dei um beijo lento, sensual e longo.

– Entendi o recado.

Chegamos ao hotel e andamos pelos corredores rindo e meio correndo. Era claro para quem nos visse que estávamos prestes a fazer algo errado ou muito divertido (na verdade, as duas coisas juntas). Estávamos tentando conter risadas, mas falhando na tarefa.

Entramos no quarto, já grudados um no outro. O Mateus fechou a porta com o pé, pois estava com as mãos muito ocupadas

passando pelo meu cabelo, ombros e costas. Eu estava ansiosa de antecipação, até um pouco trêmula. Ele me beijava com vontade, com amor.

Andamos pelo quarto esbarrando em paredes, móveis e caímos na cama. Ele desgrudou os lábios dos meus e falou olhando para mim:

– Estou muito feliz por você ter resolvido fazer isso.

– Não teve como não querer. Você passou os últimos dois dias me seduzindo! Até joia me deu! – Ele deu uma risada alta pela minha observação.

– Alice, eu passei os últimos meses te seduzindo todos os dias! Você é dura na queda!

– Obrigada pelo dia mais que perfeito.

– Te garanto que ainda vai melhorar.

Realmente, melhorou ainda mais. Foi mais do que eu imaginava. Ele foi doce e másculo ao mesmo tempo. Parecia estar sendo delicado comigo, como se estivesse com medo de me quebrar, mas também me apertava com força, se movia com certa aspereza. Tudo o que ele fez foi maravilhoso. Fiquei nas nuvens. Nunca alguém me havia dado tanto prazer, além de tanto amor.

Quando terminamos, ficamos abraçados debaixo do lençol. A porta da sacada estava aberta, entrava a luz da rua e uma brisa leve. Ficamos conversando sobre nada e sobre tudo, aquele papo sem compromisso, que não demanda muito esforço ou inteligência. A conversa de quem está cansado e satisfeito.

Enquanto ele falava, o olhei e percebi que gostaria muito de passar o resto da vida com ele. Um sentimento de amor, carinho,

afeto e algumas coisinhas a mais me invadiu e tudo o que eu pude fazer foi beijá-lo, pois foi a única forma que encontrei para expressar isso.

– De novo? Calma, eu não sou uma máquina – ele disse me provocando depois que eu o soltei. – Estou brincando. Sou uma máquina, sim. Vamos mais uma vez!

– Eu só queria te agradecer de novo por este dia, pelo presente, pela viagem.

– De nada. – E me deu um beijo na testa. Eu adorava quando ele fazia isso. Era tão carinhoso. – Eu só queria fazer você feliz.

– E fez! – Olhei no relógio, era meia-noite e dez. – Pena que o meu dia acabou. Eu queria mais.

– Bom, no fuso horário do Brasil o seu aniversário ainda não acabou.

E começamos tudo de novo.

Capítulo 15

O resto da semana na praia passou voando. Foram dias de sol, risadas, areia e amor. Muito amor. Apenas em um dia o sol não apareceu e passamos a tarde dentro de um outlet. Afinal, como ir para Miami e não fazer compras? Cartão de crédito do papai, eu te amo!

No sábado à noite, juntamos nossas malas e voltamos para a fria e gélida Nova York.

Posso dizer sem medo que aquela semana foi uma das mais felizes da minha vida. Eu estava com aquela sensação maravilhosa, mas, ainda assim, assustadora, de quando você fica muito apaixonado. Me sentia tão feliz, tão satisfeita e tão completa que todo aquele equilíbrio parecia ser frágil. Tinha medo que algo acontecesse e o Mateus e eu perdêssemos tudo o que havíamos conquistado nos últimos meses.

Felizmente, esse medo se tornou infundado. O tempo passou: fevereiro, março, abril, maio e tudo continuou na mais santa paz.

Mesmo namorando há alguns meses, aquele grude de início de relacionamento não passou; não perdemos a vontade de estar sempre perto. Pelo contrário: ela só foi aumentando todos os dias.

Claro que de vez em quando tínhamos desentendimentos, mas nada muito sério. Eu queria ver um filme e ele outro, eu queria dormir até mais tarde, mas ele não deixava. Coisas bobas da vida em comum. Em alguns dias eu queria torcer aquele seu lindo pescocinho porque ele realmente sabia ser irritante quando queria.

O projeto da NYFA era o principal motivo de debates (nós chamávamos nossas discussões de debates porque parecia menos sério e menos letal, mas era como se fosse. Os ânimos se exaltavam). Eu queria azul, ele vermelho. Eu queria em filme, ele em desenho. Eu odiava a foto e ele amava. Definitivamente, é difícil trabalhar e estudar com o namorado. Mas, no fim das contas, era muito divertido.

Por causa do projeto, passávamos ainda mais tempo juntos. Exploramos Manhattan de ponta a ponta, mesmo os lugares mais ermos, e também outros bairros ao redor. Quando a primavera chegou e o clima começou a esquentar, íamos ao Central Park quase todos os dias. Geralmente, deitávamos na grama, parados no sol um pouco frio, igual fazem os jacarés. Ele desenhava a paisagem para o trabalho e eu por vezes filmava, por vezes tirava fotos dele e do nosso redor ou ficava lá lendo, dormindo ou conversando.

Certa tarde, colocamos a filmadora num tripé e começamos a falar e a gravar a nós mesmos. Sem roteiro, sem nada, o que quer que saísse das nossas mentes, como o professor nos aconselhou a fazer.

– Qual é o seu maior medo? – Ele perguntou depois de um tempo em que ficamos falando abobrinha e nos acostumando com a

câmera.

– Que eu volte para o Brasil e aquela porcaria de Rap da Corna ainda seja trilha sonora de todos os lugares que eu vá.

– Boa resposta. Posso colocar o vídeo na edição? Só para que os nossos amigos não brasileiros entendam do que você está falando?

– De jeito nenhum. E o seu maior medo, qual é? – perguntei.

– Que eu nunca me perdoe. Ou que meus pais continuem me olhando com o rosto decepcionado.

– Como assim? – Mesmo sem saber o motivo, eu sabia que ele se referia ao fato da morte do irmão.

O Mateus ficou alguns segundos em silêncio, de cabeça baixa, arrancando alguns pedaços da grama que estava debaixo das nossas pernas.

– Não sei se eu estou preparado para falar sobre isso.

– Quer que eu desligue a câmera?

Mais alguns segundos de silêncio.

– Quer saber? Acho que o melhor modo de ir para frente, de me recuperar e deixar tudo isso para trás é falando sobre o assunto.

– Então, por que você não se perdoaria? – Eu estava me sentindo uma apresentadora de um talk-show que queria arrancar informações traumáticas de uma personalidade polêmica.

– Você algum dia se perdoaria se o seu irmão tivesse morrido por sua causa?

– Nunca parei para pensar sobre isso, para falar a verdade.

– Lucas e eu tínhamos apenas um ano de diferença de idade. Isso fez que sempre fôssemos grudados, parceiros, melhores amigos. Quando a Esther nasceu e cresceu um pouco, nos juntávamos para aprontar com ela, mas, quando alguém fazia algo contra a nossa irmã, virávamos quase o Rambo: a defendíamos até o último suspiro. – Enquanto se lembrava da infância, os olhos do Mateus estavam iluminados. – No ano passado, em julho, Lucas e eu fomos para a praia durante um final de semana com um grupo de amigos. Na ida havia um amigo nosso no carro. Eu estava dirigindo e o Lucas estava no banco do passageiro. Era sexta à noite, estava cansado da semana intensa de trabalho. – Nesse ponto sua voz já estava embargada e os olhos cheios de lágrimas. – O trânsito não estava ruim, mas chovia. Não sei se dormi, se pisquei ou se apenas não estava prestando atenção, mas numa curva o carro derrapou e perdi o controle. Depois de alguns segundos de desespero, consegui parar o carro. Ele ficou cruzando a pista. Nós três estávamos pálidos com o susto e começamos a rir e a falar “cara, essa foi por pouco, hein?”. Por causa do momento de tensão, enquanto parava de tremer, não tirei o carro do meio da pista ou fui para o acostamento. Um caminhão que vinha na direção contrária não nos viu e bateu com força. Bem no lado da porta do Lucas.

– Meu Deus...!

– Comigo não aconteceu quase nada. Apesar de ter ficado preso nas ferragens, eu só quebrei o braço e coloquei uns pinos no cotovelo. – Ele levantou o membro e mostrou para mim. Eu já tinha reparado naquela cicatriz, mas nunca havia perguntado de onde vinha. – Nosso amigo estava sentado atrás do meu banco e só sofreu alguns arranhões e ganhou alguns roxos. Mas o Lucas levou todo o impacto. O socorro chegou logo depois, ele ainda foi com

vida para o hospital, mas, depois de três dias em coma, morreu. E a culpa foi minha, por vários motivos.

– Mateus, não fique se martirizando. Acidentes acontecem...

– Mas esse foi por minha causa. Meu irmão morreu porque sou um irresponsável. Eu não devia estar dirigindo. Não devia ter piscado, dormido ou o que quer que seja que tenha acontecido. Não devia ter deixado o carro parado no meio da pista.

– Foi um acidente, meu amor. Você não tinha a intenção.

– Eu sei, mas acho que minha mãe não entendeu isso muito bem. Meu pai não me culpa, ele me deu todo o apoio, mas ela ficou um pouco reticente em relação a mim. A Esther só me abraçava e chorava. Nos meses que se seguiram ao acidente, meus pais passaram a brigar muito, a minha irmã chorava todas as noites por ouvir as discussões. Eu entrava em depressão, apesar de estar indo para um psiquiatra. Meu pai viu que a situação foi ficando insustentável, que a família estava se desfazendo e percebeu que o melhor para mim e para a Esther seria nos afastar de tudo por um tempo, até porque ele e a minha mãe precisavam se recuperar do choque e da crise no casamento. Como sempre quis morar um tempo em Nova York, ele me mandou para cá. A Esther poderia ir para onde quisesse, mas ela quis ficar perto de mim. O que eu vejo como extremamente benéfico. Juntamos nossas coisas e desembarcamos em Nova York pouco antes do Natal. Logo depois, te conheci e o resto da história você sabe.

O dia estava tão bonito e ensolarado que era estranho ouvir uma história tão triste ali, naquele lugar cheio de vida, de pessoas correndo e brincando, de cachorros pegando frisbes.

– Agora você entende o motivo de eu nunca poder me perdoar?

– Se você e o seu irmão se amavam tanto, tenho certeza que ele ia brigar com você por pensar desse jeito. Aposto que te daria um murro por colocar a morte dele nas suas costas.

– Eu queria pensar assim, mas não consigo.

– Ainda não consegue. Mas um dia vai conseguir. – Dei um sorriso vacilante, tentando animá-lo.

– Quem sabe, Alice... Quem sabe.

Em julho tivemos um recesso de vinte e cinco dias. Nova York no verão ficava insuportavelmente quente, quase como Cuiabá. Como tinha prometido aos meus pais que iria visitá-los na Tailândia, achei que seria essa a melhor oportunidade que teria por causa dessas miniférias.

Convidei o Mateus para ir comigo, já que a Esther iria fazer uma excursão com os amigos para a Disney. Além do mais, seria a época do aniversário de um ano da morte do Lucas, então não quis que ele ficasse na cidade sozinho, remoendo-se de culpa e tristeza. Nem precisei insistir, o Mateus aceitou o convite na mesma hora.

Como só iríamos viajar na quarta-feira, na sexta anterior, depois da nossa última aula do semestre, pegamos um carro e fomos até os famosos Hamptons. Ainda não conhecíamos a região, e o calor de Manhattan estava tão terrível que dias de praia longe do caos seriam bem-vindos.

O Mateus, a Esther, as gêmeas e eu alugamos uma casinha estilo de campo, à beira do mar. Aconchegante, ela não era luxuosa como a maioria das mansões da cidade, mas era tudo o que

precisávamos para espairecer. Quanto às aulas, os últimos três meses haviam sido puxados por causa do projeto e pensávamos no assunto vinte e quatro horas por dia. Relaxar a mente e o corpo era uma maravilha.

Banho de sol, manhãs preguiçosas na cama (o Mateus acordava, como sempre, junto com o sol, mas eu o mandava aproveitar a vida e ir correr na praia enquanto eu dormia), passeios nos centros comerciais, com direito a sorvete de casquinha (me senti em *Gossip Girl*), noites na praia olhando as estrelas e mar azul e quente. Só não fiquei triste por ir embora porque sabia que algo ainda melhor nos esperava para os próximos dias: Tailândia.

Quando chegamos a Bangkok e vi meus pais nos esperando no saguão do aeroporto, comecei a chorar. É claro que eu sabia que sentia saudade deles, mas o tempo em Nova York estava sendo tão maravilhoso que não sabia que a saudade era tanta assim. A vida inteira eu morei com eles, por isso passar tanto tempo separado era novidade para mim.

– Então, você é o famoso Mateus? – disse minha mãe, depois de um abraço de cinco minutos em mim, já abraçando e beijando o meu namorado como se o conhecesse há anos. Minha mãe sempre foi assim, extremamente carinhosa.

– E a senhora é a famosa Linda? Ouvi muito falar da senhora.

– Espero que só coisas más! – E ela soltou uma risada alta. – Estou brincando, querido, sou um doce. E para de me chamar de senhora. Adoro que me chamem pelo meu nome: Linda. Sempre que escuto alguém me chamando, me sinto bonita porque acho que alguém está dizendo que eu sou linda. – E soltou outra risada.

– E eu sou o Carlos, Mateus. Bem-vindo à família – disse meu pai abraçando-o também.

Minha família é do tipo que beija e abraça o tempo todo. Talvez por isso eu seja assim também, influência genética. Sou do tipo que sempre tem que ficar pertinho, encostando. Alguns namorados que tive me achavam até meio grudenta. E ainda bem que o Mateus também era assim, até mais do que eu.

– Filha, como você escolheu bem. Que rapaz bonito. Ai, Carlos!
– Minha mãe virou-se para meu pai. – Vamos ter netos tão lindos!

– Ei, calma aí, gente! Vamos desacelerar. Assim vocês assustam o Mateus! – Mas ele já estava rindo da situação.

Durante os dois primeiros meses dos meus pais na Tailândia, eles moraram em um hotel. Minha mãe disse que achou aquilo uma maravilha, já que não precisava arrumar nada, limpar, lavar. Mas, depois de um tempo, a empresa do meu pai alugou uma casa e eles se mudaram. Ficava num bairro residencial calmo e tranquilo, com muito verde e casas simpáticas. Minha mãe adorou a casa e continuou não tendo que arrumar nada porque tinha faxineira. A casa tinha um quê oriental e zen. Acho que eu nunca ficaria estressada ali dentro.

Desfizemos as malas, descansamos do longo voo e fomos jantar no centro da cidade.

A gastronomia tailandesa era deliciosa. Tão diferente do tempero e da simplicidade brasileira e do comodismo e das gorduras do fast-food. Senti que seria muito bem alimentada naqueles dias de férias.

Meu pai tirou uns dias de folga para passear conosco pela cidade e pela região. Bangkok era extremamente diferente do que

eu esperava. Ela tinha a parte antiga, cheia de templos e palácios, e a efervescente parte nova, no melhor estilo Xangai, com muitas construções, luzes, cores e gente diferente. Quase tão cosmopolita quanto Nova York.

Mas as praias eram exatamente como pensei que fossem: paradisíacas e indescritíveis. Phi Phi é, definitivamente, o local mais bonito de todo o Universo. A beleza do lugar era tanta que eu fiquei até sem ar. O Mateus ficou alguns minutos boquiaberto olhando tudo ao redor. Não conseguia imaginar que aquela praia era real, que aquele oceano nos mais diversos tons de verde e azul era natural. Se eu morresse ali, naquele momento, ia para o céu extremamente satisfeita e feliz com a vida que tive.

– Mateus, está decidido. É aqui que eu quero morar o resto da vida.

– Posso vir junto?

– Claro. O que você acha de vendermos coco na praia até ficarmos bem velhinhos?

– Excelente ideia. Mas acho que prefiro ganhar na loteria, largar tudo e vir morar aqui numa mansão, no melhor luxo que existe e tomando água de coco.

– Gostei ainda mais da sua ideia. Deixa Nova York para lá, Phi Phi é o meu novo lugar preferido.

– Seu pai e eu já viemos aqui umas três vezes – comentou minha mãe. – Acho que nunca vou enjoar desse lugar.

– Na verdade, mãe, acho que é impossível enjoar disso aqui.

Pena que aqueles quinze dias se passaram tão rápido. Deu para matar a saudade dos meus pais, visitar alguns dos lugares mais

bonitos da Terra, passar ótimos dias com meu namorado, relaxar do projeto e ainda conhecer uma nova cultura.

Felizmente, meus pais adoraram o Mateus. Tinha como não gostar daquela criatura tão linda, romântica e simpática? Eu estava tão apaixonada por ele que doía.

Eu amava as gêmeas e a Esther, mas passar duas semanas só ele e eu (com meus pais também, mas que não ficavam grudados em nós o tempo todo), sem as nossas queridas e barulhentas adolescentes, fez que ficássemos ainda mais próximos.

Voltamos para Nova York lindos, bronzeados e satisfeitos com a vida. O único momento de tristeza de toda a viagem foi no dia do aniversário de morte do Lucas.

Naquela manhã, quando entrei no quarto, Mateus estava de costas e fungando. Me aproximei por trás e vi que ele estava com uma foto do irmão nas mãos. Nunca o tinha visto, mas eles eram bem parecidos. A diferença eram os olhos pretos e cabelo mais enrolado. Parecia que seus pais tinham usado a mesma forma para os três filhos.

Sem dizer nada, sentei ao seu lado e fiquei ali, de mãos dadas com ele por alguns minutos. Ele chorava igual a uma criança e me abraçou tão forte que pude sentir sua dor. Chorei junto ao pensar no tamanho do sofrimento de alguém que amava tanto.

Depois de liberar as lágrimas que eu acreditava estarem presas há tanto tempo, enxugou os olhos, me abraçou mais uma vez e disse que me amava.

– Obrigado por estar aqui comigo. – Ele acrescentou logo depois.

– De nada. Não faço mais do que a minha obrigação como namorada. Além disso, se você sofre, eu sofro também.

– Sei que você me chamou para essa viagem para que eu não ficasse sozinho no dia de hoje.

– Não posso dizer que um dos motivos não tenha sido esse, mas te convidei porque eu te amo e queria a sua presença aqui. Praias paradisíacas sem você não teriam graça, meu amor. Fico feliz por você ter vindo.

– Fico feliz por você ter me convidado.

Depois disso, ele pareceu melhor. Passeamos o resto do dia. Ele se esforçava ao máximo para ficar normal, mas estava quieto e introspectivo. Eu sabia que ele precisava disso, de “curtir” a sua dor em paz, sem uma namorada chata perguntando o tempo todo “o que você tem?”.

Meus pais entenderam também a situação e deixaram que ficássemos explorando a cidade sozinhos naquele dia. De manhã fizemos compras, fomos a mercados de comida e almoçamos na parte moderna de Bangkok. Passamos a tarde quase toda num parque ecológico, com muitas árvores, lagos e bancos, olhando a vida passar, lendo livros e conversando.

Mateus estava deprimido, é claro, mas acredito que, se ele estivesse em Nova York sozinho, seria terrível. Se fosse em São Paulo, então, nem se fala.

Capítulo 16

O retorno a Nova York nos trouxe de volta à rotina de aulas, projetos e universidade, além de festas, almoços e saídas com as gêmeas, com amigos da NYFA e os vizinhos do Mateus.

Apesar dos poucos meses que estávamos na cidade, conseguimos alguns bons amigos com quem nos divertir. As meninas e eu sentíamos saudades do Juan, afinal ele foi nosso primeiro amigo. Quase nunca ele respondia a e-mails, apesar de ser um gênio da computação, e nem tinha uma conta no Facebook. Eu não sabia qual o problema dele em mandar nem que fosse uma linha escrito "Oi, meninas! Estou vivo e bem".

Numa manhã de agosto, enquanto estava na aula, abri minha caixa de e-mail e vi uma intensa troca de mensagens de madrugada entre o Juan, a Clara e a Mimi:

From: juancanavarros@gmail.com

To: alice_in_wonderland@gmail.com;
clarita_gatita@gmail.com;
mimi_lindinha@gmail.com

iHola, mi corazón!

Que falta eu tenho sentido de vocês!

Pois é, ainda estou na Espanha. Tive que resolver alguns problemas profissionais por aqui.

Hoje vi uma revista de fofocas numa banca e lembrei de vocês. Então resolvi mandar um e-mail só para dizer oi e que acredito que em setembro ou outubro estarei de volta à nossa Big Apple por tempo indeterminado.

Tenho uma fortuna para torrar e esse é o melhor lugar para se fazer isso.

*Besos,
Juan*

P.S.: Por que vocês usam esses e-mails ridículos? No País das Maravilhas, Gatinha e Lindinha? Tenham dó!

From: mimi_lindinha@gmail.com

To: juancanavarros@gmail.com;
alice_in_wonderland@gmail.com;
clarita_gatita@gmail.com

Juanzito!

Até que enfim deu sinal de vida, hein?

*Pensamos que você tinha morrido por aí,
que alguma espanhola tivesse arrebatado o
seu coração ou te sequestrado.*

*NY é o melhor lugar para torrar dinheiro?
Pensei que seria em festas de Ibiza ou Saint-
Tropez.*

*Sentimos a sua falta. Ou, como diria a
Alice, sentimos saudade.*

*Volta logo que queremos olhar seu lindo
corpinho outra vez.*

*Besos,
Mimi*

*P.S.: Nossos e-mails não são ridículos.
São gracinhas!*

From: juancanavarros@gmail.com

*To: mimi_lindinha@gmail.com;
alice_in_wonderland@gmail.com;
clarita_gatita@gmail.com*

Mimi,

São ridículos.

*Se eu tivesse morrido, já teria aparecido
para vocês como fantasma para puxar os seus
pés de noite. E eu nunca me apaixono. Só por
vocês.*

Juan

*P.S.: Ibiza e Saint-Tropez são
superestimadas. NY é mais legal. Fora que lá*

todo mundo sabe quem eu sou e é difícil me divertir anonimamente.

From: clarita_gatita@gmail.com

*To: alice_in_wonderland@gmail.com;
juancanavarros@gmail.com;
mimi_lindinha@gmail.com*

Juan,

Também sentimos sua falta.

Mas nossos e-mails são lindos. Ainda mais o meu, porque eu realmente sou uma gatinha.

Volta logo, seu chato!

*Besos,
Clara*

P.S.1: Coitadinho do pobre rapaz famoso e milionário!

P.S.2: O pedido de casamento que eu fiz para você ainda está de pé. Casa comigo?

From: mimi_lindinha@gmail.com

*To: juancanavarros@gmail.com;
alice_in_wonderland@gmail.com;
clarita_gatita@gmail.com*

Não, casa comigo.

Eu sou a mais bonita das gêmeas.

Mimi

From: clarita_gatita@gmail.com

*To: alice_in_wonderland@gmail.com;
juancanavarros@gmail.com;
mimi_lindinha@gmail.com*

Mimi,

Não se meta.

Esse é assunto apenas do casal.

E é comigo que ele vai se casar.

E você não é a mais bonita das gêmeas.

É a mais gorda!

Clara

From: mimi_lindinha@gmail.com

*To: juancanavarros@gmail.com;
alice_in_wonderland@gmail.com;
clarita_gatita@gmail.com*

*COMO VOCÊ SE ATREVE A ME CHAMAR
DE GORDA?*

E você, que é nariguda?

Mimi

From: clarita_gatita@gmail.com

*To: alice_in_wonderland@gmail.com;
juancanavarros@gmail.com;
mimi_lindinha@gmail.com*

Nariguda, eu?

Nariguda é a sua avó, sua imbecil!

Clarita

From: mimi_lindinha@gmail.com

*To: juancanavarros@gmail.com;
alice_in_wonderland@gmail.com;
clarita_gatita@gmail.com*

A nossa avó é a mesma, sua retardada.

Mimi

From: clarita_gatita@gmail.com

*To: alice_in_wonderland@gmail.com;
juancanavarros@gmail.com;
mimi_lindinha@gmail.com*

Nossa, é mesmo!

E eu amo a vovó. Ela não é nariguda.

Retiro o que disse.

Sem falar que nosso nariz é o mesmo.

Mas você está mais gorda do que eu.

Clara

From: mimi_lindinha@gmail.com

*To: juancanavarros@gmail.com;
alice_in_wonderland@gmail.com;
clarita_gatita@gmail.com*

Acho que assustamos o Juan.

Juan, cadê você?

Mimi

From: juancanavarros@gmail.com

*To: mimi_lindinha@gmail.com;
alice_in_wonderland@gmail.com;
clarita_gatita@gmail.com*

Estou aqui, meninas, rindo muito da discussão de vocês.

Não se preocupem, se um dia eu me casar, caso com vocês três.

Como tenho muito dinheiro e não preciso trabalhar, levo vocês para um país onde a poligamia é permitida. Combinado?

Por falar nisso, cadê a Alice?

Juan

From: clarita_gatita@gmail.com

*To: alice_in_wonderland@gmail.com;
juancanavarros@gmail.com;
mimi_lindinha@gmail.com*

Juan,

Ela deve estar dormindo.

Esqueceu que por causa do fuso horário aqui são três da manhã?

Clara

From: juancanavarros@gmail.com

*To: mimi_lindinha@gmail.com;
alice_in_wonderland@gmail.com;
clarita_gatita@gmail.com*

E o que as duas senhoritas estão fazendo acordadas?

Juan

From: mimi_lindinha@gmail.com

*To: juancanavarros@gmail.com;
alice_in_wonderland@gmail.com;
clarita_gatita@gmail.com*

Acabamos de chegar de uma festa.

NY é a cidade que nunca dorme, querido.

*Mas acho melhor irmos dormir agora.
Preciso acordar meio cedo para ligar para a escola, fingir que estou doente e voltar a dormir.*

Boa noite, Juan. Volta logo!

Clara, estou indo aí no seu quarto pegar um travesseiro, tá?

Mimi

From: clarita_gatita@gmail.com

*To: alice_in_wonderland@gmail.com;
juancanavarros@gmail.com;
mimi_lindinha@gmail.com*

Nem vem, Mimi.

Esses travesseiros são meus. Você tem três aí no seu quarto.

Boa noite, Juan! Bons sonhos, corazón.

*Besos,
Clara*

From: mimi_lindinha@gmail.com

*To: juancanavarros@gmail.com;
alice_in_wonderland@gmail.com;
clarita_gatita@gmail.com*

Clara,

Não discute. Estou indo aí roubar um travesseiro.

Mimi

From: juancanavarros@gmail.com

*To: mimi_lindinha@gmail.com;
alice_in_wonderland@gmail.com;
clarita_gatita@gmail.com*

Se vocês estão debaixo do mesmo teto, na mesma casa, não discutam por e-mail. Vão gritar uma na cara da outra mesmo. E se tiver briga de travesseiro, filmem e me mandem o vídeo.

Boa noite, meninas!

Boa noite, Alice!

Juan

Ri tanto dessa troca insana de e-mails que o professor chamou minha atenção e o Mateus me perguntou se eu estava bem. Chegou minha vez de responder:

From: alice_in_wonderland@gmail.com

*To: juancanavarros@gmail.com;
mimi_lindinha@gmail.com;
clarita_gatita@gmail.com*

Juan,

Estamos felizes por saber que logo você estará de volta. As gêmeas ficam muito mais civilizadas quando estão perto de você.

E que história é essa de poligamia? Não sou mulher de dividir homem, não. Quero exclusividade total, meu bem! E quero morar ou em Paris ou em Roma ou em Atenas.

Mimi e Clara,

Parem de xingar uma a outra usando defeitos físicos. Não sei se vocês se lembram, mas as duas são idênticas.

Enfim, tenho sentido muita saudade de sairmos nós quatro e nos divertimos bastante.

*Beijos,
Alice*

P.S.1: Meu e-mail é ridículo, mas é pessoal. O meu e-mail de "gente grande" é alice.polleto@gmail.com.

P.S.2: Juan, acho que você nunca mandou tantos e-mails na sua vida como hoje, hein?

P.S.3: Dei gargalhadas com os e-mails de vocês três.

Menos de um minuto depois, veio a resposta do Juan. Apenas para mim.

From: juancanavarros@gmail.com

To: alice_in_wonderland@gmail.com

Alice,

Se você realmente quiser, eu caso só com você.

E te levo para qualquer lugar do mundo.

Como você diz em português: saudades!

*Besos,
Juan*

Isso foi realmente estranho. Resposta só para mim? É impressão minha ou isso foi praticamente uma declaração de amor? Não, o Juan devia estar brincando. Ele sempre estava brincando. Além do mais, ele é o típico homem que quebra corações de

mulheres, que nunca se apaixona, que só curte o momento. E não gostaria de mim nesse sentido. Isso foi coisa da minha cabeça.

Na hora do intervalo, enquanto comíamos, o Mateus me perguntou:

– Do que você ria tanto na aula?

– Ah, de uma troca de e-mails entre as gêmeas e o Juan.

– Ah... – E ficou sério.

– O que foi? Que cara é essa?

– Nada. É só que... Sei lá, você fica alegriinha todas as vezes que fala desse tal de Juan.

– Mateus, você está com ciúme?

– Não, claro que não. – Fez uma pausa, suspirou e completou: – Bom, talvez esteja.

– Não precisa, seu bobo. Ele é meu amigo, só isso. Foi um dos primeiros amigos que eu tive aqui em Nova York.

– Mas você já ficou com ele?

Opa! A conversa tomou um rumo que eu não gostaria.

– Já...

– Uma vez?

– Algumas vezes. Mas que diferença isso faz? – declarei, tentando me justificar.

– Então como não ficar com ciúme? Ainda mais porque, pelo que a Clara e a Mimi falam, ele é muito bonito.

– É sério, Mateus, não precisa ter ciúme. Eu amo você! Além disso, foi só por diversão. Estava num momento ruim, me sentindo péssima com toda aquela história de Corna do Ano, e um cara bonito, rico e desejado por todas me quis, então...

– Rico, bonito e desejado? – ele perguntou com os olhos ligeiramente arregalados.

Ih, falei demais. Falei sem pensar.

– É que o Juan é uma espécie de gênio de computadores. Vendeu uma empresa por alguns milhões. É um dos solteiros mais desejados da Espanha.

– Difícil concorrer com ele, hein?

– Não precisa concorrer. Já fiz minha escolha. Mesmo antes de conhecer você, eu já não queria nada sério com ele. Sabia que não ia dar em nada. Aí você apareceu. E eu não queria nada com você também, porque, bonito desse jeito e com essa personalidade irritante, com certeza também era um grande avassalador de corações. Mas você me fez mudar de opinião e eu sei agora que nunca me magoaria. Não fica pensando besteira, tá? Eu te amo.

E com isso encerramos a discussão, voltamos para a aula e o resto do dia correu bem.

Capítulo 17

Certa tarde no final de agosto, depois de ter andado pela cidade com o Mateus fazendo o nosso projeto, fui para casa sozinha. Mateus ainda tinha que terminar uns trabalhos e ajudar a irmã nos dela. Para não atrapalhar, voltei ao apartamento.

Assim que cheguei à porta, percebi que tinha algo estranho. Estava destrancado e eu tinha certeza absoluta que havia passado a chave de manhã. Antes de entrar, mandei uma mensagem de emergência para o Mateus: "Se eu não der sinal de vida em dez minutos, chame a polícia".

Entrei pé ante pé na sala. A cozinha estava toda bagunçada e havia várias revistas espalhadas pelo chão. Tremendo de medo, fui até a bancada e peguei uma frigideira. Se ainda tivesse alguém dentro do apartamento, eu estava armada.

Enquanto olhava ao redor procurando o suposto bandido, meu celular tocou. Alto. Era o Mateus. Dei um pulo de um metro de tanto

susto que levei. Enquanto atendia, procurei um lugar para me esconder.

– Alice, que mensagem foi aquela? Quer me matar de preocupação? – ele quase gritava.

– Mateus – eu estava sussurrando –, acho que tem algum ladrão aqui em casa. A porta estava destrancada e tudo está revirado.

– E onde você está agora?

– Escondida atrás do sofá. O meu telefone tocou tão alto que devo ter assustado o bandido!

– Você entrou mesmo achando que tinha um ladrão aí? Você é louca? – ele esbravejou dessa vez. Até tive que afastar o fone do ouvido.

– Não pensei na hora. Foi impulso! Eu sei que isso não foi inteligente e agora estou arrependida. Ai, Mateus! E se for um daqueles americanos malucos que vai me levar para um porão no estilo do filme *Jogos Mortais*? – Eu já estava choramingando. – Não funciona sob pressão! Seria terrível sob tortura! Contaria até os meus segredos mais obscuros. O que eu faço? O que eu faço? Ai, meu Deus, eu vou morrer aqui!

– Calma, meu amor! Estou indo praí. Tenta sair sem ser vista e fica lá embaixo com o porteiro.

– Tá. Vou fazer isso.

– Toma cuidado! E... eu te amo!

– Não fala isso!

– Por que não? Não posso dizer que te amo?

– Pode. Mas num momento de tensão como esse parece que você está se despedindo de mim para sempre. Como se estivesse falando isso porque pensou: “Vai que ela morre”.

– Claro que não. Falei para te acalmar.

– Não funcionou. Estou mais apavorada agora achando que a morte é iminente.

– Você não vai morrer.

– Espero que não mesmo, mas agora estou tremendo de medo. Mal consigo segurar o celular de tanto que tremo. Vem logo! Beijo.

– Beijo. Me mantenha informado.

Ele desligou e agora eu estava por minha conta. A porta estava longe e eu não ficaria protegida se saísse correndo para lá. Mas não podia ficar escondida atrás do sofá para sempre. E se o Mateus chegasse e eu ainda estivesse ali, era capaz de ele mesmo me matar. Era bem o “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”.

Levantando bem devagar minha cabeça, olhei para um lado e para o outro. Ninguém à vista e estava tudo bem silencioso. Resolvi que esse era o momento oportuno e saí correndo em disparada para o hall de entrada. Quando estava quase chegando lá, escutei uma voz dizendo:

– Alice! Pare! Por que você está correndo?

Ai, meu Deus! O bandido sabia até meu nome. Deve ter pesquisado a minha vida na internet e agora queria fazer algo comigo, como vender o meu rim no mercado negro ou me transformar numa escrava num pequeno país esquecido do Leste Europeu. Enquanto terminava de correr os metros que me

separavam da porta e lamentava o meu futuro breve e infeliz, percebi que a voz era feminina.

Arrisquei uma olhada para trás e dei de cara com uma mulher que eu nunca vira ao vivo, mas tinha certeza que conhecia aqueles olhos grandes e o sorriso. Era a tia Wanda.

No mesmo instante, parei de correr e fui em sua direção.

– Tia Wanda! Que bom que você está aqui. – Cheguei até onde ela estava e nos abraçamos. Apesar de ser a primeira vez que me encontrava com ela, senti que era realmente como uma tia. Aquela tia legal, *cool*, que é mais louca que você e com quem se pode conversar sobre tudo.

– Oi, querida! Esqueci de te avisar que eu estava vindo para a cidade. Por que você está com uma frigideira na mão?

– Ah... – Tinha me esquecido disso. Percebi o quanto eu parecia ridícula armada com uma inofensiva frigideira. – Não sabia que era você quem estava em casa e peguei isso para usar como arma, caso fosse um criminoso.

– Uma frigideira? Você faria estrago maior com uma faca ou mesmo uma tesoura de frango.

Como eu era burra. Entrei num apartamento que achei que tinha um bandido e ainda por cima queria me defender com uma panela. Por que eu sempre escolhia utensílios da cozinha para usar como arma? Ainda não sabia como os meus pais tiveram coragem de deixar uma inconsequente como eu viajar sozinha.

– Venha! Pedi para Margareth fazer um lanche da tarde para nós e servir lá no terraço – disse tia Wanda.

– Quem é Margareth?

– A minha cozinheira particular. Não vivo sem ela. Levo-a para todas as partes do mundo. Em alguns países a comida é particularmente ruim. Fora que eu nem sei fritar um ovo! Olha o estado dessa cozinha. A Margareth teve que dar uma saída para o supermercado e eu fiquei com fome. Tentei me aventurar na gastronomia, mas não deu muito certo, como você pode perceber...

– Sei como se sente – respondi. – Eu também era assim. Fiz um curso de culinária aqui e agora sei fazer o básico. Menos mal.

– Ainda bem que não preciso me preocupar com isso. Se dependesse das minhas habilidades culinárias, passaria fome ou viveria de fast-food, o que não seria legal, porque engordaria muito. – Fazendo uma pausa, ela continuou: – Vem, Alice, quando o lanche estiver pronto, a Margareth levará para nós. Vamos aproveitar o dia lindo que está lá fora e olhar de cima essa cidade que eu tanto gosto.

O terraço era um dos meus locais preferidos da casa, ainda mais na primavera e no verão. Várias noites Mateus e eu deitávamos lá nos sofás e ficávamos horas conversando, olhando as poucas estrelas que surgem num céu de uma cidade tão grande e iluminada como Nova York. E claro que nos agarrávamos muito também. Aquele lugar tinha todo um clima romântico. Era impossível não se envolver.

– E então, está gostando de Nova York? – Tia Wanda me perguntou quando sentamos à mesinha de ferro batido que ficava perto da bancada. A vista ali era estonteante.

– Tem como não amar? – Eu estava com aquele olhar sonhador que me invadia sempre que eu falava sobre a cidade.

– E do apartamento?

– Tem como não me apaixonar loucamente? – sorri para ela. – Obrigada por me deixar ficar aqui. Eu realmente amo a sua casa. Tudo nela me deixa feliz.

– Que bom, minha querida! Pelo menos alguém tem que morar aqui, já que eu quase não paro em lugar nenhum.

Nesse momento, Margareth chegou com uma bandeja cheia de comida e chás gelados. Tudo parecia realmente delicioso. E, quando provei, realmente constatei que estava mais do que delicioso. Ela se apresentou. Era mais ou menos da idade da tia Wanda, uns quarenta e poucos anos, cabelos loiros presos num coque, olhos bem pretos, bochechas rosadas e roupas descoladas.

– Tia Wanda, você tem razão em levar a Margareth para todos os lugares! A sua comida é sensacional! – acrescentei olhando para a cozinheira

Margareth se sentou à mesa junto conosco.

– Mais do que minha cozinheira, a Margareth é minha amiga, minha companhia. Eu simplesmente pago a ela para fazer a comida. Não vejo como uma funcionária ou algo assim.

– No início eu achava isso muito estranho – comentou Margareth. – Ela era minha patroa. Mas, com o tempo, vi que com a Wanda as coisas não eram assim tão sérias e formais. No final das contas, ela é a minha melhor amiga.

Ficamos conversando como se fôssemos amigas há muito tempo. De repente, irromperam pela escada de acesso ao terraço o Mateus e o Mr. Collins, nosso porteiro quase idoso. Ele estava vermelho e com a respiração rápida.

– Mr. Collins! Há quanto tempo! – cumprimentou tia Wanda em inglês. – E quem é esse rapaz lindo?

– Mateus!

– Alice! O que aconteceu? Meu Deus! Eu estava preocupadíssimo. Você não atendeu mais meus telefonemas e eu pensei que você tinha sido sequestrada ou algo do tipo. Até chamei o Mr. Collins para me ajudar a ver se você estava bem.

E eu vi que ele realmente tinha ficado preocupado, desesperado. Ele correu a distância que estava entre nós e me abraçou, me agarrou, me beijou com força e vontade. Como se não me visse há meses.

– Me desculpe! Me desculpe! – eu dizia entre beijos apaixonados.

– O importante é que você está bem.

– Eu sou tão irresponsável!

– Você é uma louca!

– Eu não devia ter feito isso!

– Pensei que realmente tinha sido a última vez em que eu dizia que te amava.

– Ai, Mateus, eu te amo tanto!

– Ah, o amor jovem... – disse tia Wanda.

Opa! Eu tinha esquecido que havia mais pessoas ali. Fiquei tão envolvida e emocionada com a demonstração de amor do Mateus que acabei apagando da mente que tinha mais gente.

Olhei para o Mr. Collins e ele estava envergonhado olhando para cima, nos evitando. Tia Wanda e Margareth nos olhavam divertidas.

Me recompondo, arrumando as roupas que ficaram amassadas e o cabelo que despenteou, me soltei do Mateus e disse outra vez.

– Me desculpe! Não era um ladrão, era a tia Wanda! Quando vi que era ela quem estava no apartamento, acabei me esquecendo de te ligar para explicar. Deixei meu celular lá embaixo.

– Fiquei desesperado pensando que tinha acontecido alguma coisa, ainda mais depois que cheguei pelo elevador e vi a porta do apartamento escancarada.

– Mateus, essa é a tia Wanda e a Margareth.

– Muito prazer. – Ele estendeu a mão para as duas, mas tia Wanda levantou-se e o puxou para um abraço.

– Oi, meu bem! Prazer! Que lindo você é. Deixe de formalidades, eu sou brasileira, gosto de beijos e abraços. Por falar nisso... – Virou-se para o Mr. Collins e disse em inglês: – Me desculpe o transtorno. Está tudo bem, foi apenas um mal-entendido.

– Ok, senhora – ele respondeu.

– Quantas vezes eu já te disse para não me chamar de senhora, Mr. Collins?

– Umas duzentas vezes. – E ele sorriu, virou-se e voltou para a portaria.

– Americanos são tão frios, né? – Margareth comentou. – Ele ficou morrendo de vergonha por ver vocês dois se beijando.

– Ah... – O Mateus ficou corado. – Me desculpem por aquilo. É que eu estava realmente preocupado com ela e foi um alívio ver que estava tudo bem.

– Não se preocupe, querido. Eu também tenho sangue quente! Sente-se conosco para um lanche – pediu tia Wanda.

Com o susto passado, o resto da tarde foi tranquilo e divertido. Tia Wanda nos contava histórias hilárias da sua vida. Uma vez, no Egito, um homem tentou comprá-la por duzentos camelos. No Japão, estava perdida, não sabia falar nem inglês nem japonês, por isso teve que dormir na rua. Em Ibiza estava dirigindo o seu iate bêbada, o bateu e ele afundou, mas ninguém se machucou. Em Cannes tentou beijar o Johnny Depp, que estava hospedado no seu hotel, mas, como ainda era casado, a sua esposa tentou bater nela. E muito mais. Ela era engraçadíssima e de bem com a vida. Falou sobre seus amores e sua nova aquisição: a ilha na Grécia (que ela tanto queria e que contou para mim no bilhete de boas-vindas).

– Ela é bem pequena, mas quem se importa? É uma ilha grega! Podia até ter cinco metros quadrados que eu ia amar.

Tia Wanda ia passar duas ou três semanas em Nova York. Disse que tinha alguns assuntos administrativos “insuportavelmente chatos” para resolver e que só vinha a pedidos suplicantes de seu advogado porque ele era muito bonito.

– De vez em quando, é tão chato ter que administrar uma herança – disse ela rindo em várias ocasiões.

– Tenho pena de você! – respondia sempre que ela dizia isso.

O período em que ela esteve na cidade foi ótimo. Saímos quase todas as noites. Fomos a muitos restaurantes, festas badaladas e shows da Broadway. O nome e o dinheiro da tia Wanda nos davam acesso a tudo e a todos. Tanto que ela era muito amiga do cantor Jon Bon Jovi, por quem eu era levemente apaixonada.

– Quando nos conhecemos, tivemos um caso de amor. Mas ele tinha casos de amor com várias mulheres ao mesmo tempo, então acabamos sendo só amigos. Ele é ótimo! Você vai adorar conhecê-lo.

E eu o conheci. Quase enfartei quando isso aconteceu. Era fã dele havia anos. Certa vez fui a um show dele em São Paulo, mas fiquei bem longe do palco, via mais o telão do que ele propriamente. Em Nova York, tia Wanda, Margareth, Mateus e eu, além de alguns amigos delas, fomos jantar certa noite num restaurante no Soho. Depois de algumas garrafas de vinho e muitas risadas, Jon Bon Jovi entrou no local. Tia Wanda na mesma hora se levantou e foi ao seu encontro.

– Jon, querido! Há quanto tempo não te vejo.

E abraçou e beijou o cantor.

– Wanda! Já se passaram meses. Como você me deixa assim sem notícias? Meu coração fica despedaçado quando você faz isso. – E fez um gesto no peito como quem está com dor.

– Ah, andei muito ocupada passeando por aí, torrando dinheiro a rodos. Quando estava em Londres, no mês passado, fui a um show seu, mas não me deixaram entrar no camarim.

– Me fala quem fez isso com você que eu mando demitir.

– Ai, Jon, não precisa. Não estava com tanta saudade assim de você.

– Não me diga isso que você acaba comigo.

– Bobinho! Ah, venha aqui, quero te apresentar uma pessoa.

Ela o pegou pelo braço e o levou até onde estávamos sentados.

– Jon, estes são meus amigos, mas quero te apresentar alguém em especial. Esta é a Alice. – E ela me puxou pelo ombro para que eu ficasse de pé. – Ela já é quase minha sobrinha, e sua fã, queria muito te conhecer.

– Prazer, Alice! – E Jon Bon Jovi me abraçou. O. Jon. Bon. Jovi. Me. Abraçou.

– Prazer, Bon Jovi! Você é lindo! Sou sua fã. Canta para mim? Te adoro! Ai, meu Deus! Eu não consigo parar de falar! Por que eu não calo a boca? – Eu escutava a risada do Mateus no fundo. Ele, Bon Jovi e o restaurante inteiro deviam estar me achando uma imbecil.

– Claro que eu canto. – Ele estava rindo da minha reação, apesar de provavelmente já estar acostumado com mulheres loucas assim perto dele. – Mas só porque você é sobrinha da Wanda. Qual música?

– *Have a Nice Day*. Não, *Missunderstood*. Não, *This A'int a Love Song*. Quer dizer, *It's my Life*. Não consigo decidir. Ok, então canta *Always*, a mais clássica.

Ele deu aquele sorriso de parar o coração por alguns segundos e cantou para mim, no meio do restaurante do Soho. Fiquei tão mole e emocionada com aquilo tudo que as minhas pernas ficaram bambas. Me conhecendo muito bem, o Mateus percebeu que eu ia cair e senti que ele me segurou pelas costas.

– Bom, tenho que ir – disse o Bon Jovi depois que terminou um trecho da música. – Uns amigos estão me esperando ali na outra mesa. Alice, foi um prazer. – E pegou uma das minhas mãos e beijou. Eu quase desmaiei. – Wanda, me ligue esta semana. Estarei na cidade, querida. Quero te ver e sentar para conversar.

Quando o Jon Bon Jovi se foi, fiquei parada em estado de choque suspirando. Mateus parou do meu lado, me abraçou pelos ombros e disse:

– Não é por nada, não, mas esse cara é bonito mesmo.

– Ai, estou apaixonada!

– Pelo bem do nosso relacionamento, vou fingir que não escutei isso, Alice – ele disse com uma vez superséria, mas estava sorrindo. Voltamos a nos sentar.

– Alice – me chamou tia Wanda –, ano passado, enquanto estava sofrendo toda aquela história do Rap da Corna, você conseguiria imaginar a guinada que sua vida ia dar este ano? Que estaria aqui, com um namorado lindo, conhecendo o Bon Jovi e morando no meu apartamento?

– Nem em um milhão de anos – respondi.

– Ei, eu sabia que te conhecia de algum lugar. Você é a famosa Alice do Rap? – perguntou um dos amigos da tia Wanda, que era brasileiro. – Caramba! Esse vídeo é ótimo.

Ele pegou seu celular, acessou o vídeo e mostrou para o resto da mesa. Em qualquer outra hora da minha vida, estaria furiosa com esse homem, mas eu tinha tido um momento sublime ao lado do Bon Jovi, então resolvi relevar e fingir que não era sobre mim que eles falavam.

Capítulo 18

Já era meio de setembro quando a tia Wanda foi embora. A vida voltou à rotina normal – não que isso fosse ruim. Sair todas as noites estava nos deixando cansados e com sono nas aulas, mas era muito divertido. Ia sentir muita falta dela. Ela era muito vivaz e feliz. Não tinha como não se contagiar com a sua presença marcante e elétrica.

No final do mês, o clima já começava a mudar. As noites já estavam ficando frias, apesar dos dias quentes. Era o outono que chegava de mansinho.

Outubro e novembro se foram. Estávamos trabalhando como loucos no nosso projeto que nem víamos o tempo passar. Nossa estada em Nova York estava chegando ao fim, o que me animava e me deprimia. Animava porque era sempre bom voltar para casa, apesar de eu já ter Nova York como lar. E era bom saber que tudo tinha corrido muito bem, melhor do que poderia imaginar. Mas era triste deixar tudo aquilo para trás e saber que o Mateus e eu nem ao

menos morávamos na mesma cidade no Brasil. Bom, daríamos um jeito quando voltássemos. A hora para se preocupar com isso ainda não era essa.

Na segunda semana de dezembro, Mateus teve que viajar. Seus pais estavam em Los Angeles para uma conferência de trabalho, e ele e a irmã aproveitaram a oportunidade para visitá-los. Não os viam desde dezembro do ano anterior, então foram se encontrar. Fiquei de ir tocando o final do projeto sozinha enquanto isso. Faltavam poucas coisas, mais detalhes do que algo realmente complicado.

Antes de viajar, nós estávamos conversando uma noite na cama, olhando para o teto, abraçados.

– Sinto muita falta dos meus pais – ele disse. – Mas tenho medo de encontrá-los, principalmente minha mãe.

– Por quê?

– Porque tenho receio de que eles não tenham superado a morte do Lucas, pelo menos um pouco. E o pior é que eu sei que tudo isso é culpa minha. A tristeza deles foi fruto dos meus atos, da minha irresponsabilidade.

– Claro que não, meu amor. – Dei um beijo em sua testa em sinal de tranquilidade. – Eu já te disse milhares de vezes que tudo isso foi um acidente. A culpa não foi sua nem de ninguém. Foi uma fatalidade. Seus pais te amam muito, você sabe disso. Não deve ficar se martirizando desse jeito.

– Será que a minha mãe ainda me ama? – Senti que o seu tom de voz ficou sombrio.

– Primeiro: é claro que ama, ela é sua mãe. Deve ser a pessoa que mais te ama no mundo, independentemente de qualquer coisa

ruim ou boa que você fizer na vida. Segundo – acrescentei com o tom de voz divertido, decidida a fazê-lo rir –: você mesmo me disse várias vezes antes de namorarmos que era impossível resistir a você e a não te amar. Então, acho que ela te ama, sim.

Fiquei por cima dele dando beijos rápidos e alegres por todo o seu rosto. Ele me virou contra o colchão, ficando por cima (os treinos de MMA faziam-no sempre ser mais rápido, esperto e habilidoso do que eu). Imprensando-me, ele começou a rir e a me beijar, com a tristeza e o mau humor já longe dos seus olhos.

– E você me ama desde que eu apertei a sua bunda na Times Square.

– Na verdade, um pouco depois disso.

– E vai me amar até quando?

– Bom, não acho que tenha um prazo de validade. Quem sabe seja por toda a vida.

– Ótimo. – Ele me beijou nos lábios rapidamente e olhou sério para mim. – Eu não tenho a intenção de que seja algo menos do que isso.

Ele me beijou com amor e delicadeza, mas logo se transformou em algo ávido, faminto, rápido e nos entregamos às sensações e sentimentos por um longo tempo, até quase o amanhecer.

No outro dia, ele e Esther foram para Los Angeles e eu fiquei sozinha com as gêmeas de novo. Era estranho não ter a presença dele. Praticamente desde o dia 1o de janeiro o vi diariamente. Só uns poucos dias que não, quando eu tentava evitá-lo (fracassadamente) na NYFA. Ser da mesma sala, além de namorar, fez que fôssemos presença constante um na vida do outro. No início, eu pensava que eventualmente íamos enjoar um da cara do outro,

mas, felizmente, isso não aconteceu. Pelo contrário, a vontade de ficarmos juntos só crescia a cada momento. Por isso quando ele se foi, senti um aperto no peito. Era saudade por antecipação.

Naquele dia específico estava sozinha. As gêmeas não podiam me encontrar, o Mateus viajando e a tia Wanda em algum lugar do mundo aproveitando a vida. Senti solidão, o que não acontecia havia muito tempo. Mas, tudo bem, eu não ia morrer por causa disso. Um pouco de melancolia de vez em quando não faz mal. Para me sentir rodeada de pessoas, liguei várias luzes do apartamento, coloquei música na maior altura e liguei as televisões. Era uma mera ilusão, mas me senti um pouco melhor.

Enquanto tentava fingir que não estava sozinha e dançava pela sala e ao redor da bancada da cozinha, meu telefone tocou. Não conhecia o número, mas atendi mesmo assim.

– Alô?

– *Hola! Alice, soy yo, Juan!* – Sua voz soava alegre e divertida, como sempre. O sotaque espanhol estava mais carregado do que nunca.

– Juan! Que saudade! Que número é esse? Cadê o seu antigo?

– Aquele meu telefone caiu no mar num dia em que estava andando de *jet ski* em algum lugar da Europa. Tive que arrumar um novo.

– Sua vida sempre me parece tão chata – eu disse com falso tédio na voz. – Mas, e aí, como você está?

– Lindo, mais rico e charmoso e de volta à cidade.

– Finalmente! Pensei que eu ia voltar para o Brasil e você ainda não ia ter chegado da Espanha!

- Se isso tivesse acontecido, eu teria ido ao Brasil só para te ver.
- Galanteador como sempre. Você não presta, sabia?
- E então, o que está fazendo, querida?
- Agora? Nada. Na verdade, curtindo uma solidão – respondi um tanto infeliz.
- Quer dar uma volta? Nova York clama pela minha presença!
- Ah, não sei, está tarde e tão frio. Já estou até de pijama.
- Não aceito desculpas. Não te vejo há meses. Na verdade, há quase um ano. Arrume-se, coloque uma roupa bem bonita e bem quente que daqui a pouco estou passando aí para te pegar.
- Você faz tanta questão assim? Não pode ser amanhã?
- Sim, faço muita questão e quero sair hoje. Ainda são nove horas da noite, sua velha. Pare de reclamar e vista-se. Já estou chegando.

Quando comecei a me aprontar, me senti um pouco desanimada, mas foi passando. Afinal de contas, eu não queria companhia? E era o Juan, meu amigo que eu não via fazia tanto tempo e de quem eu morria de saudade.

Me senti um pouco culpada, pois sabia que o Mateus não gostava muito do Juan. Então, resolvi ligar para ele, para pelo menos avisar que estava saindo, mas o seu celular estava desligado; ainda devia estar dentro do avião.

Quase uma hora depois, o Juan apareceu. Céus! Tinha esquecido como ele era bonito! Bom, não tanto quanto o Mateus, mas muito bonito.

– Minha pequena! Como senti a sua falta! – Ele me deu um abraço de urso me tirando do chão. Isso para ele era fácil, pois tinha no mínimo uns 20 centímetros a mais do que eu e era bem forte.

– Juan! Nunca mais fique tanto tempo sem aparecer ou dar notícias. Assim você mata a gente de saudade. – Olhei para os lados e percebi que ele estava sozinho. – Por falar nisso, cadê as gêmeas?

– Não sei – ele deu de ombros.

– Você não ligou para elas?

– Não.

– Por quê?

– Porque eu queria ver só você...

Opa! Peraí! Tinha alguma coisa de errado nisso. Começando a me sentir acuada, falei:

– Mas nós somos um quarteto, sempre juntos. Não vale quando tem menos de nós.

– Alice, larga de frescura. Agora já não dá mais tempo de ligar para elas, que estão quase do outro lado da ilha. Amanhã as chamamos para fazer algo. Você vai ter que aceitar que por hoje somos só nós dois. – E me pegou pelo braço, puxando para fora do apartamento e entrando no elevador.

Por causa da época do ano, já estava tremendamente frio. Apesar do meu casaco, Juan passou os braços ao meu redor para me esquentar. Como ele sempre fez isso, sempre muito gentil, não me importei, não vi segundas intenções no seu gesto.

Fomos até um bistrô de comida italiana a mais ou menos um quilômetro do apartamento da tia Wanda. Mesmo com o vento,

fomos andando.

O ambiente era um tanto romântico, mal iluminado e à luz de velas. Fora que, não sei por que, comida italiana em si é romântica. Tentei ignorar tudo isso, pois eu não sentia nada por ele e acreditava que a recíproca era a mesma. Tentei relaxar e conversar com o Juan como sempre fizemos, como amigos, sem pressões, sem incômodos.

Lasanha vai, lasanha vem, taças de vinho enchendo e esvaziando. O mal-estar que eu sentia passou e nós dois ríamos muito. Ficamos cerca de duas horas no restaurante. Algumas pessoas passavam por nós e nos olhavam e encaravam, e achei aquilo esquisito nas primeiras vezes. Quando começou a acontecer repetidamente, tive que expressar o meu desconforto.

– Juan, estou com uma sensação estranha. Parece que estamos sendo observados.

– Impressão sua.

– Então, por que as pessoas estão olhando para nós quando passam?

– Porque eu sou lindo, ora essa! – E soltou uma gargalhada alta que fez as pessoas ao nosso redor olharem em nossa direção. Eu não resisti e ri junto. Então, olhando mais sério, esticando a sua mão e pegando a minha, ele completou: – E porque você é maravilhosa. Linda é pouco para te descrever. – Dito isso, plantou um beijo na palma da minha mão.

Que história era essa? Ele nunca falava assim comigo, nem quando tínhamos aquele quase relacionamento. Então, por que agora? Fingi que não percebi que ele olhava fixamente para os meus lábios, querendo me beijar. Retirei as minhas mãos das suas, me levantei e fui ao banheiro. Enquanto estava lá, pensava que o Juan

estava demonstrando interesse demais por mim. Precisava dar um jeito de afastá-lo. Para começar, não sairia mais sozinha com ele e, assim que o Mateus voltasse, ia apresentá-los. Quem sabe assim o Juan perceberia que eu não queria mais nada com ele e o Mateus perceberia que não havia motivos para sentir ciúme.

Quando voltei, comemos a sobremesa e nos levantamos para ir embora. Assim que me afastei da minha cadeira, ele foi para o meu lado para que andássemos juntos de volta para casa.

Enquanto caminhava, passamos por uma loja com um vestido bonito na vitrine. Me distraí e parei para olhar melhor. Quando estava satisfeita pensando *amanhã de manhã venho aqui para experimentar*, virei o rosto de volta em direção ao Juan. Como antes estava de costas para ele e encantada com o vestido, nem percebi sua proximidade iminente. Antes que eu pudesse reagir, passou um braço na minha cintura, a outra mão foi para o meu pescoço e ele me beijou.

No susto, arregalei os olhos, fechei a boca e tentei me afastar dele.

– Ah, Alice! Como eu queria te beijar de novo.

– Não, Juan. – E tentei me afastar dele educadamente. Mas ele não me soltou.

– Entregue-se ao nosso sentimento...

– Juan, você está confundindo as coisas, não tem sentimento. Me solte, por favor.

– Eu sei, antes não tinha sentimento, pelo menos não da minha parte. Mas agora eu te quero! – E tentou me beijar de novo.

– Juan, para com isso! – Eu estava praticamente gritando.

– Não se faça de difícil, *corazón*. Eu sei que você também quer.
– Ele ainda não tinha me soltado, e como eu tinha afastado o rosto, ele agora beijava o meu pescoço.

– Juan, eu tenho namorado. – Isso o fez parar e se afastar um pouco.

– O quê? Desde quando?

– Logo depois que você foi embora – esclareci.

– Mas você nunca me disse! – Ele franzia a sobrancelha.

– Disse, sim, em vários e-mails que eu te mandei. Aos que você, diga-se de passagem, não me respondeu.

– Ah... Eu não sou de olhar e-mails nunca. Acho que não vi esses. Tinha tanta propaganda e porcaria na minha caixa de entrada quando eu finalmente a abri que selecionei tudo e apaguei. Esses devem ter ido junto.

– Pois é. – Me afastei dos braços dele.

– *Corazón*, me desculpa. Se eu soubesse que você estava namorando, nunca teria tentado te beijar.

– Tentado não. Você conseguiu me beijar, mesmo com os meus protestos.

– Desculpa mesmo. Pensei que você só estava se fazendo de difícil.

– Tudo bem, Juan. Você não sabia.

– Estou perdoado, então? – E ele abriu um sorriso para mim.

– Está sim.

– Amigos? – Ele me estendeu a mão em sinal de paz.

– Amigos – respondi e apertei sua mão.

– Amigos mesmo eu estando apaixonado por você?

– Você está apaixonado por mim? Ah, conta outra! Pensei que Juan Canavarros nunca se apaixonasse!

– E eu nunca me apaixono. Não sei o que deu em mim, *corazón*. – Ele me deu o braço, que eu aceitei, já que esse tipo de contato físico era inocente, e fomos andando pela rua de volta ao meu apartamento. – É que você é diferente. Gostou de mim mesmo antes de saber que eu era milionário.

Como o clima entre nós já estava mais leve, me permiti fazer piada sobre o assunto.

– Se eu soubesse, tinha dado um jeito de engravidar e de casar com você. Aí eu receberia uma pensão bem alta e seria feliz para sempre rodeada de iates, bolsas Louis Vuitton e sapatos Christian Louboutin... – respondi, dando risada com um falso olhar de sonhadora. – Ah, o sonho de toda mulher!

– Poxa! Se isso tivesse acontecido, você não estaria namorando e seria só minha. Não te daria pensão.

– Não? Não sei na Espanha, mas no Brasil não pagar pensão dá cadeia, viu? Mesmo para homens milionários como você.

– Você não me entendeu. Disse que não te daria pensão porque não seria necessário. Eu estaria casado com você, então te daria tudo, incluindo um cartão de crédito sem limites.

– Bom, isso, sim, é o sonho de toda mulher.

Já tínhamos voltado ao nosso nível normal de amizade. Ele estava brincalhão outra vez. Eu tinha certeza que a tal paixonite

aguda por mim ia passar logo. Juan era um mulherengo nato, não ia conseguir se prender a ninguém por muito tempo.

– Juan, por que de repente você está todo apaixonadinho por mim?

– Acho que a minha temporada na Espanha me fez perceber que está na hora de me assentar, sabe? Fora que a minha mãe está desesperadamente me pedindo netos. Pensei sobre o assunto e percebi que de todas as mulheres da minha vida...

– Que são muitas... – eu o interrompi rindo.

– Correção: que eram muitas. Então, analisando tudo, vi que você era com quem eu queria ficar. Bonita, inteligente, fala mais ou menos a mesma língua que eu e gosta de mim muito antes de saber do meu dinheiro. E eu sempre gostei muito de você enquanto estávamos juntos. Só não queria admitir nem para mim mesmo, pois faria mal para a minha fama de garanhão – ele sorriu. – Na verdade, nunca fiquei tantas vezes com a mesma mulher como fiquei com você. Pensei que a gente pudesse tentar namoro, casamento, essas coisas. Acho que estou finalmente pronto.

– Se você tivesse me feito essa proposta antes, naquela época, provavelmente eu aceitaria. Mas hoje estou em outra.

– Agora, me fale desse seu namorado, por mais que isso me mate por dentro – disse fazendo um gesto de ser apunhalado no coração com uma faca imaginária.

– Ele se chama Mateus. No Ano-Novo...

E passei alguns minutos contando para ele sobre o Mateus, como nos conhecemos, nosso dia a dia, a convivência com as gêmeas e tudo mais.

– Ele parece ser muito bom para você – falou ele por fim, quando terminei de falar.

– E é. Estou muito feliz.

– Que bom, Alice! Fico mesmo muito feliz com isso. Você sabe que sou louco por você e quero te ver assim, sempre sorrindo. – Já estávamos na porta do meu prédio e ele, enquanto falava isso, passou a mão direita no meu rosto. – E já sabe, terminando com ele, você é obrigada a me procurar no minuto seguinte para que a gente possa se casar, combinado? – E deu um sorriso para mim.

– Combinado, Juan – retribuí.

– Bom, então até mais. Tenho que ir me encontrar com uns amigos. Preciso ir para um bar afogar minhas mágoas, já que você não me quer.

– Até mais, Juan. Vamos ligar para as gêmeas e combinar de sairmos todos juntos. Você precisa conhecer o Mateus.

– Preciso mesmo conhecê-lo?

– Precisa, sim. E ainda vai ser simpático e conversar com ele.

– Está bem, está bem! Já que não tem outro jeito, né? – Ele levantava os braços em sinal de rendição.

Depois de me dar um beijo no rosto, Juan se virou para a rua para chamar um táxi. Enquanto isso, enfiou a mão no bolso do paletó e tirou o celular. Eu já estava de costas, entrando no saguão do prédio, quando ele me chamou de volta.

– *Corazón*, a bateria do meu celular acabou. Me empresta o seu para eu ligar para o meu amigo?

– O meu está carregando lá no apartamento. Vamos subir que você pode usar.

Subimos, ele ligou para o amigo e logo depois desceu para pegar um táxi.

Enquanto me aprontava para dormir, fiquei me perguntando se deveria ou não contar para o Mateus sobre o episódio do beijo forçado. Ele já não gostava do Juan, se soubesse disso ia odiá-lo ainda mais. E se eu não contasse, me sentiria culpada até o último dos meus dias na Terra, apesar de não ter sido minha culpa ou intenção.

Minha consciência boa brigava com a má. Não contar seria muito mais fácil. Ninguém viu, ninguém sabia e ninguém jamais saberia. Além disso, não seria mentira. Seria apenas omissão dos fatos. Se algum dia ele me perguntasse: "Você já beijou o Juan?", responderia que sim, ainda mais porque ele já sabia que nós tínhamos ficado. Se ele perguntasse: "Você beijou o Juan depois que nós começamos a namorar?", aí sim eu contaria. Mas o problema é que como eu queria um relacionamento com ele por toda a vida, não podia esconder algo assim. O amava de todo o meu coração, mais do que um dia conseguiria imaginar amar alguém. Se escondesse isso, seria como se nosso namoro estivesse para sempre marcado com uma mancha e a culpa seria toda minha, mesmo que ele não soubesse de nada.

Resolvido. Eu ia contar. Ai, Jesus! O Mateus ia querer matar o Juan. Aliás, ele ia querer me matar. *Pelo menos eu morreria de consciência limpa...*, foi o meu último pensamento naquele dia antes de dormir.

Capítulo 19

Três dias depois, o Mateus e a Esther chegaram. Eu estava ansiosa, nervosa e morrendo de saudade dele. Como na hora em que ele ia chegar eu estaria na NYFA, combinamos que, acabando a aula, iria para o seu apartamento.

Enquanto estava no metrô indo para lá, ia ensaiando mentalmente meu discurso de “Ele me beijou, mas a culpa não foi minha”. Eu tinha passado os últimos três dias pensando no que dizer, em como as palavras seriam menos cruéis e achei que tinha chegado a uma boa conclusão (se é que há como ter uma boa conclusão num caso desses).

Chegando, bati na porta e ele atendeu. Nossa! Meu namorado era mesmo lindo. E cheiroso. E gostoso. Eu nunca o trocaria por ninguém, nem mesmo pelo Juan (que olha que, além de lindo, era milionário).

– Mateus! – Joguei meus braços ao redor dele.

– Oi – ele respondeu secamente, sem me abraçar de volta. Achei aquilo muito estranho. Ele geralmente era tão efusivo.

– Como foi de viagem? – perguntei alegre, tentando ignorar aquilo tudo e a sensação de “alerta” que tinha se instalado no meu cérebro.

– Ótima. – O seu tom de voz estava azedo. Não parecia em nada que realmente tinha sido ótima.

Entrei, me sentei no sofá e ele desapareceu para o quarto. Quando voltou, tinha uma revista nas mãos.

– Você pode me dizer o que significa isso? – E a jogou no meu colo.

– É uma revista, ué. – Estava confusa. Aonde ele queria chegar com aquilo?

– Dá uma olhada na capa e me responde direito.

Só então percebi o que estava vendo. Era uma *Hello* e eu estava na capa dela. Nos braços do Juan. Sendo beijada à força (mas ao olhar a foto não parecia que era isso. Dava a impressão de que eu estava correspondendo).

Ah.meu.Deus.

O título era:

MILIONÁRIO ESPANHOL VOLTA A NOVA YORK E TEM NOVO AMOR.

Droga! Um zilhão de vezes droga!

Abri a revista e comecei a folheá-la, procurando as páginas com a reportagem. Havia muitas fotos de nós dois. Sentados jantando e rindo. O Juan pegando na minha mão e a beijando por cima da

mesa. Andando abraçados pela rua. Ele me beijando na boca e no pescoço. Nós dois entrando no meu prédio.

Passei os olhos correndo pela matéria que dizia: “Juan Canavarros estava de volta a NY depois de uma longa temporada na Espanha. No mesmo dia em que chegou, encontrou-se com a morena misteriosa com quem saía quando estava aqui no ano passado. Em clima super-romântico e íntimo, o casal jantou, riu e se deliciou com a companhia um do outro. Com direito a beijos na calçada e fungadas no pescoço, ambos subiram para o apartamento da moça, onde passaram a noite”. Mas o pior de tudo era: “Fontes anônimas próximas ao casal afirmam que eles estão muito apaixonados. ‘Ele voltou para os EUA apenas para encontrá-la. Não posso dar detalhes, mas, ao que tudo indica, há um casamento chegando’, afirmou uma amiga da morena”.

Droga de paparazzi! Droga de jornalismo sensacionalista! Droga de câmeras de longo alcance no escuro!

De repente, a verdade me acertou em cheio. Por isso eu me sentia observada todo o tempo. Tinha alguém nos seguindo e tirando fotos. Como eu era estúpida! E o pior de tudo é que eles deram um contexto totalmente diferente para o que aconteceu. O que era um jantar entre amigos virou um encontro. O beijo forçado virou demonstração pública de amor. E a subida de dez minutos ao meu apartamento para telefonar virou uma noite inteira de sexo selvagem. As fotos de quando eu estava brigando com ele ao ser beijada ninguém publicou, para meu completo desespero. Nem ao menos havia a prova da rejeição a ele.

Nesse momento, eu poderia dar a explicação mais convincente do mundo que o Mateus não ia acreditar. Era aquela velha história

de que “uma imagem vale mais do que mil palavras”. E ali não havia apenas uma fotografia. Havia oito.

– Entendeu agora? – Ao mesmo tempo que estava zangadíssimo, ele estava triste. E isso partia o meu coração.

– Mateus – eu já estava com lágrimas nos olhos –, não é nada disso que você está pensando. Eu posso explicar... – Minha voz sumiu.

– Me diz, como você explica estar na capa de uma revista nos braços de outro? E o outro, ainda por cima, ser o Juan, Alice? Você esperou que eu viajasse para se atirar nos braços dele? Não teve coragem de esperar eu voltar para terminar comigo, já que fui apenas um estepe enquanto o Juan estava na Espanha?

– Claro que não, Mateus. Isso tudo é um grande mal-entendido. Eu te amo muito! Nunca nem pensei no Juan desde que ele foi embora. Logo depois que você viajou, ele me ligou dizendo que estava na cidade e me chamou para comer alguma coisa. Fazia quase um ano que não o via. Depois do jantar, enquanto ele me acompanhava de volta para casa, me beijou, só que o afastei, briguei com ele, expliquei que tinha namorado e que te amava mais do que tudo. Foi só um beijo forçado e eu ia te contar. Passei três dias me torturando, esperando você voltar, para que pudesse tirar esse peso da minha consciência. – As lágrimas rolavam pelo meu rosto descontroladamente. Eu, provavelmente, estava parecendo um urso-panda com a maquiagem toda borrada.

Ele pegou a revista das minhas mãos, abriu na página em que a foto do beijo estava e disse:

– Isso não me parece um beijo forçado. – Sua voz era monótona, sem emoção.

– Mas eu juro que foi forçado, Mateus. Eu juro. – Eu chorava tanto que soluçava e mal conseguia falar. O que faltava de emoção na voz dele sobrava de desespero na minha. – Pode perguntar para o Juan. Vamos ligar para ele. Tenho certeza que essa história vai ser esclarecida.

– Você consegue imaginar – sua voz continuava no mesmo tom frio – como me senti quando estava no aeroporto comprando um livro numa banca e dei de cara com isso? A minha namorada, a mulher que eu amo, com quem compartilhei segredos, a história do meu irmão e muito mais, me traindo na capa de uma revista?

– Eu não te trai, Mateus. Nunca faria isso, ainda mais depois de tudo o que aconteceu comigo, de ser traída com uma amiga, de ter virado a porcaria da Corna do Ano! Vai contra os meus princípios. Por favor, acredite em mim!

– Sabe o que é o pior de tudo? – Sua voz agora era um poço de tristeza. – Eu acredito em você. Sei que você não faria isso, sei que você me ama e sei que ele foi quem provavelmente te agarrou.

– Sabia que você era sensato e que ia acreditar em mim.

– Só que essas imagens me magoaram muito, Alice. Me rasgaram por dentro. A Esther viu o estado em que fiquei. Passou o voo de volta inteiro tentando me consolar. Ela ainda tentou te defender dizendo que essas revistas vivem por esse tipo de escândalo, que inventam mentiras e fontes anônimas e que tudo devia ser um mal-entendido. Então, eu penso: será que você realmente não fez nada e é tudo uma armação ou você é uma pessoa ruim e eu não vi isso antes porque estava apaixonado?

– Estava? Não está mais? – Acho que o meu coração parou de bater por alguns segundos com a possibilidade de ele não me amar.

– Claro que estou apaixonado por você, Alice. Que droga! – A última frase foi quase um grito. – Eu amo você, criatura. Amo como nunca amei mulher nenhuma. Só que não consigo ficar perto de você nesse momento. E nem sei se vou conseguir tão cedo.

– O que isso significa? – Minha voz tremia tanto que até fiquei com medo de a frase não sair.

– Significa que preciso de um tempo. Longe de você. Preciso pensar, refletir e chegar a uma conclusão. Preciso resolver se acredito em você ou se as fotos vão falar mais alto.

– Mateus... Por favor, não me deixe...

Agora eu chorava baixinho sentada no sofá. Estava com as mãos no rosto, tentando desesperadamente respirar, pedindo a Deus em oração que eu pudesse voltar no tempo e não ter saído com o Juan naquele dia. Mas o tempo não voltou.

Mateus também chorava, mas muito mais contido do que eu. Ele estava de pé, de costas para mim, olhando pela janela o céu azul de outono que se estendia por toda a Manhattan.

– Eu não queria te deixar – ele disse. – Mas, por enquanto, não vejo outra opção. Não consigo ficar perto de você sem ficar decepcionado.

– Mateus, me desculpa! Me perdoa!

– Se você se diz inocente, por que me pede perdão?

– Peço desculpa por toda essa situação. Não devia ter saído para jantar com o Juan, esse foi o meu erro. E devia ter te contado isso antes, mas não queria que fosse por telefone. É o tipo de coisa que você tem que falar ao vivo. E eu juro que ia te contar, não só porque você viu as fotos. Independentemente disso, você ia ficar

sabendo. Quero ter uma vida ao seu lado, quero ficar com você até morrer, Mateus, e se eu escondesse isso, seria terrível para o relacionamento. Eu ia te contar e você ia ficar muito, mas muito bravo. Mas íamos nos entender, porque nos amamos e o beijo não foi recíproco.

– Tudo bem, Alice. Preciso pensar nisso tudo. Você pode me deixar sozinho, por favor?

– Se é o que você quer... – Eu tentava, em vão, engolir o choro. Me levantei, fui em direção à porta. Antes de sair, acrescentei: – Não esquece que eu te amo, tá? Lembre-se que você me conhece muito bem, que sabe das minhas qualidades e dos meus defeitos. Posso não ser a melhor pessoa do mundo, mas não traio. Isso tudo foi um engano e espero que você possa perceber isso.

– Engraçado... Uma vez você me disse que provavelmente eu partiria o seu coração. Quem diria que seria o contrário, né? – Ele se virou para mim e mostrou aquele sorriso que eu tanto amava, mas naquele momento ele tinha uma conotação triste.

– E você acha que o meu coração não está partido também?

Dito isso, passei pela porta e fui embora.

Chorei no elevador. Chorei enquanto esperava o metrô. Chorei dentro do vagão de metrô. Chorei no caminho do metrô para casa. Chorei no ombro do Mr. Collins, meu porteiro (que não soube o que fazer, já que na minha profunda tristeza eu falava com ele em português e ele não entendeu nada). Chorei no elevador, dessa vez o do meu apartamento. Chorei quando entrei em casa. Chorei tanto que me sentei no hall de entrada e fiquei ali até quase desidratar de tanto chorar. Depois que eu nem tinha mais o que chorar, fiquei em

estado vegetativo olhando para o teto tentando não pensar em nada. Não sei quanto tempo se passou.

Sim, eu sabia, sofrer de amor daquele jeito parecia exagero. Tem tanta gente por aí com problemas muito piores do que o meu e nem por isso estão chorando assim. Mas eu era sensível e cada um lida com as suas tristezas de um modo. Sempre lidei chorando e acreditava que ia ser assim a vida toda. Poxa vida! Chorava até hoje quando assistia ao desenho *O Rei Leão* e o Mufasa morria! Dependendo do dia, chorava até com comercial de margarina. Tanto que a minha irmã costumava dizer que eu tinha problema nos meus canais lacrimais.

“Nossas lágrimas ficam num lugar igual a uma represa.” A Bel sempre fazia essas analogias um tanto quanto sem noção. “Elas vão se acumulando, acumulando, acumulando. Até que um dia, o recipiente fica cheio e você é obrigado a deixar algumas escaparem, só para não transbordar muito e poder voltar ao nível normal. Mas o problema da sua represa, Alice, é que ela tem um vazamento constante. Em algum lugar aí tem uma rachadura e a água escapa do seu controle, mesmo que o caso não seja de transbordamento. Na verdade, você não deve ter o tampo do ralo e toda a água que chega ali é jogada para fora imediatamente.”

Lembrando-me disso, me bateu uma saudade absurda da minha irmã. Procurei meu telefone na bolsa e, quando desbloqueei o teclado, apareceu uma foto minha e do Mateus de quando fomos para a Tailândia. Chorei por mais dez minutos. Ao perceber que já tinham se passado três horas desde que eu havia saído do seu apartamento e até agora ele não tinha ligado, chorei mais dez minutos. Quando me acalmei, liguei para a Bel.

– Oi, Alice! – ela atendeu no segundo toque.

– Oi, Bel. Buáááááá. – E comecei a abrir o berreiro mais uma vez.

– Alice, você estava assistindo a *O Rei Leão* de novo?

– Hã? Claro que não. Por quê?

– Ora, porque você sempre chora assim quando assiste a esse desenho. Já falei para adiantar a parte em que o pai do Simba morre, não falei?

– Bel, não estava assistindo a *O Rei Leão*. Além do mais, eu adiantar esse pedaço não faz com que ele não morra. Apenas acelera o processo do seu assassinato. Mas o problema não é esse. Estou arrasadaaaaaaaaaaaaaa.

– Ô, Alice, o que aconteceu, meu amor? Está tudo bem? – Seu tom de voz era preocupado, quase maternal.

– O Mateus terminou comigo, Bel! Bom, acho que terminou. Ele disse que não consegue ficar perto de mim e não sabe quando vai conseguir de novo. Buááááááááááá.

– Espera aí que não entendi nada com esse tom de voz choroso que você usou. E a Bianca está chorando aqui no fundo também. Duas Polletos chorando no meu ouvido. O que eu fiz para merecer isso? – E ela riu.

– Bel, para de rir! É sério o que estou falando. Meu coração está partido em mil pedaços. Aliás, estou com tanta dor no peito que acho que estou enfartando ou que ele parou de bater. Ai, meu Deus! Eu moro sozinha, não tem quem me levar ao hospital. Vou morrer aqui e ninguém vai sentir minha falta por muitos dias, já que não tenho namorado. Daqui a alguns meses, a tia Wanda virá para Nova York e me encontrará com o corpo já podre e...

– Alice, quieta! Para com isso, sua dramática! Não íamos demorar meses para te encontrar. Semanas talvez...

– Bel!

– Calma, estou brincando. Agora, falando sério, me conta o que aconteceu. E tenta, por favor, não chorar. Te conhecendo bem como conheço, imagino que você passou as últimas horas se debulhando em lágrimas até que resolveu me ligar.

– Bom, foi o seguinte...

E passei a próxima meia hora contando, chorando e fungando.

– Minha irmã, posso falar uma coisa? – ela disse depois que eu terminei meu relato.

– Claro, foi por isso que eu te liguei: para você dar a sua opinião imparcial, a meu favor, de preferência, sobre o caso.

– Você está destinada a ser famosa.

– O quê? – Certamente, a maternidade fez minha irmã pirar. – Isso não tem nada a ver com o assunto.

– Claro que tem. Primeiro você foi a Corna do Ano, com direito a clipe no YouTube, música e o Latino fazendo uma regravação. Por falar nisso, sabia que você atingiu cem milhões de visualizações? Parece que colocaram legenda em inglês e agora pessoas do mundo inteiro te assistem. Você é que não sabe, mas vivem ligando aqui em casa te procurando para você poder dar entrevista. O Leandro já apareceu em alguns programas, mas é sempre massacrado pela plateia e pelos apresentadores, já que ele era o cachorro da história. Mas todo mundo quer é você, não ele. E...

– Bel, foco, por favor. – Ai, caramba! Cem milhões? Entrevistas? Legendas em inglês? O Leandro falando de mim na televisão? Esse,

definitivamente, não estava sendo um bom-dia.

– Onde eu estava? Ah, sim. Então, primeiro a história da Cora do Ano que está te dando fama mundial. Agora, você aparecendo na capa da revista *Hello*. Qual será o seu próximo passo? Um filho com o Brad Pitt? – Seu tom de voz era alegre. Acho que ela estava se divertindo à minha custa. Precisava me lembrar de matar a Bel com as minhas próprias mãos quando chegasse ao Brasil.

– Meu próximo passo? Abrir um buraco num gramado do Central Park e me enterrar ali e não ser vista nunca mais por nenhum ser humano.

– Ah, Alice, você sabe que eu estou brincando. Mas uma coisa te digo: o Mateus te ama e ele te conhece. Conhece a sua índole. Sei que vocês vão passar por cima disso. Dá um tempo para ele assimilar tudo isso. Vai dar tudo certo. – Agora ela estava usando um tom de voz maternal comigo. Gostei muito disso. – Além do mais, se a situação tivesse sido o contrário, provavelmente você estaria cuspiendo fogo de tanta raiva. – Bom, nisso ela tinha razão.

– Você promete que vai ficar tudo bem? – perguntei igual a uma criança.

– Prometo. E se não ficar, é mais um ex seu que vai te lançar ao estrelato!

– Mas eu não quero estrelato! Quero uma pacata vidinha anônima com um marido e filhos. – Minha segunda linha tocou. – Bel, tem alguém tentando me ligar aqui. Pode ser o Mateus. Preciso desligar.

– Fica bem, viu? Tente não se preocupar. E, qualquer coisa, pode me ligar, não importando a hora do dia.

– Obrigada, Bel. Você é o máximo.

– De nada. Irmãs são para essas coisas. Ah, e não te esquece de me mandar pelo correio uma edição da revista!

– Nem morta! – Só ela mesmo para me fazer rir.

– Vejo pela internet, então, já que você é tão chata.

– Chata é você. Beijo, tchau.

– Beijo!

Desliguei o telefone e atendi à outra ligação, nem consegui ver o número.

– Alô? Quer dizer, hello? – Hello? Argh! Isso me lembra aquela porcaria de revista.

– Alice!!! – Eram as gêmeas falando juntas pelo viva-voz. Pela entonação, acho que elas tinham visto a revista.

– Oi, meninas.

– Que história é essa de beijar o Juan e sair na revista? E o Mateus? O que aconteceu com ele? – perguntou uma delas. Por telefone eu não sabia diferenciar.

– Ai, meninaaaaaas. – Droga, comecei a chorar outra vez. – Vocês nem imaginam o que aconteceu. – E relatei numa versão mais resumida, em “portunhol”, os acontecimentos dos últimos dias.

– Ai, *Díos mio!* Que confusão! Quer que tentemos falar com o Mateus? Com certeza ele vai nos ouvir. Aliás, melhor ainda, vamos falar com a Esther. Ela deve estar do seu lado.

– Pensei que vocês estariam bravas comigo, já que gostam do Juan... – Era um alívio saber que elas eram minhas amigas de verdade. Apesar de malucas, elas eram bem maduras em alguns pontos.

– É claro que estamos do seu lado. Ele é gostosão e tudo mais, mas sabemos que ele é mulherengo e sem-vergonha. Prezamos a cumplicidade feminina. E sabemos o quanto você é louca pelo Mateus. Não o trocaria nem pelo Juan nem por ninguém – falou uma delas. Eu nem me importava qual. Sabia que o apoio vinha dos dois lados.

Aquela demonstração de amizade me fez chorar ainda mais. Eu parecia mais nova do que elas naquele momento.

– O Mateus vai cair em si e te perdoar. Fica tranquila – acrescentou a outra.

Nisso, tocou a segunda linha do meu telefone outra vez. Expliquei para elas que podia ser o Mateus e desliguei. Dessa vez, vi quem era: Juan.

– Alô?

– *Corazón!* Você viu a gente na capa da revista?

– Infelizmente já vi. E o Mateus também. E as gêmeas também. Aliás, o mundo inteiro já deve ter visto!

– Me desculpa! Eu devia ter percebido que havia paparazzi nos seguindo, apesar de não ter visto nenhum.

– Tudo bem. A culpa não é sua, Juan. Quer dizer, é sua sim. – De repente, minha tristeza virou raiva. Eu tinha que canalizar aquele turbilhão de sentimentos em alguém. – Se você não tivesse me beijado, nada disso teria acontecido. Te perdooo por não ter visto o fotógrafo, não pelo beijo! – Eu estava quase gritando com ele. – E agora o Mateus terminou comigo! Está feliz? Hein? Hein? Fui abandonada por sua causa!

– *Corazón*, calma. Me perdoe. Me perdoe mesmo. Eu nunca quis fazer mal a você ou ao seu namoro, por mais que eu quisesse ser seu namorado. Já liguei para a minha relações-públicas e pedi para ela entrar em contato com a *Hello* para desfazer essa confusão. Não por mim, eu não ligo para essas coisas, mas por você.

– Por mais que ela consiga uma retratação – meu acesso de fúria passou; agora eu tinha voltado a ser chorona –, o estrago já está feito. Mateus não quer mais saber de mim, Juan.

– Só se ele fosse doido para não te querer ou não acreditar em você. Quer que eu fale com ele e explique o que aconteceu?

– Não. Acho que isso só iria deixá-lo mais bravo.

A segunda linha do meu telefone tocou outra vez. Agora tinha que ser o Mateus.

– Juan, tenho que desligar.

– Minha linda, me desculpa mesmo. Vou fazer de tudo para resolver esse problema. Já estou acostumado com essas notícias mentirosas e sensacionalistas sobre mim, mas não quero que isso afete a mais ninguém, principalmente a você, que gosto tanto.

– Eu também gosto de você, apesar de estar muito brava e triste no momento.

– Te ligo com notícias da minha relações-públicas. Beijo, tchau.

– Beijo.

Desliguei e atendi a outra. Ainda não era o Mateus. Mas que droga!

– Hello?

– Senhorita Alice? – disse uma voz feminina em inglês.

– Sim, ela mesma. Quem é? – respondi também em inglês.

– Oi, querida. – Odiava desconhecidos me chamando de querida. Soava tão falso. – Meu nome é Meg Addams, a jornalista que escreveu a matéria na *Hello* sobre você e seu príncipe espanhol.
– Ah, então essa era a vaca que tinha arruinado meu namoro? – Finalmente te achei!

– E como você descobriu meu nome e telefone? – perguntei, querendo estrangular aquela idiota.

– Fui até o restaurante que você estava com o Juan Canavarros. Perguntei sobre você para as pessoas e um dos garçons disse que o seu nome era Alice e que morava próximo ao lugar. Então, comecei a ir a todos os estabelecimentos comerciais da redondeza mostrando as fotos e perguntando se alguém te conhecia. Uma das atendentes do Starbucks disse o seu nome completo e falou onde você estudava. Liguei na NYFA e dei um jeito de conseguir seu número. Fácil, não?

Fácil seria dar um murro na cara dela.

– Agora me diz – ela continuou –, há quanto tempo vocês estão juntos?

– Quem? Eu e o Juan?

– Claro, bobinha. Quem mais?

– Nós não estamos juntos. Ele é meu amigo, só isso. Eu tenho namorado. – Tinha até algumas horas atrás.

– Mas eu vi vocês se beijando nas fotos. É claro que tem algo a mais, seu olhar apaixonado não nega.

– Pois saiba que não tem. Foi tudo um mal-entendido. Você não viu que em algumas fotos nós estávamos brigando?

– Vi, sim. Mas, como todo casal, há desavenças...

– Nós não somos um casal! – Eu já estava gritando com ela. – Por que é tão difícil entender? Meu inglês é ruim, por acaso?

– Não, seu inglês é muito bom. Continuando a entrevista, me diga: ele beija bem? É verdade que vocês querem se casar em segredo mês que vem?

Desliguei na cara daquela vaca. Me recusava a responder a qualquer coisa a mais. De qualquer modo, tinha certeza que ela ia distorcer tudo o que dissesse por mais que eu não dissesse nada.

Enquanto pensava num modo bem doloroso de matá-la, meu telefone tocou de novo. Em expectativa, olhei a tela para ver se era o Mateus. Não era. Número desconhecido de novo. Fiquei até com medo de atender, mas a curiosidade falou mais alto.

– Hello? – atendi com a voz azeda.

– Alice Polleto? – O sotaque era americano outra vez.

– Sim. Quem é?

– Sou Jack Turner, produtor do E! News, do canal E! Entertainment. Gostaríamos de saber se você daria uma entrevista para o Ryan Seacrest sobre seu caso amoroso com Juan Canavarros.

Ryan Seacrest? Quem sabe... Sempre quis conhecê-lo. O quê? Não, não, claro que não. Nem mesmo ele me faria ir para a televisão falar sobre isso.

– Não, Jack.

– Mas...

Terminei a chamada na cara dele. Já ia desligar o telefone, para ter um pouco de paz, quando ele tocou de novo. Nem ia me dar o

trabalho de atender se não fosse o Mateus, mas vi que o número era do Brasil. Podia ser minha irmã outra vez, ou alguma amiga.

– Alô?

– Bom dia, Alice. Aqui quem está falando é Alana Motta, jornalista da Revista *Caras*. Gostaríamos de saber se você tem interesse em nos dar uma entrevista exclusiva para falar sobre você, sobre o vídeo da Corna do Ano, sobre seu namoro conturbado com o milionário espanhol e sobre sua suposta gravidez.

O quêêê? Já estavam me deixando grávida no Brasil? Meu Deus! Como as fofocas corriam! Se meus pais vissem uma coisa dessas, iam surtar. Aquilo já tinha me cansado e me feito chegar ao meu limite. Agora eu ia chutar o pau da barraca e esculhambar.

– Quer saber, Alana? Nosso caso já dura anos, vamos casar mês que vem em Las Vegas e eu estou grávida de quíntuplos! E sabe do que mais? O Corna do Ano foi falso, apenas um golpe de marketing para me lançar na mídia. Satisfeita agora?

Desliguei na cara dela também. Eu estava ficando boa em fazer isso.

Desliguei meu telefone e fui tomar um banho para relaxar e tentar esquecer os problemas. Eu estava tão brava com os jornalistas que nem mesmo chorava mais. Pelo menos eles serviram para alguma coisa. Sou jornalista, mas oh raça, viu?!

Os dias já estavam bem frios, por isso pus a água na temperatura máxima e fui para a ducha. Enquanto estava lá, o telefone fixo do apartamento começou a tocar. Tentei ignorar, aquele era o meu momento para relaxar e eu precisava desesperadamente daquilo.

Só que tocou uma, duas, cinco, vinte vezes e a pessoa do outro lado da linha não desistia. Quando percebi que não iam desligar e quando aquele barulho estava me irritando ao extremo, saí do banho sem nem me enxugar ou pegar uma toalha. Como morava sozinha, fui nua e molhada atender ao telefone na sala.

– Hello?

– Alice Polleto?

– Sim – respondi em inglês. – O que deseja?

– Sou editor do site do Perez Hilton. O que você tem a declarar sobre o que andam falando de você por aí?

– Que eu namoro Juan Canavarros? Tenho a declarar que não o namoro e nunca namorei.

– Não foi sobre isso que eu quis dizer. Foi sobre o fato de você ser uma golpista.

– O quê?

– Fontes disseram que você é a protagonista do vídeo brasileiro Corna do Ano, que foi visto mais de cem milhões de vezes. Foi uma estratégia de marketing se relacionar com o espanhol multimilionário para conseguir mais visualizações e ficar famosa?

– Claro que não.

– O bebê que você está esperando é mesmo dele?

– Ai, Jesus! Eu não estou grávida!

– Mas fontes me disseram que você está.

– Mas não estou.

– Você pode provar isso?

– Quer que eu faça um teste de gravidez, por acaso?

– Seria interessante. Aí poderíamos colocar a sua foto segurando o teste sorrindo com uma legenda que diz...

Desliguei na cara dele. Depois de tratar esses jornalistas assim, senti que seria massacrada pela imprensa nos próximos dias.

Após sair do banho, o interfone tocou. Mr. Collins me disse que havia dois repórteres no saguão querendo falar comigo. Eu estava tão de saco cheio, querendo tanto ficar em paz no meu cantinho curtindo a minha dor, que disse para ele pedir o cartão dos jornalistas que a minha assessoria de imprensa entraria em contato assim que pudesse. Claro que era mentira, mas eu precisava dizer algo para que eles me deixassem em paz, pelo menos por algumas horas.

Tudo que eu mais queria era me desligar do mundo. Pensei que demoraria horas para dormir naquela noite porque estaria pensando no Mateus, mas, assim que fechei os olhos, caí num sono profundo. Estava exausta daquele dia pavoroso e já tinha chorado tanto que meu corpo desligou meu cérebro à força. Dormi. Na verdade, apaguei.

Capítulo 20

Obriguei-me a ir à aula no outro dia. Já estávamos na reta final do curso, no último mês. Eu não podia me dar ao luxo de não ir só por causa de um coração partido. Além do mais, o Mateus era da minha sala. Ele seria obrigado a me encontrar e, quem sabe, quando visse meu lindo rostinho, me perdoasse e viveríamos felizes para sempre.

Cheguei cedo à sala e me sentei no lugar de sempre. A aula ainda não tinha começado, mas já havia algumas pessoas lá. Percebi que certos alunos me olhavam disfarçadamente, outros davam risadinhas e apontavam. Claro. Com certeza tinham visto a revista e pensavam que eu era uma vadia que havia traído o Mateus.

Peguei um livro e tentei me distrair enquanto esperava meu namorado (ou seria ex?) e tentava ser o mais discreta possível. Nem vi quando um dos coreanos da sala se aproximou.

– Belo traseiro, hein? O Mateus tem muita sorte. – E saiu rindo.

– O quê? Pirou foi? – continuei sem entender e voltei ao meu livro.

– Se eu fosse o Mateus, não terminava com você nem mesmo se me traísse. Com um corpinho gostoso desses... – Foi a vez de um dos americanos falar.

Todo mundo enlouqueceu naquela universidade? Comecei a sentir que tinha alguma coisa estranha acontecendo.

Foi a vez do Fernando, um argentino, fazer gracinhas comigo:

– Me diz uma coisa, Alice. É natural ou silicone?

– Do que você está falando, Fernando?

– Do que você acha? – Ele me olhou sarcasticamente.

– Imagino que seja do meu peito. Mas por que essa pergunta sem fundamento? Aliás, por que todo mundo está tão estranho? É por causa da revista *Hello*?

– Você fica se exibindo por aí e não quer a atenção que isso traz?

– Como assim me exibindo? – Definitivamente, eu não estava entendendo nada.

Ele foi até a sua cadeira, pegou o seu iPad e o pôs em minha frente. Estava aberto no site do TMZ. Na capa, tinha algumas fotos nas quais eu aparecia nua no meu apartamento falando ao telefone. Tinha apenas algumas minúsculas tarjas pretas em lugares estratégicos. Havia uma em que eu aparecia de frente, outra de costas, de ladinho, e em outra parecia até que eu estava olhando para a câmera.

Droga! Saí do banho nua e me esqueci de fechar as cortinas. Antes apenas o vizinho de frente tarado tivesse me visto.

O título era: "Namorada de milionário espanhol é vista passeando nua por seu apartamento". O texto dizia que eu, Alice Polleto, uma brasileira que namorava o milionário espanhol e gênio da computação, Juan Canavarros, gostava de andar nua pelo meu apartamento no Upper East Side. De acordo com vizinhos, não era a primeira vez que eu me exibia. "Estaria mesmo grávida? Se tirarmos por base o seu corpo sarado e barriga lisa (essa foi a única coisa boa), provavelmente era só boato. Estaria a jovem se promovendo para posar para a *Playboy*? Brasileira ou americana? Tanto faz; as duas, ao verem as fotos, se interessaram pela moça."

Havia uma parte que falava sobre o meu "sucesso" no Brasil com um viral e de como ele estava se espalhando pelo mundo. Tinha até o link para o YouTube com o vídeo.

Ótimo. Duas desgraças em uma só!

É, definitivamente isso colocava a história da Corna do Ano no chinelo. E, é claro, meus pais iam querer me matar.

– Caramba. Caramba. Caramba. Como conseguiram essas fotos? Como isso foi parar nesse site? Minha vida acabou!

– Calma, gata! – Fernando ainda estava perto de mim. – Se o Mateus ou o espanhol não te quiserem, eu quero.

Enquanto eu estava à beira das lágrimas, Mateus entrou na sala. E pela sua cara nada boa, provavelmente já tinha visto o TMZ.

A sala inteira olhou para ele e depois para mim. Dei um sorrisinho amarelo para ele. Sério, ele só fez sinal para que o seguisse para fora. Levantei quase correndo. Ele saiu pela porta e o segui.

– Oooi – tentei falar descontraidamente. Não funcionou muito. Ele nem sorriu.

– Mais fotos, Alice? E dessa vez sem roupa? – ele falava como um pai que estava repreendendo uma criança bagunceira. Me senti envergonhada (se é que era possível ficar ainda mais envergonhada. Eu já estava morrendo de vergonha de ver a mim mesma pelada pela internet).

– Ai, Mateus! Você não sabe o dia terrível que eu tive ontem – comecei a falar rápido e sem pausas. – Primeiro você terminou comigo, aí chorei, chorei e chorei. Liguei para a Bel e para as gêmeas, me senti um pouco melhor. Mas aí aquelas porcarias de jornalistas começaram a me ligar. Faziam perguntas absurdas como: “Você está grávida do Juan?” e eu fui ficando estressada. Fiquei tão brava com uma vaca do Brasil a ponto de dizer que eu estava, sim, de quintuplos e que ia me casar em Las Vegas no mês que vem.

– O quêêê? – dessa vez ele gritou.

– Calma! Eu estava surtada. Aí eu fui tomar banho e o telefone não parava de tocar. Então, saí correndo para atender sem nem pegar uma toalha. As cortinas deviam estar abertas e tiraram essas fotos. Mateeeeeeeus, estou tão humilhada! – Nessa hora, as lágrimas começaram a rolar. – Por que esse tipo de coisa sempre acontece comigo? Por quêêê?

O meu ataque de histeria devia estar mesmo muito grave, porque ele até me abraçou em sinal de solidariedade.

– Primeiro foi toda aquela história de Corna do Ano. Agora isso! O vídeo parece um grãozinho de areia se comparado a essas fotos. Vou me mudar para uma ilha deserta, sem acesso à internet, para que eu não precise ver essas coisas nunca mais.

– Calma, Alice!

– Calma nada. Não é você quem está escutando piadinhas dos nossos colegas de sala.

– Na verdade, estou, sim. Agora quem é o Corno do Ano sou eu.

– Ah... – No meu desespero egoísta, nem pensei nas consequências que isso tinha para ele. Isso me fez chorar ainda mais.

Ele afagava o meu cabelo e eu estava com o rosto próximo ao seu peito. Por uma fração de segundo, esqueci meus problemas e fiquei ali, sentindo o perfume dele e o carinho. Como eu o amava!

Nisso, meu celular começou a vibrar enlouquecidamente e nos tirou daquele transe. Mensagens de vários amigos do Brasil e de desconhecidos dizendo que eu era gostosa, gata e outras coisas impronunciáveis. Como esses pervertidos conseguiam o meu número americano? Algumas “amigas” me chamando de vaca, piranha, oferecida e outras coisas. As gêmeas falando que eu estava com tudo em cima e que acabaria posando para a *Playboy* antes delas. A tia Wanda dizendo que eu tinha levado ao pé da letra o lema *Carpe Diem* e terminava com um “*go, girl!*”. Amigas do Brasil perguntado se eu estava bem. Minha irmã me pedindo para ligar para ela urgente. E a mais terrível de todas vinha do meu pai: “Precisamos conversar, mocinha”.

Tudo o que eu mais queria naquele momento era sumir.

– Você está melhor? – Mateus me perguntou. – Passou o desespero?

– Não, só aumentou. Mas estou mais calma. Seu abraço faz mágica, você sabe. – Parei de falar e ficamos nos olhando em

silêncio. – Mateus, por favor, me desculpa. Pelo beijo do Juan, pelas fotos, por toda essa confusão. Eu te amo. Quero ficar bem com você.

Ele deu um suspiro alto. Passou as mãos nas têmporas, como se massageasse para que uma dor de cabeça fosse embora.

– Eu também te amo, Alice. Mas ainda não consegui superar tudo isso, e agora vêm mais essas fotos. Não posso ficar com você neste momento.

– Mas eu preciso de você, Mateus! Meu mundo está desmoronando.

– O meu também está. E acho que preciso reconstruí-lo sozinho.

Acho que se ele tivesse dado um tapa na minha cara teria doído bem menos. Lágrimas rolavam sem parar pelo meu rosto. O engraçado foi que a primeira coisa que pensei naquele momento foi no nosso trabalho feito com tanto carinho ao longo do ano.

– E o nosso projeto? Como fica? – perguntei.

– Falta pouca coisa, só um depoimento meu, um seu e fechamos. Montar a apresentação é fácil, pode deixar que faço isso. Eu disse que não posso ficar com você nesse momento, mas precisamos terminar isso juntos. Não podemos jogar fora quase um ano de trabalho. Só mais uma semana não vai nos matar.

Seríamos os últimos a apresentar, na próxima semana.

Tendo dito isso, ele voltou para a sala e eu fiquei no corredor para ligar para minha irmã e para ser esculachada pelo meu pai.

De acordo com a Bel, as mensagens de várias pessoas do Brasil começaram a chegar todas ao mesmo tempo porque o meu

“sucesso” e as fotos “picantes” estavam em todos os sites de notícias e programas de entretenimento na televisão. Ah, meu dia só melhorava.

Expliquei para ela a situação. Meu cunhado, que era advogado, disse que poderíamos entrar com um processo milionário contra o TMZ e contra o fotógrafo, pois as fotos foram feitas de dentro do meu apartamento, o que configura como invasão de privacidade. Bom, pelo menos ia ganhar algum dinheiro com isso.

Com as mãos tremendo, liguei para meu pai em seguida. Claro que ele gritou, me repreendeu e falou algumas palavras nada bonitas. Assim que ele disse tudo o que queria, tirou tudo de dentro do peito e tinha desabafado, eu disse que podia me explicar e que, por mais absurdo que tudo aquilo parecesse, ele tinha que acreditar em mim.

Ficamos quarenta minutos ao telefone. Depois de mais alguns gritos, ele parecia ter me entendido e disse que me apoiava em qualquer coisa. Minha mãe, que escutou tudo pelo viva-voz, só conseguia dizer:

– Coitadinha da minha caçulinha! Quer que a mamãe vá até aí para te ajudar a resolver tudo?

– Não, mãe, obrigada. Eu dou um jeito. Não precisa sair da Tailândia só para me defender.

– Mãe é para essas coisas, meu bem.

– Eu sei. Mas eu sou adulta. Não se preocupe. Vai dar tudo certo – falei isso mais para me consolar do que para consolar minha mãe.

Voltei para a sala e todos me olhavam, inclusive o professor. Mateus estava ao meu lado, mas mal me olhava ou falava comigo.

Olhei meus e-mails e vi que havia vários de jornalistas tentando entrar em contato comigo. No meu celular ligações e mensagens de várias pessoas elogiando, criticando, xingando, me pedindo em casamento e fazendo pedidos de entrevista. Resolvi que a primeira coisa que faria depois de sair da aula seria comprar um número novo para o meu celular.

Posso dizer que o resto do dia foi um saco. Escutei piadinhas de todos os tipos e em todas as línguas. Imagino que não deve ter sido fácil para o Mateus também.

Na hora do intervalo da aula, algum engraçadinho imprimiu umas cem cópias das fotos e as distribuiu pelos corredores da NYFA. Estava me sentindo em um filme adolescente americano. As pessoas podiam ser tão más quando queriam!

Quando saí pela porta para almoçar e vi aquilo, a primeira coisa que fiz foi dar meia-volta e ficar encolhida na sala até que fosse a hora de ir embora. Eu não queria mais chorar, não queria que vissem que aquilo estava me matando, então fiquei tentando segurar as lágrimas, tentando fazer cara de forte. Acho que eu estava, na verdade, fazendo uma espécie de careta, mas tudo bem, pelo menos não chorei.

Mateus viu o estado em que fiquei e, sem falar nada, dez minutos depois voltou, sentou-se ao meu lado e colocou em minha frente um croissant e um suco. Meus olhos se encheram de lágrimas com aquele gesto. Falei um "obrigada" baixinho e ele sorriu para mim. Bom, muito bom. Pelo menos não estava gritando nem com as mãos ao redor do meu pescoço querendo me estrangular. Se bem que se suas mãos estivessem em outros lugares, eu não ia reclamar...

Quando a aula acabou, já tinham retirado todas as fotos. Mateus não disse nada (na verdade, passou o dia quase todo mudo), mas ele saiu um pouco antes de mim e o vi passando com vários papéis na mão e colocando tudo na lixeira. Mais um gesto de amor silencioso. Como eu amava esse cara!

Já que eu ainda precisava gravar mais um depoimento para o projeto, peguei a câmera e um tripé e fui sozinha para o Central Park. Sentei num banquinho cheio de neve, apertei REC e comecei a falar em inglês.

É estranho pensar em como todos os outros depoimentos que dei para esse projeto são felizes e este, tão depressivo. Tive um ano tão maravilhoso estudando em Nova York que pensei que era até injusto, que eu não merecia tudo. E do tamanho tão grande que era essa felicidade, hoje é o meu sofrimento. Os últimos quatro dias foram uma loucura, para não dizer caos. Pensando bem, foi um caos, sim. Um inferno na Terra.

Passei de quase anônima feliz com o namorado brasileiro para affair de um milionário espanhol, grávida de quíntuplos, que gosta de andar nua pelo apartamento e vai posar para a Playboy de todos os países do mundo. Nem vou perder tempo explicando essa história porque todos vocês já devem saber. Aliás, o planeta inteiro deve saber. Como sou sortuda, né? Fama involuntária é uma droga.

Apesar de tudo isso ter acontecido, de eu ter chorado mais nos últimos dias do que na minha vida inteira, fico feliz de saber que, mesmo com esse desfecho pavoroso, tive um ano tão maravilhoso que não posso reclamar. Foi lindo, como eu nunca poderia imaginar. Sempre fui apaixonada por Nova York e hoje sou mais ainda. Não pela cidade em si, mas por tudo o que ela me proporcionou,

principalmente amor. Posso parecer extremamente brega agora, mas a cidade me trouxe o amor. A Times Square me trouxe o cara que eu sempre quis. E mesmo que ele não me queira mais, por causa de toda essa confusão, sei que vou continuar querendo e estarei esperando até que ele me perdoe, mesmo que eu não tenha culpa propriamente dita. Sei que ele vai compreender e vai voltar para o meu lado. Pelo menos é o que eu espero.

Eu tinha segurado as lágrimas todo o tempo, mas, nesse momento, uma escapou pela minha bochecha esquerda. Passei os dedos por ela, dei um sorriso triste e me levantei. Saindo do campo de visão da câmera, apertei STOP.

Continuei sentada ali suspirando e um senhor sentou ao meu lado e começou a ler jornal. Ele me viu chorando, me deu um chá e tentou ser muito gentil. Apesar disso, quando a esposa dele apareceu e me reconheceu, a sensação de estar vivendo no fundo do poço voltou a me assombrar.

A edição dos últimos depoimentos ficou para eu fazer e colocar no resto do vídeo. Mateus ficou de preparar a apresentação final e arrumar a sala com os desenhos e imagens que ele tinha feito no último ano. Nos dias seguintes, nos falamos um pouco mais, mas nunca sobre nós dois. Sempre que eu tentava puxar o assunto, ele pedia para que eu deixasse isso para depois. Até que achei melhor dar um tempo para ele e focar no trabalho. Mesmo fazendo o projeto, não nos encontramos fora da NYFA. Fiquei triste com isso, mas, na verdade, foi melhor assim. Provavelmente eu o agarraria se fosse em outro lugar e ele brigaria comigo.

Passei a semana terminando tudo, fugindo de jornalistas, chorando, sem ligar o computador e o celular (para não ver mais notícias e mais imagens do meu traseiro), tomando banho

praticamente de roupa e dormindo com as gêmeas. Clara e Mimi me deram uma força tremenda. Todas as tardes elas iam ao meu apartamento e ficavam comigo. Sei que elas queriam sair e curtir, mesmo com o frio que estava fazendo. Seria eternamente grata a elas por tudo isso.

Dois dias antes da apresentação, o Mateus me mandou por e-mail o roteiro da apresentação. Memorizei tudo o que ia falar. Quando estávamos bem, combinamos de ensaiar a apresentação juntos para que pudéssemos dar o melhor de nós e ganhar o prêmio-surpresa. Mas isso acabou não acontecendo e acho que nenhum dos dois ligava mais para a premiação. Queríamos só acabar com isso logo e, quem sabe, retomar as nossas vidas de algum modo, fosse juntos, fosse separados.

Antes eu estava tão feliz e animada com o trabalho. Agora estava triste, pois ia mostrar o tempo mais feliz da minha vida, enquanto no momento eu vivia o mais infeliz.

Capítulo 21

Na noite anterior à apresentação, duas antes do Natal, eu mal dormi. Estava ansiosa e nervosa, tanto pelo trabalho quanto por ver o Mateus. Tinha resolvido que, depois de tudo feito, iríamos conversar de uma vez por todas. Ou ficaríamos de bem, ou terminávamos de vez (o que só de pensar me fazia chorar tudo de novo).

Acordei às cinco da manhã. Me arrumei devagar, cuidando de todos os detalhes. Se o Mateus fosse me dispensar, iria dispensar uma garota muito, mas muito bonita, o que o faria se arrepender amargamente quando pensasse nisso no futuro. E se eu realmente levasse um pé na bunda, pelo menos seria uma solteira estonteante.

Passei muito pó compacto para disfarçar as olheiras fundas, batom vermelho, olhos apenas com lápis, delineador e rímel. Cabelos ondulados como os da Gisele Bündchen em propaganda de shampoo (parecia natural, mas dava o maior trabalho fazer isso!).

Apesar do frio, pus meia-calça preta bem grossa, botas até os joelhos e uma saia preta curta. A blusa, o cachecol, o casaco e todo o resto do visual também eram pretos. Mulher fatal, sim, senhor!

Cheguei à NYFA e ela ainda estava quase deserta. Era cedo e quase todos os outros cursos já haviam entrado em recesso de final de ano ou terminado. O Mateus já tinha chegado. Ele estava na sala arrumando as imagens nas paredes. Era algo que precisávamos fazer antes de os avaliadores chegarem, pois era como uma surpresa para o final da apresentação. Eles só a veriam quando o vídeo acabasse e as luzes se acendessem.

Fiquei parada na porta olhando para o Mateus, que ainda não tinha me visto. Ele estava de jeans, tênis e, como lá dentro tinha aquecedor, apenas com um suéter vinho que eu tinha lhe dado de aniversário naquele ano. As mangas estavam puxadas até o cotovelo. O cabelo estava um pouco bagunçado, do jeito que eu gostava, e no seu rosto tinha uma fina camada de suor por causa do esforço que estava fazendo. Seus olhos brilhavam de concentração. Sexy!

Fiquei alguns segundos assim, olhando meu namorado (Ex? Atual? Eu não sabia dizer). Até que ele percebeu a minha presença e olhou na minha direção. Assim que me viu, deu um daqueles sorrisos deslumbrantes de deixar minha perna bamba. E eu sorri de volta. Era a primeira vez em muitos dias que ele me olhava daquele jeito e sorria assim. Quando me encaminhei na sua direção, vi que ele estava impressionado com a minha aparência. Ponto para mim!

Quando cheguei perto, acho que o Mateus lembrou que estava bravo/decepcionado comigo e voltou a ficar sério. Seu sorriso espontâneo deve ter sido apenas um momento de lapso. Droga!

– Oi, Mateus!

– Oi, Alice! – Ele estava em cima de uma cadeira arrumando uma pintura.

– Nossa! Isso aqui está lindo. As imagens estão maravilhosas. Já tinha visto a maioria delas, mas essas novas são realmente lindas!

– Você nunca ouviu dizer que a tristeza é a melhor fonte de criatividade? – disse ele do modo zombeteiro, mas triste.

– Ah... – Foi o que me limitei a responder. Queria mudar de assunto. – E então, precisa de alguma ajuda?

Passei os próximos quinze minutos ajudando-o nos detalhes finais. Ficou melhor do que tínhamos imaginado. Eu estava orgulhosa do que fizemos.

Quando terminamos, ainda faltava meia hora para começar. Era melhor adiantar do que atrasar. O problema é que ficaríamos aquele tempo num silêncio ensurdecedor, já que nenhum dos dois queria conversar sobre o que realmente era necessário. Então, ele pegou as suas anotações e fingia que decorava. Peguei o notebook e fiquei passando o vídeo fingindo que conferia se estava tudo certo.

Os professores chegaram e a apresentação finalmente começou. Apesar do caos que tinha se instalado nas nossas vidas nas últimas duas semanas, aparentamos estar tranquilos, como se nada daquilo tivesse nos afetado. Mateus falava com tanta paixão, com tanta propriedade, que eu me pegava olhando para ele com cara de apaixonada, sem prestar atenção em uma palavra do que dizia. Tudo o que passava na minha cabeça era: *Ai, como eu quero beijar ele de novo... E outras 'coisas' mais...*

Até eu fiquei impressionada com a minha performance. Como tinha estado um caco nos últimos tempos, pensei que de alguma

maneira me humilharia publicamente, já que isso vinha acontecendo com certa frequência. Mas não. Estava tão equilibrada que eu tinha até medo de piscar e quebrar a harmonia.

Na verdade, falamos pouco. Cito de novo isso, mas, de vez em quando, "uma imagem vale mais do que mil palavras". E nós tínhamos várias imagens. O vídeo começava com imagens de Nova York intercaladas com imagens de nós dois, juntos e separados, de forma bem artística. "Essa é ela" e aparecia um close meu. "Esse é ele" e aparecia um close do Mateus. "As vidas separadas se tornaram cruzadas, mas ambos contêm uma individualidade intrínseca que nunca será perdida". A partir daí, começaram os nossos depoimentos sobre nós mesmos, sobre o outro, sobre NYC, sobre a vida no Brasil, sobre tudo.

"Eu sou perfeccionista, mas não chego a ser louca..."

"Eu brincava com o meu irmão de Tartarugas Ninja e eu sempre era o Leonardo..."

"Uma vez, minha irmã e eu estávamos brincando de índio. Ela me amarrou no poste de casa e me deixou lá por horas..."

"Minha infância foi feliz, recheada de bagunças típicas de crianças. Mas eu conseguia ser mais terrível do que o normal..."

"Eu sempre quis ser comissária de bordo, até descobrir que tinha um pouco de medo de avião..."

"Um sonho? Que os meus pais me perdoem pela morte do meu irmão..."

"Em plena Times Square ele apertou o meu bumbum, acredita?"

"Fiquei apaixonado assim que a vi e percebi que ela tinha me odiado..."

"Nova York está sendo melhor do que eu pensava. Só que eu ainda não saí correndo pela rua cantando New York, New York, de Frank Sinatra. Preciso fazer isso antes de ir embora..."

"Não sinto falta de casa..."

"Eu até sinto falta de casa, mas poderia ficar aqui muito mais..."

"Minha irmã é a pessoa de quem eu mais gosto no mundo. Mas a Alice está empatada..."

"Acredita que eu caí de bunda no chão quando patinei no gelo pela primeira vez?..."

E muitos outros pequenos depoimentos da nossa vida cotidiana foram ditos. Detalhes bobos, fatos importantes, acontecimentos que marcaram, traços de personalidade, tudo o que fosse relacionado a nós. Algumas vezes, o nosso rosto aparecia, outras era só um *off* e imagens de Nova York e também cenas do Mateus desenhando com lápis preto, com tinta, com giz e outros materiais.

Tentamos fazer algo diferente, não visto antes e que impressionasse os professores, que já deviam ter avaliado esse tipo de trabalho milhares de vezes, de milhares de formas.

Depois de meia hora, chegou o momento dos depoimentos finais. Primeiro foi o meu, aquele que eu gravei poucos dias antes falando do caos da minha vida. Depois o do Mateus. Apesar de eu

ter editado o vídeo, não quis assistir ao seu último depoimento. Como estava extremamente fragilizada, achei que seria demais para mim. Não fiz cortes nem no meu nem no dele. Achei que seria mais dramático desse modo.

Todas as vezes que tive que apertar o Play para inserir no produto final ou para conferir se estava tudo certo, deixava o som no mudo. Só ouviria na hora da apresentação e tentaria discretamente tapar os ouvidos, porque talvez o que eu escutasse ali seria doloroso demais. Mas, quando começou, não resisti. A porcaria da minha curiosidade falou mais alto e prestei toda a atenção do mundo. Ele estava num espaço aberto, com neve ao redor.

Meu pai sempre foi um homem do tipo que fala "homens não choram". E eu sempre tentei ser assim e havia conseguido, até a morte do meu irmão. Naquele dia, vi o meu pai chorando. E aquilo me matou por dentro. Depois disso, virei um chorão. Hoje em dia, choro por qualquer coisa, não que eu me orgulhe disso. Devem ter sido todas as lágrimas reprimidas ao longo da vida. Enfim... Nesses últimos dias tenho chorado bastante. Culpa dessa moça aí, parada de pé ao meu lado nesse momento da apresentação.

Nessa hora, os olhos dos professores foram até mim. Corei de vergonha, sorte que estava escuro e eles não puderam me ver.

Vocês devem saber, o mundo deve saber. Aparentemente, ela me traiu com um milionário espanhol e fotos dela um pouco indiscretas saíram na internet. Na verdade, acho que tudo foi um mal-entendido.

Nesse momento, meu coração até parou de bater de tanta alegria. Ele acreditava em mim!

Mas, mesmo assim, isso não significa que não doeu. Que não dói. E eu ainda não estou preparado para voltar a ser como era antes. Aliás, eu ainda não consigo.

Agora eu estava triste de novo.

Mas eu a amo, como nunca pensei que amaria alguém. Piégas, né? Mas é verdade. Eu queria me casar com ela. Quer dizer, quero. Não sei bem mais. Quem sabe um dia as coisas voltem ao que eram e a gente possa ser feliz, né? E, apesar dessa confusão toda, posso dizer que Nova York foi a melhor coisa que já me aconteceu...

Eu estava chorando. Ele estava chorando. Uma das professoras estava chorando (apesar de estar tentando disfarçar, eu vi). Quando o Mateus do vídeo terminou de falar, se levantou e foi desligar a câmera. A imagem de um campo aberto cheio de neve surgiu e a alguma distância vi uma moça sentada com um tripé e uma câmera. Pelas roupas e pelos gestos, percebi que era eu. Acho que ele não deve ter notado isso.

Mais lágrimas rolaram porque eu percebi o quanto nós combinamos. O nosso último depoimento gravado ao mesmo tempo, no mesmo lugar, sem um saber do outro. Definitivamente, eu estava destinada a ser dele pelo resto da vida.

Quando a imagem do Mateus saiu da tela, ficou tudo preto e um texto dizia: "Agora com luzes acesas podemos ver o mundo e a vida pelos nossos próprios olhos, sonhos e percepções". Com um

timing perfeito, Mateus acendeu a luz e os professores se viram rodeados por desenhos feitos por ele. Não é porque eu o amava de paixão, mas ele era realmente bom. Estava tudo lindo!

Pelo que pude ver das reações dos professores, eles ficaram maravilhados. Não tinha como não ficar. Convidamos todos a dar a volta pela sala, olhando tudo pelo tempo que quisessem. Enquanto isso, Mateus e eu ficamos parados um ao lado do outro perto da porta. Nossas mãos estavam tão próximas que eu sentia o calor da dele. Tudo o que eu mais queria era mexer a minha só um pouquinho e agarrar a sua. Mas me contive. Acho que o momento não era dos mais apropriados, era?

Enquanto estava nervosa olhando os professores, notei uma das imagens que eu não tinha reparado antes. Era pequena se comparada às outras. Numa folha de caderno, desenhada com caneta esferográfica preta, estava a Times Square no Ano-Novo. Nem precisei chegar perto para saber que ali, no cantinho direito, estávamos desenhados ele e eu. Mas o Mateus me deu esse desenho no início do ano. Como foi parar ali? E como ele colocou na parede sem que eu visse? Não aguentei, tive que perguntar.

– Mateus? – Estava meio que sussurrando para não arruinar a concentração dos professores.

– Oi – ele sussurrou de volta.

– Aquele desenho ali – e apontei na sua direção. Nesse momento, um dos professores estava parado observando-o – é o que eu estou pensando que é?

– É – disse simplesmente balançando os ombros.

– E como foi parar ali na parede?

– Eu pus.

– Que horas?

– Quando você saiu para o banheiro depois que terminamos de ajeitar tudo.

– Por que você o pôs ali?

– Porque sim.

– Para de ser monossilábico. Você sabe que odeio isso. Como você o conseguiu de volta? Você o deu para mim no início do ano.

– Antes de a gente... Hã... De tudo dar errado. – Fiquei feliz que ele não disse “antes de a gente terminar”. Acho que ele também estava meio confuso quanto ao status da nossa relação. – Na época quis te fazer uma surpresa. Acho que de qualquer modo acabei fazendo.

– Mas por que ele está ali? Justo esse desenho, que é o mais importante de todos?

– É por isso: por ser o mais importante, o mais significativo. Ele é um prelúdio de tudo o que aconteceu e mostra quando nos conhecemos, um dos melhores e mais engraçados dias da minha vida. Acho que foi naquele primeiro dia de aula, que eu te dei o desenho, logo depois que nós almoçamos na Times Square, que eu percebi que estava me apaixonando.

– E mesmo com tudo desandando, você quis colocar o desenho ali, mesmo sem eu ver?

– Quis. Não quis te falar porque não sei como você se sente em relação a mim ainda. Vai que você estava se desapaixonando e não quisesse aquilo ali? Só que para mim era importante que ele estivesse na exposição. Eu ainda te amo demais e sou louco por

ocê. Me desculpa se até agora não consegui passar por cima disso tudo.

Meu lábio começou a tremer por vontade de chorar e meus olhos ficaram brilhantes. Droga! Lá estava a minha represa se arrebatando de novo!

– Alice, por que você está chorando? – Mateus ficou meio sem saber o que fazer. Não sabia se me abraçava, se me sacudia, ou o que mais. Eu gostava da opção “se me beijava loucamente”, mas ele infelizmente não fez isso. Não sei se essa estava no seu leque de opções do que fazer naquele momento, mas estava no meu.

– Porque... – droga! Agora a minha voz estava tremendo também – isso foi lindo, Mateus! Estou emocionada. – Minha voz não estava mais baixinha e os professores se viraram para nos olhar. Dei um sorriso amarelo em direção a eles, com um gesto de mão que dizia “Continuem, continuem, tudo está maravilhosamente bem por aqui”. – Não pense por um segundo que eu não te amo mais. Por que você acha que eu estou nesse estado emocional?

– Eu sei, mas vai que eu estava errado? – E sorriu para mim um daqueles sorrisos de derreter o Polo Norte. Precisei de todo o meu controle mental e corporal para não pular em cima dele naquele momento.

– Claro que não estava! Eu...

– Senhores? – Um dos professores chamou nossa atenção.

Saco! Bem na hora que as coisas pareciam que iam andar?

– Sim? – respondemos em uníssono.

– A exposição do projeto chegou ao fim?

– Sim, senhor – respondeu Mateus.

– Se vocês puderem nos dar licença, gostaria de conversar com os meus colegas a respeito de tudo o que vimos.

– Claro. Fiquem à vontade.

– Voltamos a chamar em breve.

Mateus e eu nos dirigimos para a porta e fomos ao corredor. Sentindo-me subitamente exausta, sentei no chão e fiquei ali, de olhos fechados, controlando a respiração, tentando não pensar em nada. Mateus fez o mesmo ao meu lado.

Por incrível que pareça, foram vinte minutos de silêncio, algo raríssimo para mim, ainda mais ao lado do Mateus. Mas foi um silêncio confortável. Depois de tudo o que tínhamos falado, feito e conversado, sei que sabia como eu me sentia em relação a ele.

Os professores nos chamaram de volta à sala.

– Alice, Mateus, bem-vindos de volta – disse a professora, que aparentemente era a chefe da banca.

– Obrigado – agradecemos.

– Queríamos dizer que estamos maravilhados com o projeto de vocês. Foi lindo! Definitivamente, é o meu preferido de todos que vi nos últimos anos. – Por dentro, eu estava fazendo uma dancinha da felicidade. Finalmente algo estava começando a dar certo depois das últimas semanas miseráveis que tive.

– Eu concordo com a professora Tilda. Foi excelente e queríamos parabenizar vocês – completou o professor ao lado. – Foi de uma sensibilidade crua e cortante, principalmente pelo momento de vida em que vocês se encontram. É possível ver a alegria exultante dos dois se transformando em sofrimento agudo. Foi real, foi artístico e foi belo.

– Debatendo – continuou o terceiro professor –, decidimos que daríamos a nota A+, a mais alta já dada em algum projeto desse tipo. Geralmente, somos muito críticos e perfeccionistas no que vemos. Apesar de alguns problemas técnicos e de edição, vemos que os dois têm potencial e realmente colocaram a alma e o coração aqui. E isso é o que queríamos com esse projeto. Não o mais bem-feito, mas o mais humano.

– Precisamos dizer que vocês foram escolhidos como o melhor trabalho da turma e que vão ganhar a premiação surpresa? – acrescentou a professora Tilda.

Mateus e eu estávamos com sorrisos idiotas grudados no rosto sem a capacidade da fala.

– Não comentem com os colegas, porque vamos fazer o anúncio oficial na cerimônia de encerramento no dia 28, após o Natal. Bom, é isso. Parabéns!

– Posso perguntar o que é a premiação-surpresa?

– Ah, Alice... – disse a professora. – Sempre curiosa, né, querida? Vai ter que esperar mais uns dias para descobrir.

Os professores nos cumprimentaram e deixaram a sala. Mateus e eu ficamos sozinhos olhando um para a cara do outro.

– Ai, Mateus! Eu não acreditooooo!

– Nós conseguimos! Nós conseguimos!

Por força do hábito, esquecendo-me dos últimos acontecimentos, joguei meus braços ao seu redor e pulei no seu pescoço. Ele me abraçou de volta e ficamos pulando juntos comemorando. Quando paramos, ofegantes, olhamos seriamente um nos olhos do outro. Senti que as suas barreiras estavam se

quebrando, que poderíamos ter uma chance e voltar a ficar juntos. Eu já praticamente colava os lábios nos dele quando meu telefone tocou. Tentei ignorar, mas o clima romântico já estava quebrado. Mateus fez um gesto me sinalizando para atender.

– Alô?

– Oi, é a Alice? – A pessoa do outro lado da linha falava em português.

– Sim. Quem é?

– Aqui é Joana Lima, produtora do programa *TV Fama*. – Ai, não, isso justo agora?

– Olha, Joana, estou meio ocupada no momento, tá?

– É rápido, prometo. Queria saber se você aceita nos dar uma exclusiva do parto dos seus bebês. Vamos pagar bem. E também precisamos saber qual vai ser o tema do seu ensaio sensual quando voltar à forma.

Como já estava de saco cheio disso tudo, não tinha mais paciência com jornalistas que se recusavam a acreditar em mim. Praticamente gritei com a mulher.

– Por que é tão difícil entender isso? Eu não estou grávida, muito menos do Juan, tá? E não vou posar nua.

– Mas todos estão dizendo que você está e...

– Só que eu não estou! Você deveria saber que não podemos acreditar em tudo o que vemos nas revistas e jornais de fofocas! Parem de me importunar, por favor. Só quero viver a minha vida em paz. É muito difícil?

– Mas você é uma celebridade!

– Não sou, não. E nunca quis ser.

E desliguei o telefone sem deixar a mulher falar mais nada. Eu estava bufando de ódio. Me virei em direção ao Mateus e ele estava com o olhar triste de novo. Era incrível como toda vez que a gente estava começando a se dar bem algo acontecia e o clima era quebrado drasticamente.

– Mateus... Desculpa, eu...

– Alice, não precisa falar nada. Essa é a sua vida agora.

– Não, não é. É só uma fase, vai passar. Daqui a pouco surge outro escândalo e se esquecem de mim.

– A grande massa pode até esquecer, mas eu, não, meus amigos, não, meus conhecidos, não. Sabe o que eles falam, tanto aqui quanto no Brasil? Que agora eu sou o Corno do Ano, que você passou a faixa para mim em grande estilo.

– Mas, Mateus, você não é corno, eu não te traí.

– Eu sei que não. Aliás, prefiro acreditar que não. Mas o apelido já pegou. O estrago já está feito.

Justo agora que eu pensei que estava ficando tudo bem, isso aconteceu de novo. Será que os telefonemas iam demorar muito para acabar? Já com lágrimas nos olhos, respirei fundo e disse:

– Não quero mais discutir sobre isso. Parece que sempre estou falando as mesmas coisas. Você sabe que pedi perdão, que sinto muito, que eu te amo e que quero que tudo volte a ser como antes. Se puder me perdoar e voltar comigo, vou ser a pessoa mais feliz do mundo, por mais clichê que isso soe. Mas não vou mais correr atrás e nem falar sobre isso. Se eu continuar praticamente te perseguindo, aí que você vai ficar com raiva de mim e não vai me querer mais.

Eu dei uma pausa e ele não disse nada. Só ficou me olhando sem expressão. Então continuei:

– Bom, é isso. Se você me quiser outra vez, pode me procurar. Você sabe onde me encontrar. Tchau, Mateus.

Virei-me e fui embora. Nem quis saber qual seria a sua reação. Senti seus olhos nas minhas costas durante toda a extensão do corredor da NYFA (e aquele corredor era grande, hein? Parecia que andei um quilômetro antes de sair do seu campo de visão).

Esperava de todo o meu coração que eu não fosse embora para sempre, que essa fosse apenas uma saída dramática antes de tudo ficar bem de novo. Quem sabe... Quem sabe...

Capítulo 22

Naquela tarde, após a apresentação, minha família chegou a Nova York para o Natal. Minha irmã, meu cunhado e minha sobrinha chegaram após o almoço. Apesar de ser muito longe, eu não tinha o que fazer (minhas amigas estavam em São Francisco passeando e eu não tinha – ou tinha? – namorado para me fazer companhia), então fui até o aeroporto recebê-los.

Assim que minha irmã apareceu no desembarque, saí correndo para abraçá-la.

– Ai, Bel! Quanta saudade! Você não tem ideia do tanto que eu precisava ver vocês. – E lá estava eu chorando. De novo. Mas que droga isso!

– Alice, meu bem! Estamos felizes de estar aqui.

Como era dezembro e estávamos todos cheios de roupas pesadas de inverno, não reparei no volume na frente da barriga da minha irmã. Quando parei de chorar, percebi que tinha algo redondo entre mim e ela e olhei para baixo. Dei de cara com uma barrigona.

– Ai, meu Deus, Beeeeeeel! Você está grávida? Por favor, esteja grávida, porque se não estiver, eu, sem querer, vou ter te chamado de gorda e você vai brigar comigo, e não posso ter mais uma pessoa brigando comigo no momento. Minha vida está um caos! O que eu fiz para merecer isso? Devo ter realmente sido uma criança muito má no berçário quando era neném para que toda essa calamidade acontecesse, né? E...

– Alice, para de falar um pouco!

– Ah, desculpe. Perdi o foco. O que eu estava falando mesmo? Ah, você está grávida? – gritei de novo.

– Estou! – respondeu ela sorridente passando a mão na barriga.

– E por que você não me contou antes, criatura? Você já está com o quê? Uns seis meses?

– Sim, dezenove semanas. Não falei nada antes porque queria que fosse uma surpresa para você, ainda mais agora neste momento tão... hã... delicado da sua vida.

– Eu não acredito! Vou ser tia de novo! – Me abaixei e comecei a falar com a barriga da Bel: – Oi, neném! Sou eu, sua tia gata! Você ainda não me conhece, mas vai ver que sou superlegal. Até famosa estou ficando e vou ficar enalhada o resto da vida porque o seu ex-futuro-tio não me quer mais. Então, vou te levar para sair quando tiver dezoito anos porque vou ser uma solteirona... Buáááááá! – E chorei de novo abraçada na barriga da minha irmã.

– Alice, olha o escândalo! Levanta logo.

– Ok, ok. – Me levantei e limpei as lágrimas. Nem me preocupava mais em usar rímel e lápis de olho. Como chorava o tempo todo, eles borravam e eu ficava com a cara toda preta. Achei melhor ficar sem mesmo. – Mas cadê o Felipe e a Bianca?

– Pegando as malas. Eu vim na frente porque estava louca para te ver e te mostrar a novidade.

Abracei minha irmã de novo.

– Bel, essa é a melhor notícia que eu recebi nos últimos tempos! E olha que eu recebi uma excelente hoje!

– Qual? O Mateus caiu em si e voltou com você?

– Não... Ainda não, mas eu espero que ele faça isso. Mas, enfim, tem a ver com ele a novidade.

– Você está grávida?

– Por que todo mundo me pergunta isso? Eu estou gordinha por acaso? Devem ser essas roupas enormes de frio.

– Fala logo que estou curiosa.

– O Mateus e eu tiramos A+ no projeto e fomos os vencedores escolhidos pelo júri.

– Sério? Que notícia boa! E qual é o prêmio-surpresa?

– Não sei ainda, mas estou me coçando de curiosidade para descobrir. De qualquer modo, daqui a uns dias, na cerimônia de encerramento, vamos ficar sabendo.

Nesse momento, o Felipe apareceu no desembarque com quatro malas num carrinho e a Bianca sentada em cima delas.

– Bibi! Meu amorzinho! Vem cá na tia!

– Tia Lice! – Ela pulou no chão e veio correndo.

– Você está uma mocinha. Enorme! Que saudade!

Depois, abracei meu cunhado também, pegamos as malas e fomos para o apartamento da tia Wanda. Com eles ali eu me sentia

menos propensa a me jogar da ponte. Estava extremamente triste ainda, mas conseguia sorrir pelo menos um pouco.

Certo momento, quando olhei meu celular pela 35ª vez naquele minuto, a Bel o tomou da minha mão.

– Ficar encarando o celular não vai fazer o Mateus te ligar mais rápido, sabia?

– É, eu sei, mas não resisto. Hoje disse a ele que não ia mais procurá-lo e que, se ele me quisesse, podia vir atrás de mim. Agora estou aqui morrendo de ansiedade esperando o telefone tocar porque prometi para mim mesma que não ligaria, mandaria mensagem, nada. Ainda bem que não tenho Facebook, senão ia entrar no perfil dele e ficar atualizando a página de trinta em trinta segundos.

– Eu guardo seu celular e aviso se alguém ligar. Se continuar olhando-o assim, você surta a qualquer momento.

No final da tarde, meus pais chegaram e tudo ficou melhor ainda.

– Caçulinha da mamãe! Pararam de te ligar? Você começou a fechar as cortinas enquanto anda nua pela sala?

– Mãe!

– Desculpa, estou só querendo cuidar de você.

Como começou a nevar, achamos melhor ficarmos no apartamento e cozinhar um jantar.

Eu estava extremamente feliz que eles haviam vindo para Nova York para o Natal, Ano-Novo e para minha cerimônia de encerramento. Eu só tinha chorado quatro vezes desde que eles chegaram. Esse era um novo recorde de não choro dos últimos dias.

A manhã seguinte foi véspera de Natal e já tinha parado de nevar, mas havia neve acumulada nas calçadas. Mesmo assim, fizemos programas de turistas, patinamos no gelo (o que me fez chorar, já que a primeira vez que eu tinha feito isso foi com o Mateus e havia sido um dia muito feliz e divertido), fomos ao Rockefeller Center e muito mais.

No final das contas, o dia passou sem maiores problemas. O único inconveniente foi quando paramos numa lanchonete e eu tirei gorro, protetores de ouvido e cachecol, deixando meu rosto exposto. Sentei num balcão para fazer o pedido, enquanto o resto da minha família ia ao banheiro.

Percebi um cara me olhando. Fiquei sem graça, mas fingi que não vi que ele me encarava.

– Me desculpe – disse ele num inglês com sotaque de algum lugar que eu não identifiquei. – Você é a Alice, do Juan?

Ai, droga!

– Sim e não.

– Como assim?

– Sim, meu nome é Alice. E não, eu não sou do Juan.

– Ah... – Ele pareceu não saber o que responder. – Você poderia me dar um autógrafo?

– O quê? Autógrafo? Por quê?

– Porque na Croácia gostamos muito de você. Eu sou de lá.

– Gostam de mim? Por quê? Eu não fiz nada. – Além de ser flagrada beijando um bilionário, andar nua no meu apartamento e ser personagem de um viral no Brasil.

– Porque você é... Como se diz em inglês? Gostosa. Isso, gostosa.

E ele abriu a sua mochila, tirou lá de dentro uma revista e abriu numa página dupla (isso, dupla!) de uma das minhas fotos nua no apartamento. Sim, modéstia à parte, eu estava realmente bem gostosa na foto, mas página dupla? Estou saindo nua em revistas e nem estou ganhando para isso?

– O quê? Me dá aqui!

Tentei tomar da mão dele, mas não consegui. A revista nem americana era. Aquelas porcarias de fotos já tinham rodado o mundo.

Nesse momento, meu cunhado, que era bem alto e forte, voltou do banheiro. Viu o que estava acontecendo e pegou a revista do cara. E ele, um homem sério, tão centrado e ajuizado, fez algo que eu nunca esperava: deu um soco no nariz do croata.

As pessoas começaram a gritar, fiquei sem saber o que fazer, meu pai chegou e começou a empurrar o homem e os funcionários tentaram apartar a briga.

– Isso é para você parar de carregar fotos da minha cunhada por aí! Ela está sofrendo! Ninguém tem o direito de fazer isso com ela! – ele gritou com o homem. Foi em português, ele não deve ter entendido nada, mas o tom de voz do Felipe o assustou. Acho que ele entendeu o recado.

Mais do que depressa, o cara pegou sua mochila (e deixou nas mãos do Felipe a revista estraçalhada) e foi embora correndo. Logo depois fomos expulsos de lá também por causa da briga, mas fiquei emocionada por ter sido defendida. Era a maior prova que minha família estava do meu lado.

À noite, para celebrar o Natal, fomos a um badalado restaurante de comida contemporânea em Tribeca. Ai, droga, era perto da casa do Mateus. Será que se eu me sentasse perto da janela poderia vê-lo se passasse pela rua? Por falar nisso, o que será que ele estava fazendo? Eu me lembro de, quando tudo ainda estava bem, ele ter comentado que talvez seus pais viessem para o Natal.

Tentei tirar isso da cabeça e me divertir com a minha família. Foi muito bom. Por alguns momentos, me esqueci do caos dos últimos dias.

Meia-noite, depois de ter comido trinta quilos de jantar e sobremesa, chegou uma mensagem no meu celular. Era do Mateus. Gelei por dentro enquanto abria o texto, morrendo de medo do que estava escrito.

Alice, esse está sendo o pior Natal da minha vida. Espero que o seu esteja sendo melhor. Feliz Natal! Beijo.

Enquanto escrevia a resposta *É, esse não está sendo dos melhores. Feliz Natal para você também.*, chegou outra mensagem dele.

Eu te amo, ela dizia.

Quase derreti de felicidade. Acrescentei ao final da minha *Eu também te amo. Beijo.*

Capítulo 23

Após um dia 25 cheio de preguiça, filme e sofás com cobertores, passamos os próximos três dias passeando e olhando a cidade coberta de neve. Mesmo tendo morado lá no último ano, fazer os passeios era sempre como a primeira vez. Nova York nunca perdia o encanto e a novidade.

Mateus não deu mais sinal de vida, nem eu. Resolvi dar um tempo para ele. Eu esperava que aquela história de “o segredo é deixar as borboletas virem até você” fosse verdade. Estava me fazendo de difícil, mas isso era muito complicado de fazer.

Dia 28 foi a cerimônia de encerramento do curso. O auditório da NYFA estava lotado com os alunos e familiares dos estudantes. Era engraçado, muitas culturas estavam representadas ali, pois na minha sala havia gente de todo o mundo.

Deixei minha família e fui me juntar aos “formandos”. Procurei o Mateus, mas não o encontrei em lugar nenhum. Será que ele não vinha?

Quando estava em fila, pronta para entrar (e morrendo de preocupação pelo Mateus não ter aparecido ainda), ele entrou correndo pela porta, meio apressado e desajeitado. Derrubou alguns casacos que tinha na mão. Me lembrei daquele primeiro dia de aula, quando eu não podia acreditar na "sorte" de ter aquele apertador de traseiros entrando na minha sala. E assim como naquele dia, quando ele levantou os olhos, os dele grudaram nos meus e nos encaramos por alguns segundos. Sorri por ele estar ali e pela lembrança agriçdoce de dias mais felizes. Ele sorriu de volta.

As duplas de trabalho estavam designadas a se sentarem juntas, então o Mateus ficaria ao meu lado. Não achei nada ruim. Ele foi em minha direção, estonteantemente lindo como sempre, disse "oi" e me deu um beijo na bochecha. Foi um beijo molhado, levemente sensual, não daqueles que a gente só encosta rostos e finge que beija. Fiquei até corada e senti o sangue correr mais quente nas veias. Eu sentia falta do seu toque. Para falar a verdade, eu sentia falta dele inteirinho.

Não falamos mais nada. Trinta segundos depois que ele entrou, tivemos que ir para o palco. Posso dizer que a cerimônia foi um saco, como todo evento desse tipo. "Senhores familiares é uma honra ter vocês aqui", "Foi um árduo e longo caminho", "Eles são todos vencedores", "Porque o estudo eleva a alma", blá-blá-blá. Mesmo nos Estados Unidos sempre era falada a mesma coisa. Eu só não dormi porque havia uma eletricidade entre mim e o Mateus. Eu nem estava mais prestando atenção ao que diziam. Ele, bem pertinho de mim, permanecia tão bonito concentrado, com os cabelos meio despenteados e com um cheiro tão bom que devia ser proibido. Esquecendo de que estávamos num palco cheio de gente e com uma plateia enorme, não resisti: no meio da cerimônia, puxei a cabeça dele e o beijei. E ele retribuiu.

Fiquei muito feliz, mas o problema foi o timing. Como não prestava atenção ao que o mestre de cerimônias estava falando, não percebi que na hora que fiz isso anunciavam que nós éramos os vencedores do prêmio-surpresa e todos os olhos, luzes e câmeras se viraram para nós dois. Ótimo. Como se eu já não tivesse atraído atenção demais para mim mesma nos últimos tempos. Se isso também se tornasse um viral na internet, jurei que nunca mais ligaria um computador na vida.

O apresentador, um tanto sem graça, não sabia o que falar. Ele nos olhou, nós o olhamos e foi aquele silêncio constrangedor em que você chega a escutar o barulhinho de grilos. Opa! Americanos são tão frios e sem demonstrações de afeto em público, né? Ele fez sinal para que nos levantássemos e fôssemos até lá. Querendo que um buraco se abrisse debaixo dos meus pés, fingi que aquela era a situação mais natural do mundo e fui andando com a pouca dignidade que consegui reunir no meu interior. Mateus fez o mesmo, mas dando um sorrisinho malandro para a plateia. Olhei de relance em direção à minha família e vi que a Bel estava segurando o riso. O lado bom é que o Mateus pegou a minha mão e andou comigo como um casal.

Fingindo que nada tinha acontecido, sorrimos amarelo para a bancada de professores que nos cumprimentava. Recebemos um certificado e posamos para fotos. Enquanto isso, o apresentador anunciava o prêmio: nosso vídeo/exposição seria apresentado na 35ª Mostra Anual de curtas de Nova York e ganhamos convites para a badalada festa de Ano-Novo da Broadway, em um hotel de luxo que tinha uma excelente vista para a Times Square e era ponto de encontro de famosos.

Como éramos o foco dos olhares, Mateus e eu não falamos mais nada até o final da cerimônia. Percebemos que até nossos colegas, que estavam acostumados com a nossa presença, olhavam o tempo todo. Me sentia um animal de circo com todos os olhos voltados para nós. A essa altura, eu já devia ter me acostumado.

Quando tudo terminou, em poucos segundos me perdi do Mateus. Foram muitas pessoas nos cumprimentando pelo primeiro lugar (e, no meu caso, fazendo piadinhas ainda sobre o meu traseiro e outras partes do corpo expostas para o mundo todo) e nos dizendo como éramos sortudos por termos nosso filme na 35o Mostra Anual de Curtas de Nova York.

– Isso é um honra! Eu visito a exposição todos os anos – disse algum dos meus colegas de quem eu nem sabia o nome, que nunca tinha falado comigo até minhas fotos vazarem. – Vocês vão ficar famosos!

– Como se eu já não estivesse... – murmurei.

Saí de perto dos colegas e dos professores e me dirigi para a minha família (Cadê o Mateus? Onde ele foi parar?). Enquanto abria caminho até eles, dei de cara com a Esther.

– Cunhadinha! Aliás, eu ainda posso te chamar assim? – Ela me abraçou enquanto dizia isso.

– Oi, Esther! Claro que pode. Aliás, eu não sei o meu status de relacionamento. Pergunta para o seu irmão. Talvez ele saiba. – E eu o procurava desesperadamente por cima dos ombros da irmã.

– Vem cá, eu quero te apresentar umas pessoas. – Me puxou pela mão entre a multidão.

– Quem?

– Meus pais. Eles estão loucos para te conhecer.

Estaquei.

– O quê? Esther, acho melhor não, ainda mais depois de tudo isso. O que eles vão pensar de mim, sabe? Com toda aquela história de suposta traição e fotos de nu.

– Larga de besteira. Eles estão do seu lado. Conte a sua versão da história. As gêmeas conversaram muito comigo e eu estou sabendo de tudo. Meus pais até estão brigando com o Mateus falando que ele é um mané por não ter voltado com você ainda.

– Sério? – Meu rosto se iluminou. – Mas, espera, não estou pronta para isso.

– Tarde demais. – Ela parou em frente a um casal muito bonito e alto. – Alice, esses são meus pais: Luciano e Lara. – Deu para perceber de onde aquele par de irmãos puxou a beleza. Reparei que nunca tinha visto foto deles.

– Alice, querida! – O pai dele me abraçou. Fiquei sem graça, mas o abracei de volta.

– Ah, oi, senhor Luciano.

– Por favor, não me chame de senhor. Você é muito mais bonita do que nas fotos!

– Pai! Não fala sobre isso. Olha como ela ficou vermelha – repreendeu Esther.

– Ah... Obrigada. É... Você viu? – perguntei morrendo de vergonha.

– Quem não viu? – E soltou uma risada alta.

– Alice, muito prazer! – A mãe dele me abraçou também. Que família carinhosa!

– Oi, dona Lara. Muito prazer!

– Dona, não, norinha – sorri quando ouvi aquilo. – Só Lara! Olha a minha idade! Posso conversar com você em particular um pouquinho? Prometo que vai ser rápido, imagino que seus pais queiram te encontrar.

– Claro.

Ai, não, minha sogra/ex-sogra que acabei de conhecer me puxando para um canto para um papo. Senti que ia acontecer algo ruim.

Fomos até um corredor de salas de aula mais vazio e nos sentamos num banquinho.

– Então, eu queria te agradecer – ela disse e me ofereceu um sorriso gentil.

Bem, não era bem essa a bronca que eu estava esperando.

– Agradecer? Mas por quê?

– Acredito que você saiba dos problemas pelos quais passamos nos últimos tempos, certo? Com a morte do Lucas, minha depressão e a deterioração do meu relacionamento com o meu filho mais velho.

– Sim, eu sei.

– Foi um período muito difícil para mim. Eu passei um bom tempo sem conseguir olhar para o Mateus sem culpá-lo pela morte do Lucas. Claro, eu amei meu filho mais do que nunca, sabia que ele precisava de mim, mas fiquei devastada que tudo aquilo tivesse

acontecido. Entrei em depressão profunda e isso quase me destruiu. Mas desde que vocês começaram a namorar, o Mateus voltou a ser aquele rapaz feliz que sempre foi. Você o despertou para a vida.

Lara começou a chorar. Vendo aquilo, não aguentei e eu também comecei a chorar.

– Desde que você entrou na vida do Mateus, ele tentou se reaproximar mais de mim. Ele não é de abrir seu coração e conversei pouco com ele no último ano, mas a Esther me falava por telefone como ele estava feliz e bem ao seu lado. Se não fosse você, não sei o que seria do meu filho. Quando eles foram nos visitar no início do mês, ele conversou sério comigo, querendo deixar todos os problemas para trás e voltamos a nos relacionar bem. Graças a Deus a minha depressão está controlada e estou quase conseguindo voltar a ser quem eu era antes. Desse modo, agora Mateus e eu estamos ótimos. Ele me disse que você é uma excelente influência e sempre estive ao lado dele, mesmo quando eu, que sou a mãe, não estava.

– Mas eu fiz mal ao seu filho nos últimos tempos, mesmo sem querer. Me desculpa por isso, por favor. Acho que no final fiz mais mal do que bem.

– Bobagem! Confesso que fiquei surpresa com tudo aquilo. No início fiquei muito decepcionada, mas a Esther conversou bastante comigo sobre o assunto. Até vi as fotos e o famigerado vídeo do Rap da Corna. Revistas de fofoca são cruéis, não apuram os fatos e aumentam tudo. E eu sei que vocês se amam e é tudo um mal-entendido. Dá para ver no brilho dos olhos de vocês. E em como vocês se agarraram no palco... – disse me oferecendo um sorrisinho malicioso.

– Lara, você não tem ideia do caos que estou enfrentando. E, como se não bastasse, Mateus não está do meu lado nesse

turbilhão. Estou sendo mostrada ao mundo quase como uma piranha, sendo que não fiz nada. Eu nunca trairia o Mateus, nunca.

– Imagino como tem sido difícil. – E ela passou a mão pelo meu rosto em sinal de compaixão. – O Luciano, a Esther e eu estamos do seu lado. O Mateus já está quase sendo convencido de que não importa o que os outros pensam, vocês têm que ficar juntos. Ele te ama, você sabe disso, não sabe?

– Sei, sim...

– Então, vai dar tudo certo no final. Agora vamos, que eu quero procurar o meu menino e a sua família deve estar louca atrás de você.

Levantamo-nos e ela me deu um abraço. Voltamos juntas para o auditório. O Mateus estava conversando com seu pai, irmã e amigos. Arregalou os olhos quando me viu com sua mãe. Dei um tchauzinho de longe e fui procurar minha família.

Chegando lá, tive uma grata surpresa: as gêmeas e a tia Wanda! E tive uma não tão grata surpresa: o Juan. Abracei todo mundo, recebi os parabéns, tudo isso enquanto tentava evitar o Juan. Estava um pouco brava com ele. Afinal, tudo era culpa dele e ele nem havia me ligado nos últimos dias para saber como eu lidava com a situação. Não teve como fugir por muito tempo, fui obrigada a falar com ele.

– *Corazón!* Que bom que você chegou. As gêmeas não param de me pedir em casamento.

– Elas não aprendem nunca, né?

– Parabéns pelo primeiro lugar. Eu sabia que você era um arraso.

– Obrigada.

– Posso conversar com você em particular?

Mais um que queria falar comigo. As conversas estavam sendo tão profundas que eu estava ficando com dor de cabeça.

– Sim. Vamos até algum lugar menos barulhento.

Dirigimo-nos ao mesmo banco que sentei com Lara e ficamos ali.

– E então, o que você tem para me falar? – perguntei, tentando soar fria.

– Quero te pedir desculpa. Eu não te dei apoio nos últimos dias. Estava viajando a negócios e nem pude dar atenção a esse caso que nos envolveu.

– Você é homem, é garanhão, é bilionário, não sofre as consequências do mesmo jeito que eu, Juan. Tem fotos minhas nuas por todo o mundo e não posso fazer nada sobre isso. As pessoas pensam que sou uma vadia.

– Eu sei. E devia ter agido melhor nessa situação, te dado mais apoio, feito alguma entrevista coletiva para esclarecer tudo, algo do tipo.

– Na verdade, não devia ter me beijado naquele dia.

– Me desculpe por isso também. Só que eu não me arrependo. Sou apaixonado por você. Tentaria te convencer de que você foi feita para mim quantas vezes fossem necessárias.

– Juan – suspirei alto –, eu não fui feita para você. Ao que tudo indica, fui feita para o Mateus. Eu o amo. Muito mesmo. Amo você também, mas não dessa maneira. Você é meu amigo, é um cara que

já beijei, mas não é o amor da minha vida. O Mateus é. Quem sabe uma das gêmeas não seja quem você procura?

– Não... Não são. Bom, tentei mais uma vez e levei outro fora, né? – Ele sorriu.

– É a vida. Eu já levei alguns foras.

– Você não pode me culpar por tentar, ainda mais depois que vi aquelas suas fotos...

E deu uma gargalhada com a sugestão de que tinha me visto sem a tarja preta. Ri de volta para ele. O clima entre nós já estava mais leve. Acho que finalmente ele tinha entendido que entre nós nunca aconteceria mais nada.

– Juan, por falar nessas fotos, você, como um gênio da computação, não tem como rastrear todas e, sei lá, apagar, explodir e fazer desaparecer da face da Terra?

– *Corazón*, sinto te informar que isso não é possível. Se tudo continuar como hoje em termos de tecnologia, até os seus bisnetos vão ver isso.

– Droga!

Já nos dirigíamos de volta para o auditório. Em clima de amizade, ele estava com os braços ao redor dos meus ombros. Eu só torcia para que ninguém tivesse tirado foto daquilo e colocasse na internet ou vendesse para alguma revista dizendo que “o amor estava no ar”.

Capítulo 24

No dia 31, de tarde, eu estava me perguntando como seria meu Ano-Novo com o Mateus na festa na Times Square. O primeiro problema era: como iríamos? Eu ligaria para ele dizendo: "E aí, vamos juntos?" ou "Gatinho, te pego às nove horas"? Não, horrível. Mas também não queria chegar lá sozinha, me perder dele e ficar olhando um bando de desconhecidos comemorando a chegada do novo ano enquanto eu ficava lá com cara de tacho me lembrando do meu Réveillon passado.

Enquanto debatia a situação comigo mesma, o Mateus resolveu esse problema por mim. Chegou uma mensagem no meu celular dizendo:

Alice, vamos juntos para a festa? Se estiver tudo bem para você, passo para te buscar às sete horas para não pegarmos trânsito, tá? Beijo.

Fiquei pulando e gritando pela casa igual a uma adolescente. Minha irmã até veio me perguntar o que tinha acontecido para eu

explodir de felicidade.

Passei o resto da tarde me preparando para a noite. Hidratei o cabelo, passei maquiagem, creme hidratante na pele, escolhi uma roupa linda (que seria escondida por grossos casacos, mas tudo bem).

Minha família tinha saído com a tia Wanda para uma festa em algum lugar de Manhattan. Alguns amigos milionários dela faziam uma festa em todos os Réveillons, cada ano na casa de algum deles, e ela convidou a todos nós. Eu não podia ir porque ia aproveitar o meu prêmio (e tentar seduzir o Mateus mais uma vez). Eles saíram antes de o Mateus chegar, e eu, já pronta, fiquei andando igual a uma barata tonta pelo apartamento até quase furar meus sapatos.

Meu celular apitou:

Já estou aqui embaixo com um táxi. Vamos?

Peguei a bolsa e o casaco e desci correndo. Estava ansiosa, animada, corada. Antes de sair do elevador, tentei aparentar calma, recato e um pouco de frieza para que ele não soubesse que eu estava desesperada. É claro que não consegui.

– Oi, Mateus!

– Oi, Alice!

Fomos nos cumprimentar com um beijo, mas os dois pareceram confusos sobre onde beijar. Rosto? Boca? Testa? Na dúvida acabei beijando o nariz dele. Como eu era idiota. Quem beija no nariz na hora de dar “oi”? Ele ficou rindo da minha cara, é óbvio.

O Mateus estava mais relaxado que eu (algo que não via há muito tempo), conversando quase normal, sorrindo e sendo o piadista de sempre. Achei que a noite realmente ia ser boa.

Por causa do trânsito e da festa na Times Square, o táxi nos deixou longe do ponto de entrada da festa, então fomos a pé. Estava muito frio, mas pelo menos não nevava mais.

– Posso pegar na sua mão para eu não me perder? – perguntei doce e inocentemente (claro que era fingimento. Queria mesmo era pegar na mão dele, mesmo de luvas).

– Eu já ia fazer isso. – E ele me deu um daqueles sorrisos de fazer meu coração explodir.

Não sabia bem onde era a festa, mas tinha a impressão de que estávamos indo na direção contrária.

– Mateus, sei que não sou nenhum GPS e vivo meio perdida, mas o hotel da festa não é do outro lado?

– Não, é logo ali. Vem.

Achei que ele estava errado, mas não quis discutir. Homens são melhores de direção do que mulheres, e mais do que eu ainda.

Distraída conversando sobre amenidades, sentindo sua mão na minha e olhando para aquele lindo rosto, nem percebi onde estávamos quando ele de repente parou.

– Chegamos – ele disse.

Olhei ao redor e estávamos no meio da rua, não num hotel quentinho onde poderia tirar o casaco e ele ver meu lindo vestido creme de bandagem decotado nas costas e bem justo.

– Bom... Sem querer reclamar, mas aqui não é o hotel.

– Eu sei, mas é aonde eu queria vir.

Sem entender nada, comecei a reparar onde estávamos parados. Exatamente no lugar onde nos conhecemos há exatamente

um ano. Pensando bem, aquilo era ainda melhor do que a festa badalada.

– Foi aqui que eu te vi pela primeira vez quando apertei sua bunda – Mateus respondeu ao meu olhar silencioso de dúvida. – E foi ali – ele apontou para um espaço a uns cinco metros de nós – onde você me agarrou à força e me beijou. – E sorriu para mim.

– Foi a primeira vez que te vi e senti um ódio profundo. – Eu também sorria para ele.

– Mas isso só porque o ódio é o sentimento mais próximo do amor. E você ficou tão loucamente apaixonada por mim desde aquele momento que só soube se expressar por meio da raiva.

– Você é tão insuportável, Mateus. – Revirei os olhos fingindo contrariedade.

– E a senhorita não é nenhum doce. – Ele revirou os dele em resposta.

– E eu que naquela época achava que a minha vida estava complicada... Pelo menos a minha "fama" era só nacional e sem fotos comprometedoras!

– Aquele dia eu ainda estava deprimido, mas vi em você uma forma de ficar feliz de novo. Acho que no final das contas um ajudou o outro a superar problemas.

– Sim, foi isso o que aconteceu.

– Passei as últimas semanas alternando raiva e tristeza, Alice. Como isso tudo podia ter acontecido? As fofocas, as revistas, as fotos, os telefonemas e as reportagens. Eu sempre te amei muito, durante todo esse tempo, e tentei deixar tudo mais leve para você, mas eu não conseguia deixar de lado e passar por cima. Ao mesmo

tempo que quis te abraçar e dizer que tudo ia ficar bem, nem eu mesmo conseguia acreditar.

– Eu entendo.

– Se para mim foi difícil, imagina para você que estava muito mais exposta.

– É, minha vida não tem sido um arco-íris. E tudo complicou ainda mais por não ter você ao meu lado. Pensei que até tinha me abandonado.

– Não, confesso que eu bem que tentei te deixar, mas não consegui. De qualquer modo, sempre dava um jeito de tentar amenizar as coisas, como quando retirei os cartazes dos corredores.

– Percebi aquele dia que você tinha feito isso. Nunca te agradei. Então, obrigada.

– Apesar de ser louco por você, no dia da cerimônia eu queria terminar. Não aguentava mais ser motivo de piada entre os meus amigos. Toda hora que abria o meu e-mail, tinha alguém me enviando alguma foto sua. Graças a Deus, deletei meu Facebook muito tempo antes disso tudo começar. Meus pais e a Esther acharam que era besteira minha, mas estava determinado a pôr um fim. Só que quando você me beijou no palco, fiquei estremeado. Quando descobri que o prêmio tinha a ver com a Times Square no Ano-Novo, imaginei que tivesse a ver com destino ou algo do tipo e repensei a vida. Quando vi você voltando da conversa com a minha mãe, resolvi que seria melhor conversarmos de uma vez por todas e ver o que íamos fazer. A Esther viu como eu fiquei olhando você se afastar, com “cara de bobo”, de acordo com ela, e disse: “Mateus, larga de ser burro e vai logo atrás dela”. E eu fui te procurar.

– Mas não te vi depois que te dei tchau de longe.

– Quando me aproximei de onde você estava, vi que o Juan estava te levando para um canto para conversar ou te agarrar, não sabia qual das opções, e isso me deixou louco. Fiquei furioso e os segui. Queria dar um soco na cara dele e terminar com você de uma vez por todas. Só que comecei a escutar a conversa de vocês. Eu sei, não foi meu momento de maior maturidade, escutar escondido o papo dos outros, mas não resisti. E fico feliz que tenha feito isso. Ouvi como você falou de mim, de como me amava e me queria. Percebi mais do que nunca que apenas ele sentia algo por você e não era recíproco. Já sabia que você estava sofrendo, mas naquele momento tive a verdadeira dimensão do que sentia e percebi que sentia o mesmo, que não me importava se o mundo achava que você estava grávida de quintuplos dele. Eu queria você e ponto final.

Meus olhos estavam cheios de lágrimas. Eu estava com um sorriso grudado no rosto, e nem se quisesse conseguiria desmanchá-lo.

– Eu não aguentava mais te ver chorando. E não aguentava mais chorar, algo que se tornou muito comum – ele acrescentou.

– E por que você não veio falar comigo naquele dia, para acabar de uma vez com o sofrimento de nós dois?

– Não brigue comigo, mas achei que seria muito mais romântico e simbólico fazer as pazes hoje, no Ano-Novo, no lugar onde nos conhecemos.

Não tinha como eu brigar com ele, ainda mais depois de tudo o que ele falou. Mateus estava com as mãos dentro do bolso do sobretudo preto, com o nariz vermelho do frio e os cabelos bagunçados por causa do vento. Seus olhos verdes brilhavam com a intensidade do momento e um sorriso brincava em seus lábios, esperando que eu dissesse algo. Lindo como sempre. Realmente, eu

era muito sortuda por ter aquele homem lindo, divertido, romântico, doce e interessante na minha vida.

– Sim – respondi –, você tem toda razão. É muito mais romântico desse jeito.

E como há exatamente um ano, eu praticamente pulei em cima dele, agarrando-o com vontade, com paixão e amor. E ele retribuiu a intensidade, é claro. Lágrimas rolavam pelos meus olhos, mas dessa vez eram de felicidade, então não me importei.

Foi um daqueles beijos que daqui a cinquenta anos vamos nos lembrar e ainda sentir um formigamento na barriga. As pessoas ao nosso redor olhavam o casal que praticamente se engolia, mas eu nem me importava. Só esperava que não virasse algum hit do YouTube outra vez.

Ficamos assim por muito tempo, cinco, dez, talvez quinze minutos. Eu não queria soltar o Mateus nunca mais. Eu o queria, ele me queria e tudo no mundo se encontrava no lugar outra vez. Ele estava ao meu lado e nada mais importava, nem fotos de nu, revistas ou vídeos. Nossas bocas só se desgrudaram quando alguém gritou “arrumem um quarto” e percebemos que talvez estivéssemos exagerando.

– Eu te amo muito, Alice.

– Eu também te amo, Mateus. E já estava louca sem você.

– Não mais do que eu. Morri de saudade. A sua falta chegava até a doer fisicamente.

E ficamos nos beijando mais um tempão.

– Agora que estamos bem outra vez e o gesto romântico foi feito, o que você acha de irmos para a festa no hotel? – ele disse.

– Ótima ideia. Aqui está muito frio e você precisa ver como eu me vesti para “matar”.

– Querendo me seduzir, senhorita Alice?

– Mas é claro, senhor Mateus. Sempre.

Fomos para a festa. Estava linda e lotada, cheia de gente rica, famosa e influente. Algumas pessoas pediram para tirar foto comigo e até mesmo o meu autógrafo. Fiquei com medo de que o Mateus ficasse bravo ou chateado com isso, porque lembraria a nós dois de tudo o que deixávamos para trás, mas ele só ria. Quando perguntei se isso o incomodava, ele respondeu:

– Não mais. Quero mais é que as pessoas saibam que aquela gostosa das fotos é minha, não do Juan. Que ele pode até ser riquíssimo e bonito, mas é comigo que você escolheu ficar.

Sorrimos um para o outro em clima de cumplicidade, nos beijamos e continuamos a curtir.

No salão de festas havia uma grande parede de vidro com vista para a Times Square, bem em frente ao palco. Próximo à meia-noite fomos para lá ver a festa do lado de fora e fazer a contagem regressiva até a bola cair.

– Dez, nove, oito, sete... dois, um!

– Feliz Ano Novoooooooo!

E ele me beijou com delicadeza e depois com força. Todos ao nosso redor gritavam, jogavam confetes, abraçavam, mas nós criamos um momento só nosso.

– Eu não podia deixar você me agarrar dois anos seguidos na hora da Virada. Onde ficaria a minha masculinidade?

– Já te disse. Ano passado eu te agarrei por mera tradição, não porque estava a fim de você.

– Sei, conta outra, Alice. Bom, agora que deu meia-noite, tenho uma surpresa para você.

– Mais uma?

– Sim, eu sou um homem surpreendente.

– Não posso dizer o contrário.

– Vem cá!

Fomos até o elevador. Quando entramos, o Mateus pegou o cachecol que estava em seu pescoço e amarrou ao redor dos meus olhos.

– Se você espiar, eu cancelo a surpresa, entendido?

– Entendido.

Quando ele teve certeza que eu não via nada, me deu um apertão no bumbum.

– Ei! – protestei rindo.

– Bom, só para não perder o costume. Talvez isso vire uma tradição nossa de Ano-Novo.

Senti que o elevador subia e esperei alguns segundos quicando de ansiedade. Sempre muito curiosa, refreei o meu impulso de perguntar aonde íamos.

As portas se abriram, ele pegou minha mão e foi me puxando. O lugar estava silencioso. Adivinhei que andávamos em algum corredor de quartos do hotel. Ouvei o barulho de um clique de fechadura eletrônica e ele me conduziu porta adentro. Quando tirou

minha venda, dei de cara com um quarto lindo e quentinho cheio de velas e música ambiente.

Maravilhada, entrei e comecei a olhar ao redor. No meio da enorme cama tinha um pacote de chocolates Godiva e um cartão. Olhei interrogativamente para o Mateus e ele fez um sinal para que eu o abrisse. O cartão dizia:

Alice, minha namorada (sim, você ainda é minha namorada e espero que seja até se tornar minha esposa, um dia), me desculpe por não ter dado meu apoio incondicional nessa situação tão delicada que nós vivemos. O meu ego masculino falou mais alto e me deixei levar pelos comentários de pessoas que não tinham nada a ver conosco.

Se for da sua vontade, prometo te mimar muito até que me perdoe por essa falta que, a meu ver, é imperdoável. A começar o trabalho com esses chocolates, palavras bonitas e uma noite incrível neste hotel. Você deixa tentar me redimir?

Te amo muito.

Beijo, Mateus

P.S.: A propósito, feliz Ano-Novo, meu amor! Que ele seja feliz.

– Sabe... – falei depois de ler o cartão pelo menos duas vezes, me deliciando com cada uma daquelas palavras. – Acho que posso

tentar deixar você me mimar por uns tempos. Fiquei muito chateada, sabe?

– Já que você me deu a chance de redenção, preciso começar...

Mateus se aproximou e colocou os braços ao redor da minha cintura.

– Realmente, você está vestida para matar.

– Isso foi um elogio real ou parte do puxa-saquismo do processo de redenção?

– As duas coisas.

Quando começamos a nos beijar, não paramos até que o sol já quase nascia.

Capítulo 25

Acordamos depois do meio-dia naquele 1º de janeiro de 2014. Eu acordei um pouco antes e passei alguns minutos vendo o Mateus dormir com aquele sorrisinho que eu tanto gostava. Seus cabelos caíam em cima dos olhos e ele respirava fundo. Pensei que a vida não podia ser melhor outra vez.

Para celebrarmos nossa volta (mesmo que não tivéssemos terminado oficialmente) e o ano recém-chegado, organizamos um jantar no apartamento da tia Wanda com as duas famílias e alguns amigos mais próximos. Foi uma noite de paz e alegria, com as pessoas se divertindo. Fazia um bom tempo que eu não me sentia tão tranquila, e foi a primeira vez em semanas que não chorei, nem de felicidade.

No dia 2 de janeiro, meus pais e a família da minha irmã foram embora. Todos precisavam voltar ao trabalho. Meus pais foram para a Tailândia e minha irmã para o Brasil.

No dia 3, a família do Mateus ia para Orlando passear na Disney. Como ele e eu tínhamos terminado o curso, não tínhamos emprego para o qual voltar e estávamos à toa, fomos com eles.

Foi uma semana de muitos parques e montanhas-russas. Minha vida tinha mudado tão drasticamente desde o dia 31 de dezembro que quase me esqueci de todos aqueles problemas. Mas foi quase, porque quando estávamos saindo de Orlando, no aeroporto, fui até a banca comprar algumas revistas. Enquanto escolhia, bati o olho na *Hello*, que havia algumas semanas tinha quase estragado a minha vida. Na capa tinha uma atriz de Hollywood saindo da reabilitação. No canto inferior direito uma foto minha e do Mateus.

Ai, não, de novo não!

A legenda dizia: "*Ex-noiva* (Noiva? Ah, como esse povo inventava!) *de milionário espanhol é vista com outro em badalada festa de Ano-Novo*". Bom, pelo menos ali dizia que eu era ex, então o mundo não ia mais achar que eu estava traindo o Juan.

Procurei a reportagem. Havia três fotos estampando a matéria e todas na festa de Ano-Novo. O Mateus e eu nos olhando amorosamente, nos beijando enquanto confetes caíam, e a última, nós entrando no elevador e eu sendo vendada. Aquelas, sim, eram fotos bonitas. Comecei a ler a matéria.

Alice Polleto, brasileira e ex-noiva de Juan Canavarros, estava curtindo o Ano-Novo ao lado de um novo affair. O rapaz, que fontes dizem também ser brasileiro, é colega de faculdade da moça que teve fotos nuas espalhadas pela internet. Uma amiga que não quis se identificar afirmou que eles estão felizes, fazem planos de se casar e que o rapaz vai cuidar dos filhos dela como se fossem seus.

Mas a dúvida que fica é: ela realmente está grávida? Alice afirma categoricamente que não.

Enquanto isso, Juan Canavarros foi visto em um cruzeiro pelas ilhas gregas acompanhado por muitas mulheres e champanhe. Acho que Alice é página virada na vida do espanhol.

Agora ficamos no aguardo da capa de Alice Polleto na Playboy. Há rumores de que as negociações estão avançadas.

Ri e comprei a revista. Mostrei para o Mateus e ele riu mais ainda.

– Bom, agora o mundo tem certeza de que você é minha, não dele. E que história é essa de Playboy? Tem alguma coisa que você precisa me contar?

– Não, chega de fotos sensuais. Essa história surgiu do mesmo lugar da minha gravidez de quintuplos: da mente fértil de algum jornalista que queria vender revistas.

– Será que agora que você namora um anônimo as pessoas vão se esquecer de você?

– É tudo o que eu mais quero.

Por via das dúvidas, mantive meu celular desligado nos próximos dias. Vai que algum jornalista descobrisse o meu número novo?

Voltando a Nova York, curtimos alguns dias de folga. Apesar da felicidade total, um quê de melancolia estava presente, pois a volta ao Brasil se aproximava. Arrumamos malas, empacotamos e nos despedimos dos nossos pontos turísticos preferidos.

Tia Wanda não tinha ido embora desde o Ano-Novo, por isso aproveitamos sua companhia ao máximo. Despedir-me dela foi muito difícil, porque sentia como se ela realmente fosse minha tia. Prometemos nos encontrar sempre que fosse possível.

– Querida, você é a sobrinha que eu nunca tive – ela me disse certa noite. Depois parou e pensou um pouco. – Não, espera! Eu tive a Ana. Nossa, que lapso. Não conte para ela. Você é a outra sobrinha que eu nunca tive. Gosto tanto de você que quero te levar para conhecer todas as minhas casas! Então você vai ter que passar muito tempo comigo ainda.

Saímos com alguns amigos da NYFA, com os vizinhos do Mateus e passamos muito tempo com Clara e Mimi, que também estavam quase voltando para o Chile.

– Saibam que minha casa está aberta para vocês duas, ouviram? – eu disse a elas.

– E a nossa também. Vamos sentir muito sua falta – respondeu Clara.

– É, você era a nossa noção de juízo por aqui – completou Mimi.
– Seremos terríveis outra vez no Chile.

– Podemos fazer um intercâmbio no Brasil? – Clara perguntou.

– Claro. São mais que bem-vindas.

– Tem mais “Mateus” por lá? Se tiver, eu vou fácil! – brincou Mimi.

– Nossa! Eu também – concordou Clara.

– Bom, igual a ele não tem, mas posso encontrar alguns parecidos para vocês.

– Ótimo. Vamos conversar com o papai para irmos no próximo semestre. Ele diz que Santiago não é a mesma sem a gente. Diz que tudo fica calmo demais, mas com certeza vai deixar. Ele só dorme bem quando sabe que não estamos tentando botar fogo na empresa dele.

– Nós te amamos, Alice – disseram, como quase sempre, em uníssono.

– E eu amo vocês, suas malucas!

Demos um abraço triplo que durou minutos e choramos juntas. Fazia apenas um ano que eu as conhecia, mas parecia uma vida inteira. Com certeza, não perderia o contato com elas.

– Mateus – chamei-o enquanto esperávamos o avião para voltar para o Brasil.

– Fala, meu bem.

– Como vamos fazer quando chegarmos lá? Namorar à distância?

– Não sei ainda. Você nunca pensou em se mudar para São Paulo? Com certeza há espaço lá para você que é tão famosa. – Ele estava rindo de mim.

– Sim, já pensei. E depois de morar em Nova York, não sei se queria voltar para um lugar tão pequeno como Cuiabá, ainda mais quando meus pais não têm nem ideia de quando voltam da Tailândia. Bom, de qualquer modo, vou para minha cidade por uns dias, pelo menos para reorganizar minha vida e vou tentar te encontrar em São Paulo, combinado?

– Combinado.

Passei uns dias na companhia da minha irmã na casa dela (pois a minha estava alugada enquanto ninguém voltava para Cuiabá). Vi alguns amigos, me encontrei várias vezes com a Ana e visitei meu antigo emprego. O Allan quase enfartou quando me viu.

– Meu amor! Que saudade! Agora que virou celebridade internacional não pode esquecer de mim, viu?

– Claro que não, Allan. Você sempre será o meu chefe preferido.

– Pode me contar tudinho do espanhol gostoso.

– Ah, é porque você não viu o brasileiro gostoso.

– Tem mais um? Triângulo amoroso? Conte-me os detalhes picantes.

Epílogo

Quando os jornalistas souberam que eu estava de volta e descobriram meu telefone, não pararam de me ligar. Acabei aceitando dar algumas entrevistas e o Mateus concordou. Ele disse que eu realmente tinha que falar do meu lado da história. Ia ter que reviver toda aquela confusão, mas era por uma boa causa, para pôr um ponto final de uma vez por todas. A vantagem é que quase todas foram em São Paulo, então pude ver bastante o Mateus.

Claro que nas entrevistas me perguntaram sobre as Playboys (e a revista brasileira realmente me fez um convite. Apesar de me sentir lisonjeada por me acharem bonita o suficiente para ela, é claro que não aceitei), sobre o Leandro e o Rap da Corna, sobre o Latino gravar a música (ele me ligou pedindo para que eu participasse do clipe. Educadamente, recusei também), sobre o Juan, sobre as fotos de nu e sobre toda a parte ruim da viagem. Mas, depois de um tempo, também pude falar sobre o Mateus, sobre minha reação em relação às fofocas, sobre o curso, sobre meu projeto e sobre minha vida em Nova York. Eu que antes tinha pavor

de me tornar uma celebridade, acabei não odiando mais ver meu rosto na TV quando o assunto não era tão polêmico.

Certa tarde, depois que o Mateus saiu do processo seletivo de uma vaga de emprego, estávamos passeando no Parque do Ibirapuera. Meu telefone tocou.

– Alô.

– Alice Polleto?

– Sim, é ela.

– Oi, meu nome é Marina Barreto, da São Paulo TV, um canal fechado. Tudo bem?

– Tudo, Marina.

– É o seguinte. Analisando suas entrevistas em outras emissoras e vendo sua formação em jornalismo e no curso de Nova York, queríamos te convidar para apresentar um programa de televisão. O que você acha? Estamos há tempos organizando isso, mas ainda não tínhamos escolhido um apresentador, e você se encaixa no perfil. É de variedades, entrevistas, nada muito revolucionário e grande, mas vai ser interessante. Você aceita vir conversar comigo para vermos os detalhes?

– Claro, Marina. Tenho muito interesse.

– Vou marcar uma reunião para amanhã. Posso te mandar o endereço por mensagem depois?

– Combinado.

Desligando o telefone, me virei para o Mateus.

– O que aconteceu para você estar com esse sorriso tão grande? Mais uma entrevista?

– Pode-se dizer que sim. Entrevista de emprego.

– Aqui em São Paulo? Jura?

– Aham! Querem que eu apresente um programa de televisão. É pequeno, de um canal fechado, mas, ao que tudo indica, você vai ter que me aguentar aqui por muito, muito tempo.

– Acho que posso suportar isso... – Ele me abraçou e nos beijamos.

Enquanto estávamos no clima envolvente do beijo e de uma sensação de final feliz, alguém que caminhava perto de nós dois passou escutando música alta no celular:

Sou Alice, corna mansa

Não ganhei uma aliança

Agora tenho um par de chifres

Eu mesma vi, ninguém me disse...

Era a versão do Latino para o Rap da Corna. O Mateus parou de me beijar e começou a rir.

– Ahhh, não! – reclamei sem acreditar no que eu escutava.

– É, acho que isso vai te perseguir por um bom tempo. Músicas do Latino grudam na cabeça.

– Apesar de tudo de bom que aconteceu por causa dessa música, vou odiá-la para sempre!

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.



*Sou bonitinha, atrevida, mas meu homem me traiu
Com a Amanda, minha amiga, onde é que já seu viu?
Óxigenada e baranga, o meu homem ela roubou
Mas, muito antes disso, ele me trocou*

Ah, não! Essa música, não!

Alice cresceu apaixonada por Nova York. Mas sempre que tentava ir à Big Apple acontecia algo para atrapalhar seus planos. Quando um vídeo na internet fez com que ela virasse a piada de sua cidade e também do país, largou tudo e finalmente foi para Manhattan passar um tempo e tentar ser “esquecida por todos”.

Estudando numa universidade americana, com novos amigos, um lindo namorado e um apartamento de cair o queixo, Alice pensou que tinha deixado o passado um tanto comprometedor para trás. Só que não foi bem assim que aconteceu. Ela não era mais anônima nem mesmo na nova cidade.

 novo século®

www.novoseculo.com.br

ISBN - 978-85-428-0097-5



9 788542 800975